



LOLA SALGADO

UM CONTO DE
A LINGUAGEM DO AMOR

AS
PEQUENAS
coisas



LOLA SALGADO

UM CONTO DE
A LINGUAGEM DO AMOR

AS



PEQUENAS

coisas



Copyright © 2018 Lola Salgado

Capa: Lola Salgado

Revisão: Increasy Consultoria Literária

Diagramação Digital: Lola Salgado

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com a realidade é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.

Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes — tangíveis ou intangíveis — sem autorização da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98, punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Sumário

[Capítulo 01](#)

[Capítulo 02](#)

[Capítulo 03](#)

[Capítulo 04](#)

[Capítulo 05](#)

[Capítulo 06](#)

[Capítulo 07](#)

[Capítulo 08](#)

[Capítulo 09](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Epílogo](#)

[Agradecimentos](#)

[Playlist](#)

[Sobre a Autora](#)



Capítulo 1 - Rebecca

Sei que cê não gosta dessa história de vai e vem

(...)

De noite você sonha com a vida que você quase tem

Meu bem, quase já é muito bom

Mallu Magalhães — Vai e Vem

Remexi-me na cama, despertando suavemente de um sono profundo e sem sonhos. Estiquei-me pelos lençóis, a procura de Chewie, mas, em vez disso, encontrei apenas o vazio deixado por ele. A cama ficava imensa sem todo o seu tamanho para preenchê-la. Eu detestava. Era difícil pegar no sono sem seus braços quentes ao redor do meu corpo. Mas, acredite em mim, era pior ainda despertar sozinha e encarar mais um longo dia sem ele.

Abri os olhos, lamentando sua ausência. Tomei seu travesseiro nas mãos e o abracei com força, sorvendo o resquício de seu perfume amadeirado tão familiar e delicioso. Esfreguei o rosto, tirando o cabelo grudado na testa, e virei de barriga para cima, para observar o teto, sem lutar contra o mau humor que me dominava aos poucos.

Depois de quatro anos de uma rotina maluca, repleta de viagens e compromissos em lugares diferentes do mundo, a excitação do começo se esvaiu, dando lugar a uma frustração enorme sempre quando nos separávamos. Lembrava uma época não tão feliz de nossas vidas. Quando as

cartas eram um dos poucos motivos de felicidade. Mas agora, que nossas vidas tinham se entrelaçado de maneira definitiva e permanente, eu só podia lamentar esses desencontros.

Eu tentava acompanhar Adônis quase sempre. Só que as vezes não restava outra alternativa além de ficar, já que também tinha meus próprios compromissos. Era o caso de agora. Não pude viajar com ele porque tinha prazos para cumprir — estava atrasadíssima com o livro novo — e não conseguia ser produtiva quando viajava com os meninos. Nem tinha como, para ser sincera. Era um desperdício acompanhá-los sem fazer parte de toda a algazarra.

Fazia duas semanas desde que nos despedimos com beijos repletos de saudade precoce, mas, para mim, parecia mais com um ano inteirinho.

Além do mais, tinha também o fato de eu estar um pouco cansada de toda aquela loucura. Eu queria que pudéssemos ficar mais tempo sozinhos, na tranquilidade de nosso apartamento e não nos incontáveis e impessoais quartos de hotel.

Não se tratavam de reclamações, nem nada do tipo. A verdade é que, aos vinte e oito anos, eu já tinha passado tempo demais em salas de espera de aeroportos, assim como nos backstages, ouvindo a Tyrannosaurs tocar o mesmo setlist de sempre, ou então com o bumbum amassado em viagens longas demais para serem divertidas. Isso sem contar nas horas mal dormidas, nas olheiras acumuladas e todo o resto.

Não era pecado ansiar por um pouco de sossego.

Aquela sempre foi a nossa realidade e, de repente, eu queria coisas novas. Queria que fôssemos menos diferentes, e mais tradicionais. Pelo menos um pouquinho.

Suspirei, escondendo o rosto com o lençol.

Estiquei o braço, procurando o celular e os óculos sobre o criado-mudo. Ainda escondida embaixo do lenço, espreguei os olhos com a luz forte do visor. Meus dedos foram rápidos em digitar a mensagem.

Estou morrendo de saudade.

Falta muito para ter meu Chewie de volta?

Apertei o botão para enviar, sem saber quanto tempo levaria para ter uma resposta. Às vezes, eu dava sorte dele estar com o celular na mão e responder na hora. Mas esses momentos eram bem raros. Na maior parte das vezes, precisava me contentar com respostas depois de horas. Há muito tempo desisti de tentar acompanhar o fuso horário, afinal Adônis estava cada dia em um lugar diferente. Eu me forçava em não ficar chateada, porque essa era a nossa vida. Ele também recebia respostas atrasadas e sentia saudade. Não tinha muito o que ser feito.

Quando eu parava para pensar nisso, sentia um pouco de culpa, porque parecia que era ingrata, quando, na verdade, tinha todos os motivos do mundo para ser feliz.

Diante das infinitas coisas boas em nossas vidas, as pequenas que não iam tão bem se sobressaíam. Por que os seres humanos têm essa mania de voltar toda a atenção para o que não está tão legal, em vez de fazer logo o contrário?

O problema é que a felicidade não é sólida e inatingível como uma parede de concreto. Pelo contrário. A vida é inconstante e, mesmo nos momentos mais felizes, existem espaços de vazio e

incerteza.

Eu tentava fixar na mente o mantra de tudo bem não estar sempre bem. Porque aquela foi uma das maiores lições que aprendi com Adônis. E mesmo depois de tantos anos, ainda parecia errado não sorrir o tempo todo. Como se eu não tivesse o direito de me sentir desanimada pelo rumo que nossas vidas haviam tomado.

Tantas pessoas queriam estar no meu lugar.

Resignada, afastei o lençol e me forcei a levantar e encarar o dia, embora eu não estivesse tão animada assim. Já em pé, calcei as pantufas de dinossauro — um presente de Chewie —, e só então me dei conta de que faltava mais alguém na cama comigo. Castiel.

Onde esse fedelho se meteu?

Estreitei os olhos, estranhando sua ausência.

Aquela bolota de pelos nunca me largava. Ele sempre dormia entre meus braços, como se fosse um enorme brinquedo de pelúcia. Era graças a ele que meus dias sem Adônis não eram assim tão miseráveis — Castiel era um parceiro e tanto.

— Você roubou o meu melhor amigo, donzela. — Chewie costumava reclamar, vez ou outra, quando se dava conta de quão unidos nós nos tornamos. — O que você andou fazendo para esse ingrato me trocar, hein?

Ele sempre se fingia de ofendidíssimo, mas eu sabia que no fundo ele se sentia aliviado pela companhia que Castiel me fazia. Afinal de contas, aquele gato temperamental já tinha servido de ombro-amigo várias e várias vezes para Adônis, no passado. E agora, eu é quem precisava mais, ou acabaria surtando por ficar sozinha.

Arrastei os pés para fora do quarto, esfregando os olhos por baixo dos óculos para afastar o restinho de sono. Perdi bons minutos caçando-o em seus lugares prediletos — em cima da geladeira, dentro das pias dos banheiros e na estante de livros, depois de derrubar uma dúzia deles para conseguir encaixar seu corpo roliço entre as prateleiras —, mas não o achei em lugar algum.

Como é possível um gato tão gordo sumir dentro de um apartamento?

Era minha terceira volta pela casa, quando vi a pontinha do seu rabo embaixo do sofá. Abri um sorriso, ajoelhando para espiá-lo lá embaixo.

— Parece que mais alguém acordou azedo hoje — falei, com o tipo de voz fininha que as pessoas usam com animais e crianças.

Mas então senti um nó na garganta quando meus olhos o encontraram. Pela primeira vez na vida, Castiel tinha vomitado. E era como se ele estivesse tentando compensar todos os anos em que não o fez, porque, céus, eu nem conseguia acreditar que tudo aquilo tinha saído dele.



Capítulo 2 - Rebecca

*A qualquer instante
Tudo que você tem a fazer é me ligar
E eu estarei lá*

The Beatles — Any Time At All

— Chewie?! — exclamei, assim que ele atendeu a chamada.

— Mhmmm? — resmungou do outro lado da linha. Eu o conhecia bem o suficiente para deduzir que não tinha despertado por completo. Encontrava-se naquele modo zumbi, meio dormindo, meio acordado. Era inútil conversar com ele nesse estado, porque ele não se lembrava de nada depois.

— Você estava dormindo? — perguntei, só para forçá-lo a despertar.

— Como você é perspicaz! — provocou, com a fala enrolada de sono. E, mesmo com o coração do tamanho de uma ervilha, não pude evitar o sorriso fraco.

Os anos passavam e ele não mudava nadinha.

Em outra ocasião, eu teria entrado na brincadeira e talvez destacado o quanto ele honrava seu apelido de Chewbacca. Mas, ali, era quase impossível sentir qualquer coisa além da angústia esmagadora e a negação. Meus olhos foram parar em Castiel dormindo a sono solto sobre a mesa de metal da clínica veterinária e crispei os lábios, sentindo o estômago gelar de medo. Mordisquei o lábio inferior, puxando uma pele solta de levinho. Mesmo depois de tanto tempo, eu não tinha

conseguido me livrar do péssimo hábito. Talvez nunca conseguisse. Era só ficar nervosa para descontar em minha boca. Nessas ocasiões, Adônis começava a me chamar de vampira e só parava quando os machucados saravam outra vez.

A linha ficou em silêncio por um momento, enquanto meus dedos passeavam nos pelos macios de Castiel. Soltei um suspiro, esquecendo-me por um momento do telefone preso a orelha.

— Ei — Adônis chamou, com a voz bem mais desperta que segundos atrás. — Tudo bem?

— Você precisa voltar — resmunguei, sem saber muito bem como contar para ele.

— Estou quase, donzela. Depois de amanhã vamos gravar um programa na rádio local, e na quinta é nosso último show. Depois disso sou todo seu.

Fechei os olhos. Estava exausta e tão, tão triste.

Nessas horas eu odiava morar longe de todo mundo. Se ainda estivéssemos no Brasil, seria bem mais fácil... eu teria meus avós. E também Arthur e Nataly; minha segunda família. Mas ali, naquele país frio e distante, eu tinha apenas conhecidos. Nem mesmo chegavam a ser amigos próximos. E isso fazia total diferença. Era por isso que eu vinha me sentindo tão sozinha ultimamente.

Pouco mais de dez horas de viagem me separavam das pessoas que eu mais amava no mundo, depois de Adônis. Dez horas era muita coisa.

— Você precisa voltar — repeti, dando ênfase para ele entender a urgência das minhas palavras, mas minha voz morreu na garganta.

Adônis vivia dizendo que Castiel tinha sido essencial na época mais sombria de sua vida. Eu sabia que sim. Aquele gatinho era de outro mundo. Ele parecia entender cada coisinha dita por nós, além de nos conhecer bem o suficiente para nos acalantar nos momentos difíceis. Castiel cuidava mais de nós dois do que o contrário.

Além do mais, quando conheci Adônis, ele veio junto. Fazia parte do combo. Eu queria que nossa convivência fosse eterna e me recusava a acreditar em uma vida sem ele, porque, caramba, Castiel fazia parte da família. Tinha feito parte de nossa história, cada vez que Chewie o usava como desculpa para justificar seu interesse quando tudo ainda era complicado para nós dois.

E o principal de tudo era que despedidas não eram bem o meu forte. Odiava a perspectiva de estar próxima do fim, sem poder fazer nada a respeito. A familiaridade com o passado — porém de uma maneira bem mais cruel — arrancou um sorriso mordaz dos meus lábios.

A vida as vezes tinha dessas... nos chacoalhava de ponta cabeça só para lembrar que as coisas nem sempre são como desejamos e nada é permanente. Sejam os momentos ruins, ou os bons.

Quando se está em uma maré boa, nos esquecemos disso. Abraçamos a ideia convidativa de que tudo vai ficar bem para sempre. E que os pequenos empecilhos pelo caminho são todo o problema com o qual será preciso lidar.

E, bem, não funciona assim.

Ninguém fica estagnado em uma única frequência, porque, dessa forma, como seria possível evoluir? Como dizia vovó, e eu tentava sempre carregar isso comigo, os momentos ruins servem para intensificar os bons.

*Só que, droga, na teoria era tão mais bonito que na prática.
Na prática, eu só conseguia segurar minha vontade de chorar, usando de todas as minhas forças para me manter forte perto de Castiel.*

Não posso fraquejar agora.

Não é isso que as heroínas fazem.

Chewie ficou em silêncio, como se esperasse minha explicação.

Mas eu não queria repetir todas as palavras do veterinário. Não queria porque, dessa forma, confirmaria o que tampouco tinha conseguido enfiar na cabeça. Além do mais, eu ainda permanecia em estado de choque e negação.

— O Castiel... — comecei, procurando a melhor maneira de contar. Mas ela não existia. Não existem palavras certas para dar más notícias. As melhores palavras são aquelas que trazem sorrisos, não o contrário. — O Castiel está muito doente, Chewie. — Segurei a ponte do nariz, fechando os olhos por um momento. — Muito doente mesmo. Você precisa voltar porque em breve ele... ele... — minha voz voltou a prender na garganta. Não era culpa minha, mas sim daquele nó horrível que me impedia de colocar tudo para fora.

Dessa vez, porém, Adônis mandou toda a calma para o espaço.

Ele tinha entendido a mensagem.

Um silêncio esmagador tomou a linha, como se tentasse absorver o impacto. Eu odiava precisar dar a notícia, porque sabia que seria um baque e tanto para ele. E também sabia, melhor que ninguém, o quanto Adônis ficava distante e fechado quando triste.

— Nossa, eu... — Ele pigarreou, como se fizesse o possível para não se desesperar. — O que aconteceu? — indagou, com a voz mais alta e um pouco esganiçada.

— Eu não sei. — Passei as mãos pelo cabelo, repassando os acontecimentos do dia. — Estava tudo normal até hoje de manhã. Acordei e ele não estava comigo na cama. Estranhei um pouco, porque você conhece Castiel. É um grude. Achei ele embaixo do sofá, tinha vomitado um monte. — Continuei narrando os fatos que se desenrolaram naquele dia terrível.

O tempo era uma coisa engraçada. Tinha esse poder de distorcer nossa percepção da realidade. Eu podia jurar que dias me separavam daquela manhã. Mas, na verdade, se tratavam de poucas horas.

De toda forma, era bom colocar para fora. Esse era o tipo de coisa que eu preferiria não precisar passar sozinha. Já não me sentia tão forte assim para lidar com os tropeços da vida e isso me abalava um pouco. Eu já tinha passado por tanta coisa ruim sem fraquejar. E agora pequenas coisas me deixavam destruída. O que estava acontecendo comigo?

Talvez porque, no passado, me mantive focada demais em trilhar meu próprio caminho. E, agora, permanecia estagnada no lugar, sem saber muito bem o que fazer. Sem saber muito bem para onde ir.

— Ele está com um problema bem grave nos rins. O veterinário disse que é comum em gatos, ainda mais com idade avançada, igual a dele.

Adônis suspirou com impotência, e logo ouvi o barulho característico do isqueiro, seguido pela primeira tragada profunda.

— Meu Deus, eu... — Chewie pigarreou, desconcertado. — Não sei o que dizer. E-ele não pode... — sua voz morreu no ar, como se ele tivesse perdido as forças para continuar falando. Quando voltou a falar, sua voz saiu trêmula. Ele parecia prestes a cair no choro. — N-não posso aceitar isso. Não vou, Becca. Não vou aceitar ver o Castiel doente.

Sorri, sentindo lágrimas brotarem nos olhos.

— Acho que você não tem esse direito.

— Foda-se, eu não quero. Eu não... — ele soltou a fumaça dos pulmões. Eu quase podia ver sua carranca: as sobrancelhas unidas, formando sulcos. Os olhos de outono semicerrados. A boca sumindo por trás da barba. — E o que mais o veterinário falou? O que está sendo feito? Quanto tempo até ele ficar bom?

Quando dei por mim, andava de um lado para o outro, sem o menor controle sobre minhas pernas.

— Eu... receio que ele não vá melhorar.

— Rebecca — ele me chamou e estremei. Mesmo depois de todos aqueles anos, eram raras as vezes em que me chamava pelo nome —, o Castiel tem só quatorze anos. Quatorze. Os gatos vivem, sei lá, vinte?

O tom foi meio rude, mas relevei, porque conseguia enxergar perfeitamente Adônis perdendo para o desespero.

Mordisquei o lado de dentro da bochecha, preparando-me para dar a pior parte da notícia:

— Os primeiros estágios são assintomáticos, Chewie. E o Castiel já está no estágio quatro.

— O que isso significa?

— Que não há nada mais para ser feito. Esse é o estágio terminal.



Capítulo 3 - Adônis

Agora minha vida mudou de muitas maneiras

(...)

E cada vez que isso acontece, eu me sinto muito inseguro

Só sei que eu preciso de você

Como eu nunca tinha feito antes

The Beatles — Help

Meu pai estacionou o carro com um solavanco. Cobri a boca quando um longo bocejo escapou dos meus lábios. Aquelas nossas aventuras noturnas estavam me deixando exausto. Mas era o tipo bom de cansaço. Em passos pequenos e tímidos, eu voltava a me sentir vivo de novo. Começava a me convencer de que eu não havia morrido no acidente, como acreditava. Não. O mundo virou de ponta cabeça. Cecília se foi. Mas eu, não. Eu continuava existindo. E, embora as coisas estivessem um pesadelo, precisava continuar dando um passo de cada vez. Precisava continuar tentando.

— O que foi, cara? — meu pai perguntou, encarando-me com atenção. Percebi que já tinha encarnado seu novo personagem para tentar me buscar de volta para o mundo real. Às vezes eu me distanciava sem nem perceber.

— Nada. Cuida da sua vida — respondi, entrando no nosso jogo.

Na primeira noite, pensei que meu pai tinha enlouquecido.

Estava aborrecido demais para tentar me divertir. Mas foi inevitável. E, agora, eu meio que contava as horas para chegar a parte mais divertida do dia — quando eu podia viver mil vidas diferentes e, assim, escapar da minha.

Durante nossas madrugadas musicais, ou, como ele costumava chamar, a hora do show, eu era qualquer pessoa, menos o Adônis. E Cecília nunca existia em nenhuma dessas versões. Nem o acidente. Nem a maneira como eu me sentia morto por dentro. Enfim. Era mais fácil seguir dessa forma. Era bom esquecer, mesmo por poucas horas, do peso que a vida podia ter. E também era bom adiar o sono ao máximo, afinal de contas, eu sabia o que me esperava cada vez que fechava as pálpebras.

Aqueles faróis.

Os malditos faróis vindo ao nosso encontro.

A buzina.

A maneira como meu coração sempre congelava de uma vez só.

E então eu acordava, tremendo, perdido, desolado. Mamãe enfim tinha desistido de entrar no quarto para tentar me consolar, porque eu nunca acordava com o melhor dos humores.

As coisas estavam uma merda.

Tudo era uma merda.

Menos as madrugadas. Nas madrugadas eu me libertava.

— Vá para o inferno — ele mostrou o dedo do meio, assumindo uma postura corcunda e relaxada que era muito bizarra. Precisei segurar a vontade de rir, porque meu personagem não fazia o tipo que ria fácil. — Você se acha muito bom, né? Espere só até arrumarmos outro guitarrista para colocar no seu lugar!

Sem mais nem menos, meu pai abandonou o carro, batendo a porta e se dirigindo até o porta-malas, a fim de pegar nossos violões. Respirei fundo, esfregando o rosto antes de sair atrás dele.

Eu estava tentando.

Me agarrava as únicas esperanças que tinha, mas continuava doendo muito.

Imitei meu pai, fechando a porta com muito mais força que o necessário. E, no silêncio melancólico daquela praça mal iluminada, tive a impressão de ouvir um miado fraco. Foi tão baixo que, por um segundo, considerei ser coisa da minha cabeça.

Mas logo veio outro. E mais outro.

Olhei ao redor, tentando procurar meu amigo da madrugada. A praça, com exceção de nós dois, achava-se deserta.

Empertiguei-me, olhando por cima do ombro para o meu pai.

— Pai — chamei, unindo as sobrancelhas.

Ele se mantinha ocupado demais sendo o melhor pai do mundo para me responder. Em vez disso, ergueu as mãos no ar, como se não fizesse ideia de por que eu tinha o chamado daquela maneira.

Dessa vez, foi impossível evitar o sorriso.

Papai de fato sabia entrar no personagem. Uma vez que sentava naquele carro e me vendava, ele deixava de ser o professor de música tranquilo e só voltava ao normal quando estacionávamos na garagem de casa, horas depois.

— Pai — insisti —, calma aí um pouco. Você ouviu isso?

— Isso o quê? — indagou, fechando o porta-malas com um estalido baixo, que não combinava em nada com o personagem esquentadinho que ele vinha fingindo ser.

Ele se aproximou de mim com uma expressão intrigada. Tinha um violão pendurado no ombro esquerdo e trazia o outro na mão direita, que estendeu em minha direção.

Peguei na alça da capa no mesmo instante em que outro miado irrompeu a noite.

— Isso — expliquei. — Parece que está por aqui, mas não estou vendo.

Meu pai escondeu as mãos nos bolsos do jeans, unindo as sobrancelhas enquanto seus olhos passeavam ao nosso redor. Fiz o mesmo, esquecendo por completo do que tínhamos ido fazer ali.

Não sei apontar quanto tempo passou, mas demorou.

Eu já tinha quase desistido quando notei o bueiro e tive a ideia de iluminar o interior com a lanterna do celular. Ajoelhei em frente ao buraco, perguntando-me qual a chance de ser o Pennywise lá dentro tentando me enganar.

Balancei a cabeça com um sorriso no rosto no exato momento em que a luz da lanterna incidiu pelo bueiro e enfim o vi. Era pequeno o suficiente para caber na minha mão, e parecia terrivelmente assustado.

— Achei! — exclamei, deitando o violão na calçada enquanto meu pai vinha para mais perto.

Sem pensar duas vezes, inclinei o corpo para frente, pegando-o lá de dentro. Suas unhas finas cravaram nas costas da minha mão. Estava inteiro molhado e tremia muito.

Ele parecia tão frágil e desnutrido que só consegui sentir muita pena. Sua cabeça era maior que o corpo de uma maneira desproporcional, e seus pelos achavam-se engomados como uma manga chupada. Os enormes olhos azuis me fitaram com desespero e eu juro que vi uma súplica neles.

— Que tipo de pessoa tem coragem de abandonar um bichinho desse no bueiro? — meu pai perguntou e me sobressaltei ao perceber que ele tinha ajoelhado ao meu lado.

Balancei a cabeça. Com a mão livre, acariciei a barriguinha dele, que respondeu com um miado rouco, bem diferente dos outros.

— O tipo filho da puta — respondi, distraído.

Algo nele tocou bem fundo no meu coração. Nós tínhamos uma coisa em comum — estávamos fodidos na mesma medida.

Sem esperanças para nós.

E foi por isso que levantei, abraçando-o contra o corpo.

— Vou levar ele para casa — sussurrei e busquei meu pai com os olhos. Achei que ele fosse me repreender, mas tudo o que fez foi acenar com a cabeça, como se entendesse perfeitamente o meu desejo.

— Li uma vez que gatos laranjas são quase sempre machos — comentou casualmente, alheio ao quanto eu estava ligado, de uma forma bizarra, aquele animalzinho indefeso. — Que nome vai dar para ele?

Dei de ombros, tentando buscar na cabeça alguma referência. E, sem pensar direito, me ouvi dizendo:

— Castiel.

Supernatural era minha série favorita, mas não sei muito bem porque esse nome, dentro todos, me veio em mente. Mas gostei. De alguma maneira estranha, combinava com ele.

— Castiel — testei outra vez. Encarei os olhos azuis um pouquinho vesgos e dei um sorriso. — Vai ficar tudo bem, amiguinho — falei, para tranquiliza-lo.

— Com ele sim. Já com a gente... não sei não — meu pai falou, meio rindo meio preocupado.

— Acha que mamãe vai ficar brava? — perguntei, e nós dois rimos juntos, porque já sabíamos a resposta.

E, mesmo antevendo o escândalo que Dona Bárbara faria, não consegui dissipar a vontade de cuidar dele e mostrá-lo que a vida não se resumia ao lixo que tinha experimentado até agora.

No fim das contas, acho que resolvi dar uma chance para Castiel porque sentia que, no fundo, estava dando uma chance para mim mesmo.



Capítulo 4 - Adônis

*É melhor sentir dor do que não sentir nada
O oposto do amor é a indiferença
Então mantenha sua cabeça erguida, mantenha o seu amor
Mantenha sua cabeça erguida, meu amor*

The Lumineers – Stubborn Love

Eu não estava preparado para dizer adeus. Nunca pensei que precisaria, para ser honesto. Sequer cogitei a possibilidade de Castiel um dia deixar de estar ao meu lado. Desde que o resgatei do bueiro de uma praça qualquer em Londrina, ele tinha se tornado muito mais do que um animal de estimação. Aquele gato era parte da família. Uma parte importantíssima.

Além do mais, eu já tinha me despedido vezes demais para o meu gosto ao longo da minha vida.

Primeiro de Cecília. De uma maneira abrupta e inesperada.

Depois de Rebecca, nos quatro anos mais longos de toda a minha vida. E, embora na época soubéssemos que esse era o único destino possível, não foi menos doloroso por isso. Na verdade, eu jamais deixaria de lembrar da angústia ao entrar no avião, sabendo que não nos veríamos mais.

Ainda bem que estávamos errados sobre nossas decisões não terem volta.

Porque elas tinham.

Depois de quatro anos separados, vieram outros seis juntos. Seis do resto de nossas vidas. Seis anos em que fui o cara mais feliz do mundo.

E agora, eu precisaria me despedir de Castiel também.

O que era difícil para cacete. Eu queria poder me recusar. Bater o pé como uma criança birrenta e não aceitar o maldito fim. Parece loucura, eu sei, mas nós nunca estamos preparados para nos despedir de quem amamos.

Mesmo que nossa única certeza seja que, um dia, todas as pessoas vão morrer, nosso coração se recusa a processar isso. Deixa para depois. Para quando for preciso. E então a morte nos pega de surpresa. O baque é grande, assustador. Em um segundo, a vida está nos eixos. Você é feliz. Mas, no seguinte, todas as certezas se esvaem, e você só consegue chorar e tremer e desejar que o tempo volte para que, dessa vez, você consiga fazer tudo de novo e aproveitar só mais um pouquinho. Você deseja com ardor que as pequenas coisas voltem. Você sente tanta falta delas que dói. E se pergunta como é possível continuar depois disso.

Não deveria doer tanto.

Tudo é efêmero. Eu sabia disso mais que ninguém. Tinha visto a morte bem de perto. Senti seu baque por longos anos. E, até hoje, cada vez que entrava em um carro, era impossível não pensar, ainda que por segundos, no acidente que mudou as vidas — minha e de Cecília — para sempre.

Um segundo podia mudar tudo.

Uma palavra dita, ou não.

Um gesto feito, ou não.

Uma decisão certa, ou não.

E mesmo assim, doía demais. Mesmo assim, eu queria apenas cruzar os braços e dizer para o universo que, não, ele não ia levar Castiel de mim. Não dava. Do mesmo jeito que não dava para ficar sem Becca, ou sem meus pais.

No passado, quando eu ainda era o professor de Rebecca e ela ainda era uma garota conhecendo o mundo, nós dizíamos um ao outro que os dias chuvosos não duravam para sempre.

Mesmo que durassem muito tempo, eles chegariam ao fim. Dariam lugar a um dia ensolarado. E essa era a graça — quando os raios de sol rasgassem o horizonte, seria ainda melhor. Seria ainda mais intenso sentir seu calor reconfortante sobre a pele, como uma promessa de que tudo ficaria bem.

Mas a verdade é que nem mesmo os dias ensolarados duram para sempre. Nós convenientemente nos esquecemos disso, porque os dias ensolarados são fáceis. A felicidade é fácil. E, mesmo assim, a chuva vem. Estejamos contentes com isso ou não.

Tudo passa. Os momentos ruins e os bons também. Um problema que parece irreparável, e também aquele instante em que você fecha os olhos e deseja que o tempo pare só um pouquinho. A vida é feita de ciclos. Cada um deles com o seu começo, meio e fim. Quando um capítulo acaba, logo vem outro. E outro. E mais outro. Alguns prometem lágrimas, outros, suspiros de felicidade. Mas sempre tem uma nova cena, uma nova fase e novas surpresas.

Eu pensava sobre isso de maneira quase obsessiva, para tentar me conformar. Tentar afastar a angústia devastadora que me paralisava a ponto de eu não conseguir fazer mais nada. Só que não é assim que funciona. A dor não aceita ser ignorada. Ela é incisiva. Te domina aos poucos, até que tudo em você seja ela.

E isso é bom.

Isso também é bom, eu repetia, porque não há outro jeito dela ir embora.

Chutei uma pedra de cascalho para longe, Tateando os bolsos a procura da carteira de cigarros. Acendi um e traguei, sentindo o prazer proporcionado pela nicotina se espalhar pela corrente sanguínea e, pelos poucos minutos que duraram aquele cigarro, experimentei a sensação de estar calmo. Anestesiado.

Atirei a guimba para longe esfregando o rosto com raiva. Eu precisava entrar e encarar as coisas como elas eram. Não por mim, mas por Castiel.

Depois de tudo que ele fez por mim. De tantas madrugadas em que acordei aos berros e ele esteve ali. De tantos momentos em que não sucumbi graças aos seus expressivos olhos azuis, que pareciam entender tanto.

Expirei o ar dos pulmões e quis rir da ironia que era o destino.

Rir de suas piadas que não tinham graça nenhuma, só para criar a sensação de que tudo estava sob controle.

Eu tinha salvado a vida de Castiel. Tirado ele da rua e de uma morte precoce. Cuidado dele por todos aqueles anos. Amado intensamente, porque ele era parte da família. Era meu companheiro de aventuras. Esteve comigo quando eu não tinha nada a oferecer além dos meus sentimentos e continuou enquanto minha vida se transformava por completo.

Só para agora ser eu o cara que ia acabar com ela.

Eu seria seu algoz.

Merda.

Usei as costas da mão para secar a única lágrima que escorreu pela bochecha. Pigarreei, usando de todas as minhas forças para não ceder. Ainda não. Eu não queria que ele sentisse a minha tristeza. Ele não podia saber.

Olhei por cima do ombro, encarando a clínica veterinária com pesar.

Fazia uma semana desde a ligação de Rebecca. Uma semana que minha vida virou de cabeça para baixo. Eu peguei o primeiro avião de volta para casa, porque nada importava mais que a minha família. Os shows poderiam ser feitos em outras oportunidades, assim como as entrevistas e todo o resto. Sempre dava para compensar o trabalho. Mas os segundos com Castiel estavam contados. Eu não podia perder aquele tempo precioso.

Quando o veterinário propôs a eutanásia, eu fui egoísta o suficiente para negar. Sequer cogitei. Como poderia? Mesmo depois dele me explicar sobre o quanto Castiel estava sofrendo. Nem mesmo os remédios de dor surtiam mais efeito.

Ele não merecia aquilo.

E mesmo assim o levei de volta para casa, na noite retrasada. Rebecca e eu acabamos discutindo. Ela disse que eu era um egoísta por colocar meus sentimentos a frente dos de Castiel. Mas ela não entendia. Ela não sabia como era difícil lidar com aquela dor paralisante, que fazia meu coração falhar batida atrás de batida, até eu me perguntar se ele ainda estava funcionando.

O fato é que ela tinha razão.

Eu estava sendo a porra de um egoísta.

E precisei ver meu melhor amigo vomitando sangue para me convencer de que ele estava mesmo mal. E que, querendo ou não, as coisas eram como eram. Ele ia embora.

Respirei fundo, reunindo toda a coragem que precisava para o que viria pela frente. Então, antes que fraquejasse outra vez, entrei como um raio. Percorri o caminho até a sala onde seria feito o procedimento sem me permitir pensar, sem me permitir sentir. Se aqueles eram meus últimos minutos com o meu amigo, então eu precisava vivê-los. Sendo fáceis ou não.

Meu corpo enrijeceu inteiro ao vislumbrar a cena que se desenrolava pela fresta entreaberta da porta. Rebecca estava curvada sobre a mesa metálica onde Castiel se encontrava deitado, com o rostinho peludo abatido e cansado. As mãos delicadas dela enterradas em seus pelos espessos, em carícias suaves e sem pressa.

Ela tinha os cabelos presos de qualquer jeito. As roupas também denunciavam o quanto ela não se importou com nada além dele. Eu não conseguia ver muito do rosto dela, mas sabia que estava chorando, graças ao movimento de seus ombros e as fungadas esporádicas, cheias de dor.

Sempre corajosa e forte.

Tão mais que eu...

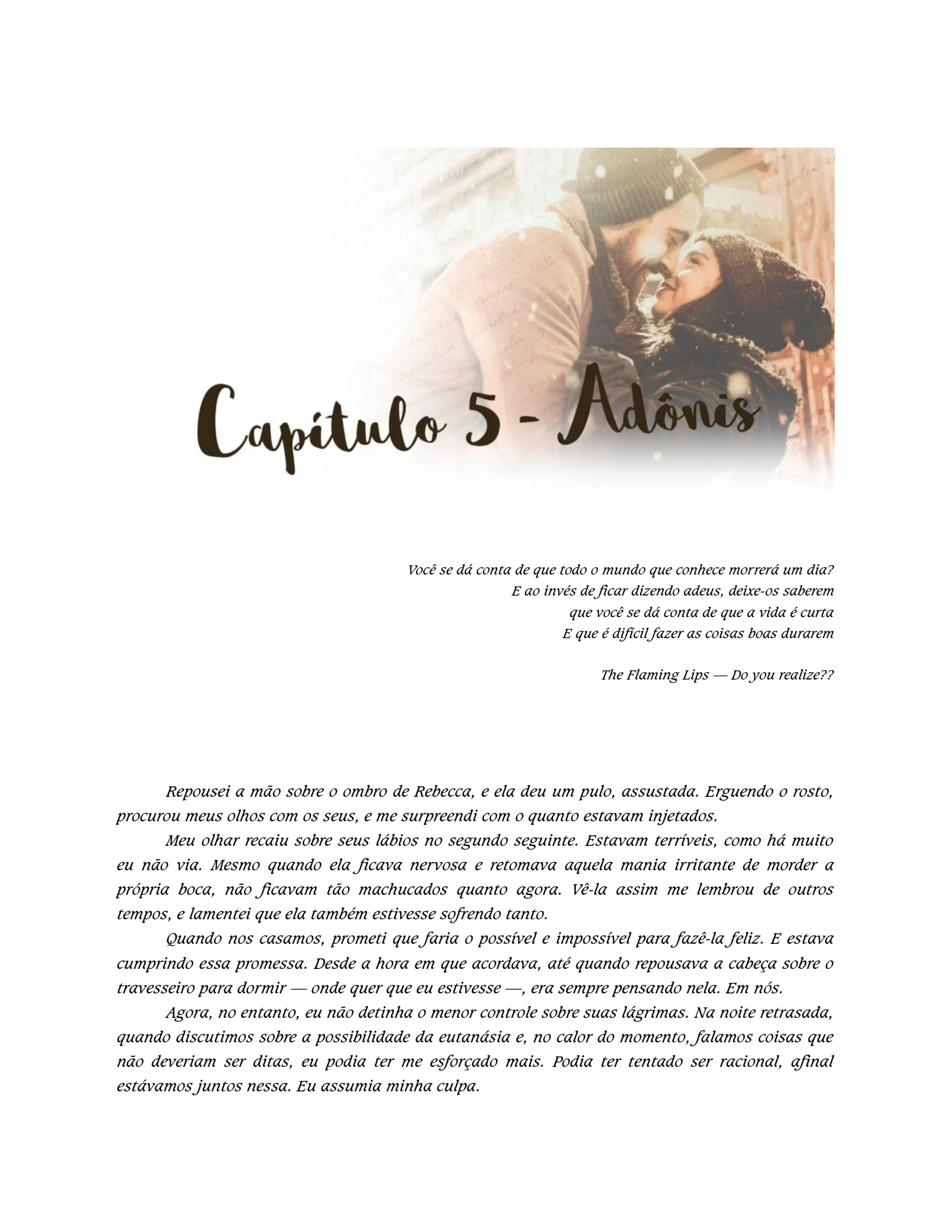
Ela não estava preocupada com a própria dor. Pelo contrário, continuava forte, vivendo o máximo que podia de Castiel. Aproveitando os segundos escassos, mesmo ciente da proximidade do fim — principalmente por saber disso.

Assenti, entendendo do que se tratava, afinal.

Estar ali com ele, dando suporte, retribuindo de alguma maneira pelo amor incondicional que nosso amigo nos direcionou durante os anos em que tivemos a sorte de tê-lo conosco. Era nossa maneira de dizer muito obrigado.

Eram as pequenas coisas.

Sempre elas.



Capítulo 5 - Adônis

*Você se dá conta de que todo o mundo que conhece morrerá um dia?
E ao invés de ficar dizendo adeus, deixe-os saberem
que você se dá conta de que a vida é curta
E que é difícil fazer as coisas boas durarem*

The Flaming Lips — Do you realize??

Repousei a mão sobre o ombro de Rebecca, e ela deu um pulo, assustada. Erguendo o rosto, procurou meus olhos com os seus, e me surpreendi com o quanto estavam injetados.

Meu olhar recaiu sobre seus lábios no segundo seguinte. Estavam terríveis, como há muito eu não via. Mesmo quando ela ficava nervosa e retomava aquela mania irritante de morder a própria boca, não ficavam tão machucados quanto agora. Vê-la assim me lembrou de outros tempos, e lamentei que ela também estivesse sofrendo tanto.

Quando nos casamos, prometi que faria o possível e impossível para fazê-la feliz. E estava cumprindo essa promessa. Desde a hora em que acordava, até quando repousava a cabeça sobre o travesseiro para dormir — onde quer que eu estivesse —, era sempre pensando nela. Em nós.

Agora, no entanto, eu não detinha o menor controle sobre suas lágrimas. Na noite retrasada, quando discutimos sobre a possibilidade da eutanásia e, no calor do momento, falamos coisas que não deveriam ser ditas, eu podia ter me esforçado mais. Podia ter tentado ser racional, afinal estávamos juntos nessa. Eu assumia minha culpa.

Mas ali, com Castiel deitado na maca, sem nem imaginar o que estava prestes a acontecer, eu não tinha como confortá-la. Não sabia como aliviar seu sofrimento. Estava falhando com os dois ao mesmo tempo.

Aquele era o tipo de coisa que ninguém jamais deveria passar. Se já era difícil o suficiente precisar dizer adeus a um integrante da família em causas naturais; assim, sendo o responsável por sua morte, era um fardo terrivelmente pesado. Eu não sabia se tinha psicológico para isso.

— Vocês estão prontos? — o veterinário perguntou, em inglês. Sua voz tinha um tom cansado, que expressava o quanto essa era, de longe, a parte que mais detestava em sua profissão.

Eu nem tinha notado sua chegada. Permanecia aprisionado aquele momento. Dividido entre sentimentos conflitantes e dolorosos.

Becca usou a manga do cardigã para secar o rosto, enquanto me dirigia um olhar indecifrável. Parecia desesperado, perdido. Mas, ao mesmo tempo, tinha um pouco de resignação. Como se ela já tivesse aceitado aquele destino cruel e não houvesse nada mais a se fazer. O que era o caso, mas, caramba, como ela podia estar lidando tão bem com isso? Tão melhor que eu? Minha vontade era gritar para o veterinário que ele não ia fazer droga nenhuma com Castiel.

Esfreguei o rosto, usando todas as minhas forças para não me entregar. Todas elas.

Aguenta firme.

Só mais um pouquinho.

Os braços de Rebecca foram parar na minha cintura, em um abraço desajeitado por trás. Soltei um longo suspiro, encarando Dr. O'Gillen por um instante.

Deve ser por isso que a morte vem de surpresa, afinal. Como um band-aid puxado de uma só vez. Assim se sente o impacto todo e se acostuma com ele. Quando estamos esperando por algo ruim, a dor parece se intensificar ainda mais e sofremos duas vezes — antes e depois.

— E-estamos — me ouvi responder. Nem pude acreditar que aquelas palavras saíam dos meus lábios.

De repente, senti como se tivesse uma experiência extracorpórea. Não parecia que estava vivendo aquele momento, mas sim observando de longe, com certa apatia. Talvez fosse melhor dessa forma, ou eu acabaria enlouquecendo.

Ele assentiu, de lábios crispados.

Girei o corpo e trouxe Becca para o meu lado, envolvendo-a com meus braços. Ela apoiou a cabeça contra o meu peito, emudecida. Deixei um beijo nos seus cabelos, recostando o queixo no topo de sua cabeça.

Eu tinha perdido a voz. Não conseguiria confortá-la com palavras mesmo se quisesse. Meu cérebro tinha perdido a capacidade de raciocinar. Eu estava em frangalhos. Mal entendia como ainda conseguia sustentar o peso do corpo, porque a cada segundo era mais e mais insuportável.

Ouvi Dr. O'Gillen colocando as luvas para administrar a primeira injeção. Ele já havia nos explicado duas vezes como seria o procedimento — a primeira na noite retrasada e a segunda hoje, quando chegamos. Primeiro era aplicada a anestesia geral que, normalmente, fazia o animal dormir em poucos minutos. E, então, a injeção letal.

Ele me garantiu que seria indolor. Castiel partiria durante o sono, sem dar nenhum sinal. Seria como vê-lo dormir para sempre. O nó em minha garganta dobrou de tamanho ao pensar nisso. Engoli em seco, começando a sentir o desespero subindo em expirações.

Não vou conseguir.

Não vou.

Castiel estava abatido demais para protestar. O que, por si só, já me destruiu. Ele costumava ser rebelde em suas visitas rotineiras ao veterinário. Odiava ser vacinado. Costumava soltar miados agudos e debater o corpinho até não poder mais. Agora, porém, ele nem tinha ligado quando as mãos do Dr. O'Gillen seguraram uma de suas pernas traseiras.

Rocei as costas dos dedos em seus pelos alaranjados, fitando os cansados olhos azuis. Eu sentiria tanta falta dele. Era doloroso demais pensar em como seria o depois. Eu queria que o depois não chegasse nunca.

— Isso mesmo, Castiel! — sussurrei, sentindo a visão enturvecer. — Você está indo muito bem. Estou orgulhoso de você, sabia?

Minhas palavras foram o estopim para que Becca perdesse o que restava do seu controle. Ouvi uma fungada alta e então seu corpo começou a sacudir com violência. Deixei outro beijo no topo de sua cabeça, sem saber de onde estava tirando tanta força para continuar firme.

— Muito bom, amigão! Isso mesmo... — continuei sussurrando, sem saber se era para tranquilizar Castiel ou a mim.

Eu não queria que seus últimos minutos com a gente fossem daquela maneira — com lágrimas, olhos inchados e corações comprimidos. Não. Queria reviver todas as risadas, as brincadeiras, os momentos felizes.

Ele tinha feito tanto por mim. Eu só queria que ele soubesse o quanto tinha mudado minha vida.

— N-nós amamos você demais, sabia? — foi a vez de Becca dizer algo.

Sua voz saiu rouca, mas carregada de emoção. Pestanejei, sem conseguir conter as lágrimas. Tímidas, elas começaram a lavar meu rosto, liberando um pouco da angústia que eu comportava dentro de mim.

O veterinário olhou de mim para Rebecca, meneando a cabeça com leveza.

— Bom, vou deixar vocês se despedirem — seu tom era sóbrio de uma maneira reconfortante. Era bom saber que alguém ali não sentia que o chão era arrancado sob os pés. — Me chamem assim que ele dormir.

— Ok — limitei-me a responder, porque naquele momento, eu não tinha ânimo para dizer mais nada.

Sem pensar duas vezes, fechei a porta com um clique suave. Becca tinha voltado a acariciar Castiel, com uma urgência que era de cortar o coração. Eu entendia, porque me sentia da mesma maneira. Queria correr contra o tempo, mas ele era cada vez mais escasso. Me escapava dos dedos como grãos de areia.

Apoiei o corpo nos cotovelos sobre a maca e afundei o rosto em Castiel, sentindo a maciez de sua pelagem roçar com delicadeza em minha pele.

— O que vai ser de mim sem você, Castiel? — indaguei contra ele e minha voz saiu abafada.
— Nós tínhamos combinado que você viveria para sempre, lembra? — sorri, consternado, e só então me dei conta de que estava lavando seu pelo com minhas lágrimas. — Não quero me despedir de você. Ainda tem tanta coisa pela frente, e...

Minha voz morreu no ar, dando espaço a um soluço alto.

Oh, droga, não estou preparado.

Nunca estarei.

O coração apertou de uma só vez e a garganta fechou, impedindo o ar de passar.

— Muito obrigada — Becca soprou, baixinho. Ouvi o som de vários beijinhos e, se era possível, quebrei em outros mil pedaços. — Obrigada por tudo, Castiel. Você vai fazer muita falta.

A contragosto, afastei-me alguns centímetros, para conseguir fitá-lo nos olhos. Achavam-se sonolentos, embora estivesse resistindo ao máximo. Passei os dedos pelas suas bochechas enormes, e depois pelo pescoço, barriga e cauda.

Mal dava para acreditar que quatorze anos me separavam da madrugada do bueiro. Se alguém me perguntasse, poderia jurar que tinha sido na semana anterior. Ele estava assustado, perdido e sozinho, tal como eu. Tudo tinha mudado desde então. Eu já não era mais aquele Adônís destroçado, sem esperanças. E muito disso era graças a ele. Eu não conseguia acreditar. Não conseguia aceitar. Queria que alguém me acordasse daquele pesadelo e Castiel voltasse a ser sadio como sempre foi.

Não sei dizer quanto tempo passou até seus olhos fecharem. O corpo ainda fazia um movimento suave do ar preenchendo e esvaziando seus pulmões. A única coisa que mudaria depois da segunda injeção.

Segurei a ponte do nariz, tentando organizar os pensamentos que, em uma fração de segundo, ficaram caóticos. Eu nem conseguia acompanhar. Estava tentando sobreviver a um dos momentos mais difíceis em toda a minha vida.

Segurei Becca pelos ombros e a trouxe contra o meu corpo. Eu precisava daquele abraço. Precisava do seu calor me dizendo, silenciosamente, que tudo ficaria bem. Que sobreviveríamos aquela dor excruciante. Precisava do seu cheiro doce me embalando e afastando um pouco daquela angústia avassaladora.

Ela se afastou pouco depois, procurando meus lábios para um beijo brando.

Olhei para o fundo de seus olhos com cor de pistache e concordei com a cabeça.

Tinha chegado a hora.

Quer estivéssemos preparados, ou não.

A vida não nos espera. Ela continua em seu ritmo constante e cabe a nós nos esforçar para alcançá-la e não ficar para trás. Não dá para pedir que o tempo pare, da mesma maneira que é impossível fazer com que as ondas do mar deixem de se quebrar.

Afinal de contas, os capítulos continuam sendo escritos. Palavra por palavra. Frase por frase. Parágrafo por parágrafo.

Às vezes eles acabam bem.

Mas, às vezes, nos deparamos com os tombos que a vida dá.

E a única coisa que podemos fazer é levantar de cada tropeço, limpar a poeira dos joelhos e partir para a próxima.

Desvencilhei-me dela e saí a procura do Dr. O'Gillen. Não precisei dizer palavra alguma. Talvez a devastação estampada em meu rosto tenha sido clara o suficiente, pois ele apenas concordou e me acompanhou outra vez para a sala.

E, no grande livro que era a minha vida, aquela foi a cena em que eu fiquei no modo automático. Desliguei-me das emoções, assistindo tudo como um espectador. O veterinário raspando um quadrado de pelos na perna de Castiel, para logo em seguida preparar uma injeção de um vermelho rosado.

A essa altura, eu nem me importava mais em segurar as lágrimas. A quem eu tentava enganar, afinal? Eu estava sofrendo. E a dor é assim — ela se manifesta. Acorrenta seus membros e te faz acreditar que nunca mais existirá um dia ensolarado. Todos os dias serão cinzentos. E você acredita nela. Porque tudo o que consegue sentir é a devastação.

Becca procurou minha mão, entrelaçando nossos dedos com força. Prendi a respiração enquanto o fluido dentro da seringa diminuía e diminuía, até acabar.

E foi assim.

Um guincho estridente escapou do fundo da minha alma, enquanto eu tornava a puxar Becca contra mim. Eu precisava dela. Precisava porque sentia que não conseguiria suportar sozinho aquela pontada intensa que me atravessou ao meio. Precisava de algo sólido evitando que eu desabasse no chão, porque meu corpo tremia com intensidade.

Em um segundo o corpinho roliço de Castiel ainda se movia com suavidade, acompanhando sua respiração e, no seguinte, ficou imóvel, como uma imensa pelúcia.

Acabou com tamanha rapidez que era até irônico o quanto a vida era frágil. Um segundo transformava tudo para sempre.

E, naquele segundo, Castiel já não existia em lugar algum além de em nossos corações.



Capítulo 6 - Adônis

*Se o sol estiver nublado
Eu farei ele brilhar
Não existe nada que eu não faça
Se você precisa de um ombro para chorar, eu espero que seja o meu
Me chame a noite e eu irei para você*

The Beatles — Any Time At All

Andar naquele maldito apartamento virou uma tortura.

Era impossível não me lembrar de Castiel. Cada centímetro de cada cômodo remetia a ele. Tudo trazia alguma lembrança. E, embora se tratassem de momentos felizes que outrora resultariam em sorrisos, agora eram dolorosos demais para suportar. Eu queria poder arrancar todas as memórias da minha cabeça, por pior que isso possa soar, só para parar de doer.

Alguns dias já haviam se passado desde sua partida, no entanto eu continuava sentindo sua presença. Vez ou outra tinha a sensação de vê-lo rolar no tapete da sala, brincando com a bolinha vermelha até cansar e acabar dormindo com a barriga para cima. Ou então, quando eu caminhava até a cozinha, parecia que ele viria correndo atrás de mim, o sininho da coleira tilintando com suavidade, e pararia sentado ao lado do potinho de comida, mesmo se estivesse cheio, pedindo, em seu olhar, para que eu colocasse um pouquinho mais.

Nessas horas eu precisava parar e me lembrar que isso jamais voltaria. Ele não estava mais ali. As imagens que piscavam diante dos meus olhos eram armadilhas da minha imaginação. E eu

nem podia culpá-la. Era difícil demais seguir em frente quando tudo ali me lembrava dele.

Eu me sentia tão miserável por ter permitido que ele partisse.

Pior que isso — por ter sido o responsável pela sua morte.

E se tivéssemos esperado um pouco mais e ele melhorasse?

E se ainda existisse uma chance?

Nós desistimos muito cedo.

Embora eu tentasse me convencer de que nossa difícil decisão foi puramente por amá-lo demais para continuar assistindo ao seu sofrimento, um gosto amargo invadia minha boca cada vez que eu refletia a respeito.

Eu assassinei Castiel.

Ele confiou em mim e eu retribuí assim.

Pensei que o meu passado tinha me calejado e eu conseguiria ser forte. Mas me enganei. Estava sendo foda demais. Cada dor é única. Não existe um termômetro para medir o quanto se pode sofrer pelas coisas que nos acontecem. Além do mais, cada momento da nossa vida apresenta uma nova versão de nós mesmos. E ainda que um dia nós tenhamos passado por algo difícil sem nos deixar abalar tanto, isso não significa que será sempre assim. Nossa metamorfose é constante. A cada amanhecer, nos tornamos um pouquinho diferente de quem éramos quando fechamos os olhos para dormir.

Dessa forma, voltei a ser a criatura miserável que pensava ter deixado no passado. Os pesadelos voltaram com tudo. E, se faziam anos que eu não lembrava o que era ter uma noite ruim de sono, agora eu já não conseguia recordar como era conseguir dormir mais que três horas por noite.

E não se tratavam apenas dos faróis, da buzina, dos gritos. Isso também. No entanto, a maior parte deles tinha a ver com Castiel e com a culpa enorme que eu sentia. As imagens se misturavam, virando uma confusão que me fazia acordar gritando e tremendo.

Rebecca sempre me confortava. Estava ali para mim como eu deveria estar para ela também, mas eu não conseguia. Apesar de saber que a situação toda era difícil para nós dois, eu me permitia ser reconfortado. Me permitia ouvir sua voz mansa contando histórias alegres sobre Castiel e então eu sorria, com lágrimas vazando dos olhos, sem saber o que mais podia fazer além de mergulhar de cabeça naquelas emoções intensas.

— Eu estava morrendo de ódio do Arthur e da Nataly, e morrendo de medo de você. — Ela riu baixinho, ignorando o fato de que faltava pouco menos de duas horas para amanhecer. — Você ficou todo emburrado porque eu estava dando trabalho outra vez e eu só conseguia pensar se ia amanhecer viva.

— Nossa — murmurei ofendido e um sorriso rasgou meus lábios. — Sério que achou isso de mim, donzela?

— Eu tinha meus motivos, vai — falou, como se fosse a coisa mais óbvia do mundo. — Você tinha aquela pose de odeio-as-pessoas-e-não-vou-nem-tentar-disfarçar.

— Que absurdo! — exclamei, envolvendo-a com o braço e trazendo seu corpo para mais perto de mim. — Eu não era assim. Não odiava ninguém. Ainda mais você.

Becca se aconchegou nas cobertas e logo seus dedos vieram parar no meu peito, traçando círculos na minha pele que a faziam formigar.

— Isso é o que você diz... — brincou. — Enfim. Fiquei tão entretida com a sua casa, tentando descobrir alguma coisa a respeito do meu professor-vizinho irritante, que não vi Castiel. Eu quase tive um ataque, lembra? — perguntou, erguendo o rosto para me fitar nos olhos. Assenti com a cabeça, deixando uma risadinha escapar. — Pelo amor de Yoda, acho que faltou um pouquinho assim para não vomitar no meio da sala — ela juntou os dedos indicador e polegar para se fazer entender.

— Ah, donzela... se você tivesse vomitado no meu apartamento, não estaria aqui deitada comigo, eu juro.

Nós dois rimos em uníssono, porque sabíamos que era uma mentira deslavada. Não havia a menor chance de nossa história ter se desenrolado de um jeito diferente do que fora.

— Eu me apaixonei por você nessa noite, sabia? — ela suspirou, com os olhos distantes. — Foi a primeira vez que vi como você era de verdade e percebi o quanto tinha me enganado. E Castiel fazia parte do pacote. Só o fato dele chamar Castiel já contava alguns pontinhos a seu favor... — Becca umedeceu os lábios. O rosto era o mesmo de quando entrou na minha vida. Nem parecia que dez anos nos separavam daquela doce memória. — Vou sentir falta de acordar com ele mordendo o meu pé.

— Eu também — admiti. — E de quando ele tentava xeretar a banheira e acabava caindo nela... Ele parecia um louco tentando escapar.

Nossas risadas cheias de saudade reverberaram pelo quarto, preenchendo-o.

O silêncio que seguiu foi diferente dos demais. Tratava-se de um silêncio confortável, acolhedor. E, embora estívéssemos acordados no meio da madrugada, falando sobre Castiel e um punhado de situações que não voltariam mais, não me senti tão devastado.

Porque percebi que a beleza de ter alguém ao seu lado é poder contar com essa pessoa em cada tropeço. E há uma diferença enorme entre levantar sozinho e ter uma mão para te ajudar.

Se tinha como, eu a amei ainda mais.

Se alguém me dissesse que, quando me mudei para Maringá, estava também mudando minha vida para sempre, eu jamais teria acreditado. E, agora, eu só podia agradecer ao universo por ter sido tão bom comigo, embora nos últimos dias eu insistisse em dizer o contrário.

Becca inclinou o tronco e deixou um punhado de beijinhos espalhados pelo caminho. Atrás da minha orelha, no pescoço, nos ossinhos da clavícula e, por fim, nos meus lábios.

Segurei o rosto dela com as duas mãos e aprofundei o beijo, experimentando seu sabor que tanto conhecia e amava. Sua respiração morna roçava em meu rosto, como uma carícia. Fechei as pálpebras lentamente. Meu corpo inteiro relaxou, libertando-me, por um momento, da tensão que me aprisionava desde a morte de Castiel.

Era como se, no meio daquela tempestade intensa, eu tivesse encontrado o conforto de uma cobertura para me proteger.

Como eu amava aquela mulher.

Como eu precisava dela em minha vida.

Becca passou os braços ao redor do meu pescoço, unindo o corpo ainda mais ao meu. Deslizei minhas mãos pelas suas costas e a apertei contra mim, para me certificar de que ela estava mesmo ali e continuaria sendo assim para sempre.

— Sou... louco... por... você... — soprei contra seus lábios, para não a deixar esquecer disso nem mesmo por um segundo.

Ela respondeu com um arfar pesado e, antes que eu entendesse o que estava acontecendo, se afastou poucos centímetros, encostando a testa na minha. Os olhos passearam pelo meu rosto devagar, encarando-me com atenção.

Coloquei uma mecha de cabelo atrás de sua orelha.

— Em que está pensando? — perguntei, pouco mais alto que um sussurro, porque conhecia aquela expressão muito bem. Era sua cara de estou-tramando-algo.

— Acho que sei do que precisamos, Chewie.

— Como assim? — indaguei, distraído enquanto passeava o polegar pela linha do seu maxilar.

Ela inclinou o rosto para o lado, deixando um beijinho na ponta do meu dedo.

— Para seguir em frente — explicou.

Uni as sobrancelhas, ainda confuso, mas então entendi o que ela tentava dizer. E não sei apontar se isso me deixou feliz ou irritado. Porque, caramba, eu não queria continuar sofrendo, mas não era isso que Castiel merecia? Não era cedo demais para superarmos o luto?

Acho que ela percebeu que tinha algo errado, porque logo se adiantou em falar:

— Quando eu falo seguir em frente, quero dizer voltar a comer normalmente. Dormir em paz. Não passar o dia todo chorando — explicou, com suavidade. — Não quero dizer esquecer. Isso nunca. — Um sorrisinho fraco iluminou seu rosto. — Não conseguiríamos esquecer dele mesmo se a gente quisesse.

Assenti, ponderando a respeito.

Não parecia tão mal assim voltar ao normal. Eu só não tinha certeza se isso era possível agora. A ferida ainda era muito recente.

— Só acho que as coisas ficariam mais fáceis — continuou a falar, aninhando-se ainda mais em meus braços —, se a gente se despedisse dele.

— Nós já fizemos isso, Becca.

— Eu sei. E foi horrível — murmurou baixinho, olhando para lugar nenhum, como se tudo tivesse acontecido há muitos e muitos anos e, depois de tanto tempo sem pensar a respeito, ela enfim tivesse recordado. — É disso que estou falando. Precisamos criar nossa última lembrança boa com ele, para seguir em frente em paz.

— Criar... com ele... — resmunguei, esfregando o rosto. — Becca, me perdoe, mas o quê?

Não consegui evitar a expressão atônita de quem achava que ela tinha perdido o juízo. Ela respondeu com uma risada calorosa, que só me desconcertou ainda mais.

— Vamos fazer a nossa despedida, Chewie. — esclareceu, olhando no fundo dos meus olhos. — Da nossa maneira. Com música e desenhos e... sei lá. O que mais a gente quiser. — Ela bateu com as mãos na cama. — Sendo a gente. E, no futuro, quando olharmos para trás, não vai ser tão

doloroso assim lembrar de quando ele se foi. — Rebecca crispou os lábios por um segundo, como se tentasse escolher as palavras certas para expressar o que queria. Então se empertigou, repousando as mãos sobre meus ombros. — Vamos virar essa página. Não significa que estamos deixando ele para trás. Castiel sempre fará parte das nossas histórias. Apenas estamos dando continuidade ao livro, sabe? — concluiu, dando uma piscadela.

Um calor delicioso dominou meu corpo quando enfim entendi o que ela queria dizer. E, como não conseguiria encontrar palavras suficientes para expressar o quanto minha mulher era a mais foda do mundo, apenas a esmaguei no mais apertado dos abraços.

Então, sem mais nem menos, Rebecca se desvencilhou de mim, tateando a parede em busca do interruptor, para acender a luz. Depois, deslizou para fora da cama como se não tivesse nada demais em acordar na calada da noite, como se estivesse pronta para começar um novo dia.

Cruzei os braços sobre o peito, sem conseguir dominar o sorriso que cismava em surgir sempre quando se tratava de Rebecca sendo Rebecca.

— Vamos fazer isso agora? — indaguei, embora já imaginasse a resposta.

Ela deu de ombros.

— Já estamos acordados mesmo.



Ventava muito quando fomos para a sacada e, por isso, Becca sumiu e voltou com um cobertor, que colocamos sobre nossas costas. Posicionei o violão no colo, mas antes de tocar, fiz meu ritual de estalar todos os membros do corpo com paciência.

Becca cruzou as pernas e se inclinou para frente, apoiando-se nos cotovelos em uma posição estranhíssima. Seus materiais de desenho espalhados pelo chão faziam parecer que ela era uma criança no meio de uma brincadeira muito divertida. Havia poucas coisas no mundo que ela gostava tanto quanto desenhar, e dava para ver isso em seus olhos. Acendiam de uma maneira especial.

Expirei o ar dos pulmões, observando os primeiros raios de sol rasgarem o horizonte sem nenhuma pressa. Amanhecia e nós não tínhamos dormido quase nada. Eu sabia que estaríamos fodidos ao longo do dia, mas ainda assim, parecia a coisa certa a se fazer.

Quero dizer, não se tratava apenas de um casal muito excêntrico acordando no meio da madrugada para assistir ao nascer do sol. Era muito mais que isso.

Olhar para o lado e ver Becca ali comigo era quase como ganhar na loteria. Saber que eu não estaria sozinho em cada curva que a vida fizesse, que aquela mulher tão incrível se sentia feliz apenas pela minha companhia, sem se importar com o que fazíamos, onde estávamos nem nada mais, fazia com que eu me apaixonasse de novo e de novo.

E são nesses momentos únicos que se escondem os tesouros mais grandiosos.

São neles que moram as maiores provas de amor. No companheirismo, no cuidado, no esforço diário em fazer a outra pessoa feliz. Um olhar cheio de cumplicidade. Uma gargalhada

desafinada. Um cafuné na hora de dormir. Nas pequenas atitudes. Aquelas que fazemos sem pensar. Que revelam o que habita no fundo da alma.

A felicidade, afinal, não se trata de nada além dos microssegundos em que somos pegos de surpresa. Quando estamos despreparados, desprovidos de nossas máscaras, de nossas armaduras.

Enquanto Rebecca pincelava a tinta aquarela no papel, dedilhei os primeiros acordes no violão. Me surpreendi ao perceber que era da música Aonde quer que eu vá, da Paralamas do Sucesso. Veio como um sopro do vento, como se estivesse ali no fundo da memória o tempo todo, apenas esperando uma oportunidade para escapar dos meus lábios. Quando dei por mim, minha própria voz se expandia pela sacada, envolvendo-nos como braços amorosos e acolhedores:

— Olhos fechados pra te encontrar. Não estou ao seu lado, mas posso sonhar. Aonde quer que eu vá, levo você no olhar...

Foi impossível evitar as lágrimas. Elas vieram de fininho e, de repente, minha visão ficou toda borrada. Mas não parei de tocar, nem de cantar. Em vez disso, concentrei meus pensamentos em todas as coisas que eu amava em Castiel e que fariam falta. E então me dei conta de que as memórias eram tudo o que me restava dele.

E que, embora doesse muito retomar as lembranças corriqueiras que ficaram gravados no coração, ainda assim eram lembranças preciosas. Eu tinha sorte por poder revivê-las sempre que quisesse.

— Longe daqui, longe de tudo, meus sonhos vão te buscar. Volta pra mim, vem pro meu mundo. Eu sempre vou te esperar.

Se eu soubesse que doeria tanto perder meu amigo, teria o resgatado do bueiro da mesma forma. As coisas boas que passamos compensavam todo o resto. Afinal de contas, eu o tive ao meu lado por quatorze anos. E nada mudaria o fato de que, nesses quatorze anos, fui agraciado pelo melhor amigo que um homem poderia ter.

— Você tirou essa do fundo do baú, hein? — brincou Becca, quando a música chegou ao fim, e esticou o desenho em nossa frente.

Encaixei a cabeça na curva do seu pescoço, tragando um pouco do seu perfume enquanto meus olhos corriam pela ilustração. Eu era louco pelos desenhos dela. Tão louco que a arte do último álbum da Tyrannosaurs tinha sido inteira feita por ela.

Mas aquele era muito mais que um desenho foda.

Tinha nossos corações.

Tinha nosso adeus.







Capítulo 7 - Rebecca

*A vida é muito curta para se importar com tudo, oh
Eu estou perdendo a cabeça, perdendo a cabeça, perdendo o controle
(...)*

*Se eu conseguisse achar um jeito de ver isso melhor
Eu fugiria pra algum destino que eu já deveria ter encontrado*

Young the giant — Cough Syrup

Levei a caneca de café aos lábios, sorvendo o último gole. Encarei a tela do notebook com desânimo e supliquei silenciosamente para, pelo menos por uma tardezinha sequer, conseguir vencer aquele maldito bloqueio criativo.

Horas haviam passado desde que me sentei à mesa daquele simpático café. Já contavam dias que eu vinha tentando encontrar a inspiração — fosse em parques, galerias ou restaurantes. Qualquer lugar longe de casa. Eu só precisava escapar um pouco das paredes do nosso apartamento, claustrofóbicas demais depois da morte de Castiel, há pouco mais de dois meses.

A falta que ele fazia acabava comigo. Ainda mais quando Adônis viajava a trabalho. E, embora ele tenha insistido várias vezes para eu acompanhá-lo, não conseguia sequer cogitar encarar outro avião e sair daquele mundinho com o qual estava habituada — apesar de muito insatisfeita. As coisas nem sempre fazem sentido. Eu queria que tudo fosse diferente, mas não

conseguia colocar a mão na massa e começar essa mudança. A verdade é que é muito difícil sair da zona de conforto, mesmo quando ela não é tão confortável assim.

Cada vez que era preciso dar tchau para ele e encarar os cômodos de nosso apartamento mais vazios que nunca, morria um pouquinho mais por dentro. A chama dentro de mim se apagava exponencialmente, mas eu não sabia como reverter isso. Não sabia como recuperar a felicidade, como me sentir afortunada e feliz como deveria. E então vinha a culpa. Até Adônis já lidava bem melhor com a morte de Castiel, ao passo que eu parecia regredir e regredir, em uma constante infinita.

Conforme os dias passavam, mais a melancolia me enlaçava em um abraço apertado, me impossibilitando de escapar. Eu só conseguia focar nas coisas boas que eu perdia no Brasil. Não parava de pensar nas pessoas que amava — sobretudo em meus avós — e no quanto eu precisava curtir-las enquanto ainda podia. A morte de Castiel trouxe uma urgência que até então nunca havia me assolado. Era uma espécie de saudade precoce que queimava no peito e rendia lágrimas, sempre que eu refletia sobre todas as despedidas que ainda precisaria dar ao longo da vida.

Como as coisas chegaram a esse ponto?

A solidão é um veneno que corrói a alma aos poucos.

Dei outra espiada na última linha que escrevi e expirei o ar dos pulmões com pesar. Eu estava ferrada com aquele trabalho. Os prazos ficavam cada vez menores, mas eu não conseguia sair do lugar. Quanto mais pensava sobre isso, menos conseguia escrever. Era a droga de um ciclo sem fim. E, por saber que não adiantava nada me desesperar, limitei-me a fechar o laptop.

Massageei as têmporas, sentindo os olhos encherem de lágrimas. Eu não aguentava mais estar naquele ponto da minha vida em que as coisas ficaram estagnadas. Não suportava mais não ter com quem conversar. Não ter quem ver. Não ter o que esperar. Eu olhava pelas janelas do meu apartamento e tinha a sensação de que, lá fora, o mundo parecia correr a todo vapor. Mas ali dentro, não. Ali dentro o tempo tinha congelado. Eu me encontrava em um limbo enfadonho e deprimente. Era como chegar ao fim de um túnel sem saída. Eu queria continuar seguindo em frente, no entanto era impossível. Só me restava permanecer ali, olhando para o nada e me perguntando quando eu deixaria de me sentir tão miserável.

Odiava me sentir assim, mas seria inútil fingir que estava tudo bem quando não podia ser mais distante disso.

Nada estava bem.

A morte de Castiel me abalou muito mais do que eu imaginava e, embora tentasse ignorar isso e seguir de queixo erguido, como uma verdadeira heroína deveria ser, os sinais se evidenciavam nas entrelinhas. O bloqueio criativo. A irritação crescente. A vontade de me isolar, seguida pela melancolia em ficar sozinha. Eu odiava aquele desconforto. Odiava que Adônis estivesse tão ocupado quando eu mais precisava dele. E, então, odiava ser tão egoísta.

Pesquei o celular dentro da mochila e fiquei encarando o visor por um momento. Roci o polegar na tela, pensando se fazia diferença mandar ou não uma mensagem cuja resposta só chegaria depois de horas.

Não faça isso.

Está sendo irracional.

Umedeci os lábios, assentindo, e mandei a mensagem antes que mudasse de ideia.

Queria tanto que estivesse aqui comigo...

Quando você volta?

Torci os lábios em uma careta insatisfeita, percebendo que aquele tipo de mensagem tinha virado um padrão na nossa relação. Quase um texto pronto que eu copiava e colava a cada nova viagem. Por isso, deixei meus dedos digitarem mais uma.

Parece que faz uma eternidade desde que nos despedimos.

Estou louca para matar as saudades.

Volta para mim.

Guardei o computador dentro da mochila e arrastei a cadeira para trás, preparando-me psicologicamente para encarar o caminho de volta para casa. Horas atrás, quando resolvi sair, pareceu uma boa ideia fazer uma caminhada até ali, afinal eram poucas quadras de distância. Agora eu lamentava não estar com o carro. Não via a hora de vestir meus pijamas e me atirar na cama. Quem sabe eu não me distraísse um pouco com algum livro enquanto esperava as repostas de Adônis.

Meus pensamentos alçaram voo enquanto eu deixava minhas pernas me levarem pelas ruas de Waterford de volta para o meu apartamento. Eu me lembrava do começo, de quando tudo ainda era uma novidade excitante e eu não parava de querer mais e mais. A felicidade que me inflava por enfim ter Adônis depois daquele longo tempo separados. O sentimento de que nada jamais poderia abalar aquela euforia. Como me enganei.

Agora tudo o que eu fazia era tentar resgatar todas as sensações que já não faziam mais parte da minha vida. E não é assim que as coisas funcionam. Como quando nos apaixonamos, por exemplo. Tudo é novo e instigante e você não consegue se desgrudar da pessoa, nem deixar de pensar nela por um segundo sequer. Tudo é intenso, tempestuoso. Aquela incerteza de termos o outro por perto faz com que se viva cada segundo por completo.

Depois o amor chega, trazendo sua calma confortável. E por mais que você deseje vez ou outra aquele friozinho na barriga de antes, assim como as mãos suando frio e todo o resto que faz parte do pacote, essas coisas jamais voltarão. Porque agora elas deram lugar a coisas que antes não existiam — como a intimidade, a parceria, a amizade.

Da mesma forma, eu não poderia voltar a me sentir eufórica com viagens e a Irlanda como antes, porque aquele frescor há muito tinha passado. E sem ele, os contras ficavam mais aparentes do que os prós.

Eu só queria não precisar escolher entre viajar para ficar com o meu marido, ou ficar sozinha para aproveitar a nossa casa. Queria ter os dois ao mesmo tempo e parecia injusto não existir essa possibilidade.

Balancei a cabeça, afastando toda aquela nuvem de amargura. Eu queria conseguir ser grata pelas coisas boas. Queria que existisse um botãozinho dentro da gente que desligasse todas as incertezas, as inseguranças, as infelicidades. Mas a verdade é que ser feliz é uma escolha diária. E consiste em conviver com todas as coisas que começam com in, sem dar muita importância para elas. Sem permitir que controlem sua vida.

Eu só precisava encontrar uma nova motivação.

Precisa encontrar um destino para focar, porque sem destino não se chega a lugar algum, e eu estava cansada daquela rua sem saída na qual me encontrava.

Entrei no prédio em que morávamos e fui direto para o elevador. Eu percebi que tinha algo de diferente no momento em que pisei fora dele. A música que chegava abafada aos meus ouvidos não era qualquer música. Era Beatles. Mais precisamente a música com a qual fui pedida em casamento. And I Love Her.

*Um amor como o nosso
Nunca poderia morrer
Contanto que
eu tenha você perto de mim*

Abri um sorriso largo e corri até a porta, enfiando a chave na fechadura com os dedos trêmulos. Em um piscar de olhos, todo o desânimo desapareceu. Porque, diante de todas as coisinhas que me irritavam, Adônis era o que fazia tudo valer a pena. Tê-lo daquela maneira era melhor do que não tê-lo. E disso eu sabia muito bem. Já havia experimentado na pele.

Além do mais, eu poderia resumir tudo que estava me incomodando em uma única palavra — solidão. Passava a maior parte do meu tempo trancafiada em nosso lar. O único contato que tinha com as pessoas que amava era por meio de mensagens e vídeo chamadas. E não é assim que as coisas funcionam. Bom, não para mim. Eu precisava estar perto de todo mundo. Precisava conversar, rir e viver as coisas de verdade, não através de uma tela de computador ou celular.

Eu precisava de calor humano. De abraços, beijos, carícias.

Precisava dar um jeito naquela bagunça.

O cheirinho delicioso de comida que encontrei do lado de dentro me fez revirar os olhos, enquanto inspirava profundamente. Movida pelo aroma, fui direto para a cozinha, mas me enganei ao pensar que encontraria Adônis lá. O forno ligado emanava calor por todo o cômodo de uma maneira muito aconchegante.

Eu era inútil na cozinha. Não tinha a menor paciência, mesmo quando Adônis não estava por perto para me amparar. E por isso era tão maravilhoso me deparar com a cozinha daquela maneira. Afastava o vazio de sempre, junto da sensação de solidão que vinha me acompanhando.

Deixei a mochila sobre o sofá, passando pela sala de jantar logo em seguida. Foi impossível desviar o olhar da mesa arrumada com velas, e uma garrafa de vinho, junta a duas taças. Fisguei o lábio inferior, sem conseguir parar de sorrir.

Fui encontrar Chewie na suíte, saindo do banheiro em uma nuvem de fumaça, usando apenas uma toalha na cintura, enquanto secava o cabelo com outra. Ele arregalou os olhos em uma

expressão surpresa, mas ela logo deu lugar a um sorriso largo que iluminou seu rosto todo.

Me permiti contemplá-lo ali, tão pertinho de mim, com o tronco nu em um convite delicioso para que eu esfregasse meu rosto — e outras coisas mais — nele. Meus lábios se torceram em um sorriso maroto, que ele percebeu, porque soltou uma risadinha baixa, enquanto se aproximava sem nenhuma pressa. E, mesmo depois de seis anos ao lado de Adônis, eu continuava ficando inteira trêmula, porque, céus, ele me tinha nas mãos.

— Você me pediu para voltar — explicou, com uma expressão cínica —, e eu voltei. — Nós dois rimos em uníssono, porque aquela era a mentira mais deslavada de todas. Chewie certamente já estava ali quando enviei minha mensagem.

Mesmo assim, suas palavras não perderam o encanto. Adônis estava ali. Para mim. Como se lendo meus pensamentos, ele lançou uma piscadela, abrindo os braços em um convite para que eu me aninhasse em seu corpo. E percebi que, no fim das contas, estar em uma rua sem saída não é assim tão terrível quando se tem tão boa companhia.



Capítulo 8 - Rebecca

*Mas você nunca ficará sozinha
Eu estarei com você do crepúsculo ao amanhecer
Eu estarei com você do crepúsculo ao amanhecer
Amor, eu estou bem aqui
Eu vou te apoiar quando as coisas derem errado*

Zayn (feat. Sia) — Dusk till Dawn

Envolvi o pescoço de Adônis com os braços e enterrei o rosto na curva do seu pescoço, tragando seu cheiro que eu tanto amava. A barba de lenhador raspou no meu ombro quando ele deixou um beijo ali, causando um arrepio delicioso.

Procurei sua boca sedenta pelo sabor mentolado que eu sempre encontrava em seus beijos. Sedenta pela maneira como ele me amava intensamente em cada um dos seus gestos — desde a maneira como seus dedos longos me tocavam, firmes e decididos, ao modo ávido de enroscar sua língua na minha, como na primeira vez em que nos beijamos.

Raspei as unhas no seu peitoral e desci até o V delicioso no final de seu abdômen. Ele mal havia chegado e eu já queria compensar todo o tempo que estive longe. Não era minha culpa se tudo nele era delicioso demais.

Adônis segurou meu queixo e afastou meu rosto poucos centímetros, com um ar divertido.

— Que recepção, hein? — brincou, abrindo um sorriso largo.

— Ninguém manda passar tanto tempo longe — devolvi, percorrendo outra vez a distância entre nossas bocas com certa urgência, porque parecia um desperdício de tempo estar com ele sem aproveitá-lo ao máximo.

Adônis soltou um gemido baixinho e seus braços me prenderam pela cintura, me aprisionando em seu corpo tão maior que o meu. Seus lábios abandonaram os meus e foram parar na orelha. Primeiro roçaram a pele ultrassensível com uma velocidade quase dolorosa de tão lenta. O toque macio contrastava com o ardor causado pela barba e, nossa, era bom demais. Não tinha como pensar em mais nada quando ele fazia esse tipo de coisa. Só dava para prestar atenção em seus movimentos.

No entanto ele não prosseguiu como eu esperava e desejava. Em vez disso, o ouvi rir baixinho, balançando a cabeça com suavidade. Ele posicionou os lábios sobre meu ouvido, de um jeito que até a sua respiração me deixava inteira arrepiada.

— Longe de mim ser o cara que vai apagar seu fogo — senti suas palavras quentes roçaram na minha pele e estremeci inteira —, mas a comida está meio que pronta. E eu estou com uma fome do cacete.

Entreabri os lábios, sem acreditar que ele estivesse falando sério. Afastei a cabeça para encará-lo e encontrei com uma expressão levada.

— Chewie, você vai mesmo dispensar sua mulher? — fiz a voz mais manhosa que consegui. — Que está louquinha por você? Se atirando nos seus braços?

O sorriso em seu rosto se alargou, enquanto ele apertava o meu nariz de maneira carinhosa.

— É que a janta... — começou, mas o interrompi.

— Dane-se a janta, Chewie.

Ele me calou com um beijinho rápido.

— Dane-se a janta? — perguntou, em um tom ofendido, enquanto eu deslizava meus lábios pelo seu pescoço, para que ele mudasse de ideia. — A janta que passei as últimas duas horas preparando com todo o carinho, com todo o amor e com todo o cuidado para a minha donzela? A janta que passei as cinco horas dentro do avião planejando? A janta que fiz usando o meu avental do Darth Vader?! — Ele fez a última pergunta com um tom super indignado, como se de todos os problemas, esse fosse o que mais o incomodasse. — É isso mesmo que estou ouvindo?

Deixei escapar uma risada travessa, que arruinou toda a minha tentativa de manter a pose sensual e irresistível. Procurei seus olhos ocre-esverdeados e encontrei o brilho petulante de quando ele brincava comigo. Mas eu era teimosa, não ia ceder tão fácil assim.

— Aham. — Dei de ombros, enquanto meus dedos deslizavam sobre o nó de sua toalha. — Só você pode matar a minha fome.

Quando estava prestes a desatar o nó, no entanto, suas mãos enormes seguraram meus pulsos, me impedindo.

— Ah, Becca... nós vamos chegar nessa parte. Mas não agora. — Ele segurou meu rosto, para que eu continuasse olhando nos seus olhos. — Agora você vai pagar muito caro por se desfazer tão fácil da comida que preparei para você. E depois disso, nós vamos, sim, jantar.

Uma gargalhada escapou do fundo da minha garganta. Como era bom rir, sem me preocupar e nem pensar em nada mais. Apenas viver aquele momento, sem nenhum ruído atrapalhando a experiência. Sem todo o peso que eu vinha carregando nos ombros.

— Não vai me dizer que despertei a fúria wookiee — provoquei, com minha melhor expressão desafiadora. — Porque se você me fizer cócegas, eu juro que ninguém vai sair do quarto essa noite.

Ele riu e seus olhos se fecharam por um momento.

O tempo tinha trazido ruguinhas a mais ao redor de seus olhos, que se evidenciavam quando ele ria. E eu adorava cada uma delas.

Antes que eu entendesse o que estava acontecendo, Chewie voltou a me abraçar pela cintura. Qualquer resquício de sorriso tinha se dissipado do seu rosto, dando lugar a uma seriedade que me fazia perder a força dos joelhos.

É disso que estou falando.

— Esse é um convite irresistível mesmo — ele pressionou o quadril contra o meu corpo, para me mostrar o tamanho de sua vontade. Então, quando voltou a falar, sua voz não passava de um sopro rouco e muito desconcertante. — E eu juro que vou tirar cada peça de roupa que você está usando com muita calma — Seus dedos desceram pela minha cintura, onde afundaram de uma forma quase dolorosa. — Depois beijar cada pedacinho da sua pele. Cada um. Sem nenhuma pressa. Mesmo se você estiver se contorcendo de vontade e implorando para eu te amar com toda a força.

Engoli em seco, ao mesmo tempo em que sua respiração quente ficou um pouco mais agitada. Adônis roçou o polegar em meus lábios e a aspereza do seu dedo fez minha boca formigar de desejo. Meu coração falhou uma batida e só consegui me perguntar quando ele ia começar a fazer as coisas de que estava falando.

— O-o que mais? — indaguei, de olhos fechados para vislumbrar as imagens convidativas.

— Vou passear meus dedos por você e te tocar como se fosse uma das minhas guitarras. Vou fazer música com o seu corpo, Becca — sussurrou, e o seu tom foi o mais descarado possível. — Vou te fazer gritar muito. Muito mesmo.

Quando dei por mim, tinha deixado escapar um suspiro alto. Mordisquei o lábio inferior, deliciando-me com a imagem que ele evocou em minha mente. Em uma fração de segundo, a temperatura do quarto tinha elevado drasticamente e o ar se tornado rarefeito.

Olhei em seus olhos de outono, esperando por mais. Querendo mais. Agora que ele tinha atizado, nada apagaria meu fogo. Fiquei em brasa e queria muito que ele ardesse comigo.

Mas Adônis sabia muito bem como jogar. E ele adorava me deixar a flor da pele, só para me enlouquecer. Percebi, pelo seu olhar, que nada do que ele tinha falado seria feito agora, embora cada pedacinho do meu corpo implorasse por isso.

Ele sustentou o olhar por um segundo, antes de deixar um beijo estalado no topo da minha cabeça.

— Você despertou a fúria wookiee. — falou, com ar vitorioso. — E esse foi o seu castigo. — Ele me presenteou com um sorriso diabólico.

Eu devia ter imaginado.

Adônis sempre fazia isso comigo. Quando começamos a namorar, ele fazia de tudo para me deixar envergonhada. Eu era tão tímida, qualquer coisa já me deixava com o rosto pegando fogo. Mas agora que isso já não acontecia mais com tanta facilidade, ele usava outros artifícios para me deixar desconcertada. Ele adorava o controle que detinha sobre mim e o quanto me afetava. Eu sabia disso porque, no fim das contas, era do mesmo jeito.

Talvez minha expressão de incredulidade tenha ficado muito evidente no rosto, porque ele riu com prazer.

— Meu Deus, você é tão escroto! — brinquei, desferindo vários tapinhas em seu peito. — Não tenho culpa que chego em casa e você está quase pelado, com esse V que eu adoro de fora, essas gotículas escorrendo pelo seu corpo, os cabelos molhados, e tudo o que eu quero é...

— Shhhhhh. — Ele me calou com um beijo. — Eu conheço o seu jogo, sua diabinha. Agora, por favor, vamos comer. Comida de verdade. Sem nenhum duplo sentido. — completou, com um sorrisinho torto. — Depois disso prometo que sou todo seu.

Então, antes que eu pudesse evitar, se afastou de mim, caminhando em direção ao closet. Expirei o ar dos pulmões, tentando me recompor. Meus membros ficaram fracos e trêmulos.

— Não acredito que fui mesmo trocada pelo jantar — brinquei, sentando-me na cama e forjando uma expressão emburrada, embora ele não pudesse ver.

Adônis riu, enquanto subia uma cueca pelas coxas, de costas para mim.

— Você não foi trocada pelo jantar. — explicou com tranquilidade e então vestiu uma calça de moletom cinza mescla. — Eu só preciso de energia para conseguir te acompanhar, Becca.

Ele me lançou uma piscadela, com aquele sorriso ordinário no rosto e os braços erguidos no ar, em rendição.

— Nossa, como você é ridículo — falei, e nossas risadas preencheram o quarto todo.

Chewie parou de frente para mim, sem conseguir parar de sorrir.

— Aham — murmurou, irônico. — E você é ainda mais, porque não vive sem mim.

Apontei o dedo em riste para ele, forjando uma expressão arrogante. Abri a boca para responder que, para a informação dele, ele era convencido demais, mas me detive no momento em que seus braços me ergueram da cama com muita facilidade.

— Que é isso?! — perguntei, rindo e debatendo os pés, já em seu colo.

— Estou te levando para jantar, donzela. Por bem ou por mal.



Capítulo 9 - Rebecca

Ajude-me se você puder, estou me sentindo desanimado

Eu gostaria de ter você por perto

Ajude-me a colocar meus pés de volta ao chão

Você não vai, por favor, por favor, me ajudar?

The Beatles — Help

Levei o garfo à boca, enquanto Adônis sorvia um gole generoso de vinho, sem se desfazer do sorriso que pincelava o rosto desde que nos sentamos para jantar. Ele me contava que Arthur tinha mandando uma mensagem, há poucos dias, pedindo um favor.

— Que favor?! — perguntei, atônita, porque não conseguia imaginar meu melhor amigo pedindo algo para Adônis. Quero dizer, eles eram amigos também, é claro, mas não BFFs, e isso mudava tudo.

— Eu fiz a mesma pergunta. Fiquei curioso porque, bem, você sabe como ele é.

— Eu sei — brinquei, com um sorriso enorme no rosto.

Meu melhor amigo nunca teve a menor vergonha na cara. Desde a faculdade, sempre teve um jeitinho único de ser. E continuava igual, sem por nem tirar. Eu morria de saudade dele. Embora estivéssemos longe um do outro há muitos anos, as coisas permaneciam iguais entre nós, ele era como um irmão para mim. Apesar de nos encontrarmos com frequência — afinal de contas, eventualmente eu precisava voltar ao Brasil para os meus eventos literários —, eu sentia falta da

nossa convivência. Arthur e eu tínhamos morado muitos anos juntos. Éramos como unha e carne. E por isso sua falta era tão presente na minha vida. Mesmo com nossas frequentes conversas por mensagem e mesmo que fizéssemos parte da vida um do outro, parecia que ainda não era suficiente.

— Ele disse que contou para o namorado uma coisa e precisava muito que eu confirmasse, porque tinha a ver comigo. Achei que fosse sobre eu ter dado aula para ele, mas, qual é, estamos falando de Arthur, o terrível — brincou, e nós rimos em uníssono.

— Ai, eu estou com medo do final dessa história — confessei, pois o conhecia muito bem. — O que ele queria?

— Que eu admitisse a nossa relação.

— Nossa? — indaguei, sem entender, com os lábios escondidos por trás da minha taça de vinho.

— Não a nossa, donzela. Minha e dele.

— Queeeeeê?! — quase cuspi o vinho em minha boca. — Como assim? Vocês andaram se pegando pelas minhas costas sem eu saber? — provoquei, fazendo-o rir em deleite.

— Essa nem é a pior parte. Eu vi a conversa. Ele falou pro namorado que se ele estava impressionado com o tamanho das minhas mãos, deveria ver meu badalo. — Ao dizer isso, as bochechas de Adônis ganharam um tom ligeiramente avermelhado. Fisguei o lábio inferior, deliciada com a imagem. — Por favor, Becca, diz pra mim que badalo não é o que acho.

— Sinto muito, Chewie, mas badalo é exatamente o que você acha.

Adônis soltou uma risadinha baixa, enquanto esfregava o rosto com nervosismo. Eu juro que estava me esforçando para não rir dele, afinal, dava para ver que ele tinha ficado todo sem graça de um jeito fofo. Mas, pela máscara de Vader, ficava cada vez mais complicado.

Balançando a taça nos dedos de maneira casual, ele se inclinou um pouco mais para frente.

— É sério, o Arthur precisa rever os conceitos de coisas aceitáveis para dizer aos namorados. Porque isso não parece muito decente — seu tom sério contrastou com as bochechas que continuavam um pouquinho coradas e não aguentei segurar a risada.

— Desde quando o Arthur é decente? — brinquei, lembrando-me de que, na faculdade, ele vivia dizendo que tinha muito trabalho pela frente para me corromper. — Fora que eu não posso julgá-lo sobre o negócio das mãos. Ele está certo. — admiti, abrindo um sorriso travesso. — Será que tem alguma relação ou coisa assim?

Adônis balançou a cabeça, com uma expressão que era meio satisfeita, meio divertida e me deu um beijo.

— Você não perde a oportunidade, hein? — perguntou, baixinho, com os lábios colados nos meus.



Quando terminei de lavar a louça do jantar e voltei para o quarto, Chewie se encontrava deitado na cama, com o violão no colo, dedilhando uma melodia calma que eu ainda não conhecia.

— Música nova? — perguntei, recostando-me no batente da porta para observá-lo.

— Aham — respondeu.

Pensei que fosse me mostrar, como sempre fazia, mas em vez disso inclinou o corpo e colocou o violão no chão, apoiando na parede. Depois se ajeitou, abrindo os braços para mim.

— Vem cá.

Crispei os lábios, percorrendo a curta distância até a cama e, um pouco desajeitada, fiz o que ele tinha sugerido. Me enfiei em seus braços, aceitando ser reconfortada. Ele fez carinho nos meus cabelos, com movimentos suaves, e não disse palavra alguma.

Mas o silêncio estava me incomodando, e por isso fiz uma tentativa de arrancar uma risadinha dele.

— Eu falei pra gente deixar a janta de lado. Agora não tem a menor chance de continuar o que começamos... — lamentei, fazendo beicinho. — Estou estufada. Acho que comi demais.

Funcionou. Chewie soltou uma gargalhada deliciosa, que acompanhei sem o menor esforço.

— Não culpe a comida que fiz com tanto carinho para você, sua ingrata — brincou, deixando um beijo no topo da minha cabeça. — Fora que a vida não acaba hoje, donzela. Temos todo o tempo do mundo para aproveitar.

Antes que eu pudesse evitar, dei uma risadinha irônica. Pelo canto dos olhos, notei sua expressão confusa e me adiantei em explicar:

— Queria que fosse verdade.

— Como assim? — sua pergunta foi genuína. Ele de fato não sabia o que eu estava querendo dizer. Isso me deixou boquiaberta. E, ao mesmo tempo, com um pouco de raiva, embora eu não soubesse apontar a razão.

Sustentei meu corpo nos cotovelos, erguendo o rosto para encará-lo nos olhos.

— Nós temos todo tempo do mundo? — perguntei, um pouco ácida.

— Sim? — Arqueou as sobrancelhas, parecendo ainda mais confuso. Diria até preocupado.

— Não é esse o conceito por trás do casamento e tudo mais?

Soltei o ar dos pulmões, balançando a cabeça em negativa.

— Não é isso que estou querendo dizer, Chewie. Eu... — Desviei o olhar. — Deixa pra lá. Estou nervosa, não quero descontar em você.

Seus dedos frios foram parar no meu queixo, erguendo o meu rosto até que os olhos de outono me encontrassem outra vez.

— O que está querendo dizer, então?

Apesar de eu ver em seus olhos que ele não ia sossegar até eu colocar tudo para fora, seu tom foi brando, preocupado.

— Nós não temos todo o tempo do mundo — não consegui esconder a irritação. E, a julgar pelo cenho franzido de Adônis, ele tinha percebido. — Tempo é o que menos temos. Você está sempre fora. É quase um visitante. E quando volta, preciso matar a minha saudade com pressa, antes que você arrume as malas e vá embora outra vez.

Sua boca abriu e fechou três vezes. Ele balançou a cabeça, como se ainda estivesse tentando absorver as coisas que eu havia falado. Sem perceber, começou a estalar os dedos das mãos.

Aprovei a deixa para expurgar tudo o que tinha entalado dentro de mim.

— Estou me sentindo tão sozinha, Chewie. Antes eu tinha o Castiel, mas agora não sobrou ninguém além de mim. — Encolhi os ombros, como se me desculpasse por me sentir assim. — Eu não consigo mais escrever, não consigo ter novas ideias, tampouco consigo desenhar. E você sabe que desenhar é uma das coisas mais importantes pra mim. Quando tudo vai mal, eu desenho. Mas agora nem isso. — Uma risadinha atônita escapou da minha boca. — Só consigo ficar com pena de mim mesma e, caramba, eu não quero sentir isso! Esse é o sentimento mais frustrante de todos.

Ficamos nos olhando pelo que pareceu uma eternidade. O silêncio foi tamanho que era possível ouvir as árvores farfalhando ao sabor da brisa, do lado de fora. A tensão foi quase palpável.

Ele respirou fundo, esfregando o rosto e deslizando as mãos para os cabelos. Parecia desolado.

— Donzela, eu imagino o quanto deve estar sendo difícil para você ficar aqui sozinha — sussurrou, e eu sabia que ele estava falando com seu coração. — Nós podemos chamar o Arthur, a Nataly e a sua família para passarem o natal aqui com a gente. Podemos bolar uma coisa bem legal... eu não sei. Algo para te distrair. — Adônis levou as mãos ao meu rosto, passeando os polegares pelas minhas bochechas com ternura. — E, depois, estamos quase terminando nossa turnê. Falta isso aqui — ele fez uma pinça com o polegar e o indicador. — Comecei a falar com os caras sobre a gente fazer uma pausa. Eles concordam. Já estamos há muito tempo na estrada, esse é o momento de entrarmos em hiatos, descansar, aproveitar nossas famílias. Nós dois podemos viajar par... — não o deixei terminar de falar.

— Claro, porque isso vai resolver todos os nossos problemas, né? — Me arrependi do tom rude no momento em que ouvi minha própria voz. — Depois que tudo isso passar, vai continuar sendo a mesma coisa de agora. Você longe. Eu sozinha. Para sempre. Vai ser para sempre assim.

Outra vez, ficamos em silêncio. Minhas palavras reverberavam pelas paredes do quarto. Adônis parou de me acariciar, mas suas mãos permaneceram no meu rosto.

— O que você quer que eu faça, Becca? — perguntou. — Esse é o meu emprego. Não é uma novidade. Você sempre soube que as coisas seriam assim.

Sua voz saiu tão triste que partiu meu coração em pedacinhos.

— Eu sabia. E amei cada momento que curti essa novidade com você. Mas cansei. As pessoas mudam o tempo todo. — expliquei, tentando fazê-lo entender a maneira como eu enxergava a situação toda. — Essa não é a vida que eu imaginei pra gente, Chewie. É muito doloroso admitir isso, mas é verdade.

Ele soltou uma risada mordaz, ao mesmo tempo em que seus dedos largaram o meu rosto. Todos os pelos do meu braço arrepiaram.

— Você tem a opção de me acompanhar também, sabia? — indagou, um pouco áspero. — Não existe trabalho mais liberal que o seu, donzela. Você pode escrever de qualquer lugar do mundo, até onde eu sei.

— É, eu posso. Mas até quando?

— Como assim até quando? — Adônis estreitou os olhos, como se me desafiasse a seguir em frente.

— Até quando vou precisar ficar te seguindo para onde você vai, dormindo cada dia em um lugar diferente, como se fôssemos ciganos? — atirei, tomando impulso para me sentar na cama. — Talvez eu esteja sendo egoísta, mas, qual é, Adônis? Já se passaram seis anos. Seis! Eu vim aqui morar com você. Longe de todo mundo. Eu cedi. Mas qual o sentido em ficar aqui sozinha o tempo todo? Você nem fica em casa. Eu me sinto uma prisioneira. Parece que fiz uma coisa errada para ficar aqui de castigo enquanto todo mundo vive sua vida.

Adônis arqueou as sobrancelhas, como se enfim tivesse enxergado algo que esteve o tempo todo na sua cara, mas ele nunca percebeu antes. Depois disso, me imitou, sentando-se na cama, com a diferença de que seu corpo ficou virado de costas para mim, com as pernas para fora.

— Becca, eu... — mas eu não soube o que vinha depois do eu, porque sua voz morreu no ar, seguida pelo silêncio mais desconfortável de todos.

Observei a tatuagem de sereia em suas costas, lembrando-me de quando eu ainda começava a conhecer o meu vizinho e professor... se alguém me contasse, naquela época, o que o destino tinha reservado para nós dois, eu jamais teria acreditado. A vida é cheia dessas surpresas. Nós vamos levando e, quando olhamos para trás, nos damos conta de que ao contrário do que pensamos, não temos o menor controle sobre a vida. As coisas apenas acontecem.

Como aquela briga entre nós.

Meu coração clamava para que tudo ficasse bem. Mas, em vez disso, o trem tinha saído por completo do trilho, seguindo um caminho desgovernado que em nada me agradava. Eu não sabia o que fazer. Tentava me segurar para não me arrebentar em cada curva acentuada, porém não tinha o menor sucesso. Só me restava torcer para que as coisas se alinhassem o mais depressa possível.

— Você não quer ficar sozinha, mas também não quer me acompanhar... — falou de repente, sobressaltando-me. — Parece que estamos ficando sem opções, donzela. Assim fica um pouco difícil de resolver o problema.

— Adônis, eu...

— Não, tudo bem. Tá tudo bem. Eu é que sou um idiota. — Ele me olhou por cima do ombro. — Estou sempre feliz pra cacete porque essa vida aqui — e, ao dizer isso, apontou para nós dois. —, é muito, muito mais do que um dia imaginei. Eu pensei que tinha fodido tudo no passado. Pensei que minha vida tinha chegado ao fim. E você me mostrou que, na verdade, ela estava só começando. — A cada palavra, ele aumentava um pouco mais o timbre. Não de uma maneira ameaçadora, mas sim assustada. Adônis estava tão assustado que perdia o controle. — Então ter você para mim é sempre muito maior do que qualquer coisinha que apareça pelo caminho.

Adônis levantou da cama, parando em pé de frente para mim. Ele mordeu o lábio, olhando para os próprios pés por um segundo antes de continuar a falar. Então, quando isso aconteceu, seu tom soou bem mais frio e irônico do que há poucos segundos. Me lembrou do Adônis do passado. O que estava amargurado demais com a vida para agir diferente.

— Consegue compreender isso, Rebecca? Nada do que o futuro me reservava poderia ser melhor que isso. Eu achei que você também se sentisse assim. — Soltou uma risadinha debochada,

deixando os braços baterem nas pernas. — E me equivoquei. Mas deve ser porque eu passo muito mais tempo vivendo a minha vida e deixando a minha mulher presa em casa, né. Se eu não fosse um maldito egoísta, quem sabe conseguisse enxergar o que está bem embaixo do meu nariz.

Antes que eu pudesse fazer algo a respeito, ele saiu do quarto, batendo a porta. Adônis sempre foi explosivo, sem paciência. Eu tinha me esquecido disso porque, no geral, nossas brigas do cotidiano não chegavam tão longe. Era discussões bobas que terminavam com beijos e risadas. Por isso mesmo que meu coração apertou tanto. Vê-lo perder o controle de tal forma me deixou gelada de medo.

Suas palavras pairaram pelo ar mesmo depois de horas, quando abracei os meus joelhos e me apoiei na cabeceira, perguntando-me como as coisas tinham chegado naquele ponto e quanto tempo elas levariam para se encaixar outra vez no lugar.



Capítulo 10 - Rebecca

Levei a vida toda só pra sentir isso

(...)

Em todos os lugares que eu vá

Sinto os corações batendo

E mesmo longe, esta é a minha casa

Oh, nunca me deixe ir

Alok (feat. Bruno Martini) — Never Let Me Go

A primeira coisa que fiz ao acordar na manhã seguinte foi procurá-lo.

Estava na sacada, sozinho. Mesmo sem ser chamada, tomei a liberdade de percorrer o caminho até ele, apoiando-me no parapeito, ao seu lado.

Adônis soprou a fumaça do cigarro para fora dos pulmões, com os olhos fixos na paisagem à nossa frente e o corpo apoiado no parapeito da sacada. Ele usava uma touca caidinha, que escondia todo o seu cabelo. Eu adorava os seus chapéus e toucas, porque combinavam demais com sua personalidade despojada. Meus olhos desceram pelo seu braço esquerdo e pelos desenhos que o coloriam agora. Adônis tinha ganhado algumas tatuagens ao longo daqueles anos que, na minha opinião, o deixavam ainda mais gostoso.

A brisa da manhã chacoalhava meus cabelos de um lado para o outro enquanto eu o observava. Dentro de mim, as coisas não iam tão bem assim. Eu guardava um mar de incertezas e me sentia mal pelo simples fato de elas existirem. Ainda mais quando ele fazia de tudo para me

alegrar. Ele se esforçava tanto para me ver bem. E isso me matava por dentro, porque eu me sentia a pessoa mais ingrata do mundo inteiro.

Chewie sempre cuidou de mim. Mesmo antes de nos envolvermos, quando ele não passava de um cara estúpido que só sabia resmungar, ele já se dedicava ao meu bem-estar, sem eu saber. E agora, que nossas vidas caminhavam juntas, essa havia se tornado uma de suas principais preocupações.

Ele não aceitava me ver triste. Simples assim. Arregaçava as mangas e usava todas as cartas que tinha em mãos para tentar me reerguer. Acho que, no fundo, o amor é sobre isso. Sobre querer o bem da pessoa acima de qualquer outra coisa. Porque sua felicidade está diretamente ligada à dela. E é impossível ficar legal sem que a outra pessoa também esteja. Amor é construir um mundinho particular que pode não fazer o menor sentido para mais ninguém, mas para vocês dois, faz. Funciona.

Passei os dedos pelos cabelos, para que parassem de voar sobre meu rosto. Adônis deu a última tragada em seu cigarro antes de apagá-lo no cinzeiro sobre o parapeito.

Embora permanecesse ao meu lado, ele estava muito longe. Seus olhos miravam para frente, mas eu tinha certeza de que, na verdade, Adônis olhava para o fundo de sua alma. Me perguntei se ele continuava aborrecido comigo pelas coisas que eu havia dito na noite anterior. Eu me sentia culpada, mas isso não mudava o fato de que não estava feliz. Não tinha como. No começo era excitante, só que agora eu sentia como se estivesse em uma prisão domiciliar. Sozinha. Sem ninguém por perto. Só colecionando os momentos bons para revivê-los o máximo de vezes possível, enquanto esperava a próxima guinada na minha vida.

Ele juntou as mãos, como se estivesse rezando, e as apoiou no nariz. Sua expressão rígida como pedra. As sobrancelhas grossas unidas e os olhos semicerrados. Mas não era nada disso que me chamava atenção. Eu só conseguia olhar para seus dedos longilíneos. No anelar, nossa aliança dourada de casamento. Eu queria a mais fina, porém acabei cedendo quando ele me explicou, em tom ofendido, que se fosse para usar um anel ridiculamente discreto, citando suas próprias palavras, era melhor nem usar.

— Eu quero mostrar para todo mundo que estou casado com a garota mais incrível do mundo inteiro, donzela! — explicou, com certa urgência. — Quero cegar todas as pessoas na plateia. De verdade. Espero que nossa aliança cegue todas elas. Porque o mundo precisa saber o quanto eu tenho sorte por poder te chamar de minha.

Fisquei o lábio inferior, sem conseguir impedir o sorriso bobo. Adônis sempre fazia esse tipo de coisa — tornava impossível escolher um único momento entre nós dois como favorito. Tudo o que ele falava era romântico. Ele tinha o dom para esse tipo de coisa. Era natural. E eu amava o quanto me arrebatava. Adorava sentir que era feita de gás hélio e estava flutuando e flutuando, leve como uma pluma, porque, céus, era bom demais amá-lo.

— Vamos cegar todos eles — respondi, e nunca uma coisa fez tanto sentido para mim.

Era por esse tipo de memória que eu me sentia uma bruxa. Eu queria fazer aquele homem tão feliz quanto ele me fazia. Por outro lado, não parecia certo que isso custasse a minha própria

felicidade. Desde o começo nós sabíamos que precisávamos ser inteiros. Porque, do contrário, é impossível amar alguém verdadeiramente. Uma coisa depende da outra.

E isso era o que mais me preocupava.

Eu já não me sentia mais inteira e não sabia como recuperar o pedaço que faltava em meu coração.

Isso tudo é culpa sua.

E você nem ao menos sabe apontar qual é o problema.

Como se lendo meus pensamentos, Chewie soltou um suspiro cansado. Só então notei o quanto ele tinha envelhecido desde que chegara de viagem. A preocupação estampada em cada um dos seus traços.

— Ver você assim acaba comigo — sua voz de trovão saiu em um sopro tão baixo que, por um segundo, ponderei se tinha sido fruto da minha imaginação.

Meu coração apertou até ficar do tamanho de uma ervilha e eu me odiei um pouquinho mais por ter me enfiado naquela situação. Eu queria voltar a ser feliz, voltar a me sentir completa.

No entanto não é assim que as coisas funcionam.

É impossível encontrar a felicidade quando se está procurando por ela. Em vez disso, somos agraciados pela sua presença quando estamos distraídos. Ela chega de fininho e nos envolve com seus braços afáveis. E, por um segundo que comporta toda a eternidade, você a nota. É rápido, mas muito, muito intenso. Seu coração aquece, seu corpo todo relaxa e você se dá conta de que teve a sorte de ser tocado por ela. Teve a sorte de encontrar uma dessas pequenas coisas que, vindo de fora, parecem não ter nada de especial. Mas são elas que cravam em nossas memórias e, sempre que voltam, trazem a mesma sensação. Inteirinha.

A felicidade nunca deve ser o destino, mas sim a viagem.

Engoli em seco, sem saber por onde começar a explicar para ele o que era aquele buraco crescendo cada vez mais dentro de mim. Era difícil, nem mesmo eu conseguia compreender.

Mas eu precisava, porque conseguia me colocar no lugar de Adônis e sabia que também ficaria arrasada se nossos papéis se invertessem. Se eu o visse murchar como uma flor, sem poder fazer nada a respeito.

Não consegui erguer a cabeça para encará-lo, apesar de sentir o peso do seu olhar sobre mim. Eu não queria que ele enxergasse a confusão que eu carregava por dentro. Não queria magoá-lo ainda mais.

— Chewie, eu... eu não queria ter falado aquelas coisas. Eu só... — inspirei uma lufada de ar fresco, massageando as têmporas com força. — Não sei. De uns tempos para cá as coisas começaram a ficar esquisitas. Como um violão que está afinado, mas você deixa muito tempo parado em um lugar só e, então, quando o pega para tocar uma nova música, percebe que nada mais está da maneira como deveria. O som é horrível. As cordas estão bambas. É impossível continuar com ele assim. — Expirei o ar dos pulmões e me curvei ainda mais para frente, até que meu queixo tocasse meus braços cruzados sobre o parapeito. — Eu não sei explicar quando isso aconteceu. Nem por quê. Eu só sei que, de uma hora para a outra, nada mais é colorido como antes. Nem tão saboroso quanto antes. E tudo está ficando uma droga.

“Eu odeio me sentir assim, mas as coisas são como são. Eu gostando ou não, você vai continuar viajando, porque esse é o seu trabalho, essa é a coisa que você mais ama fazer na vida. Gostando ou não, Castiel não está mais aqui nesse maldito apartamento para me fazer companhia. — Engoli em seco, sentindo que seria traída pelas lágrimas a qualquer instante. — E o mais importante: eu gostando ou não, esse buraco vai continuar crescendo, porque se tem uma coisa que detesto é me sentir insuficiente. Se tem uma coisa que detesto é ficar passiva enquanto tudo acontece ao meu redor. Eu odeio ser uma coadjuvante, Chewie. Você sabe disso. Eu tenho todos os motivos do mundo para agradecer o caminho que nossas vidas levaram, mas o que posso fazer se está tudo desmoronando aqui dentro? — Repousei os dedos da mão direita sobre o peito, para me fazer entender. — Antes eu tinha um motivo para ser tão miserável. Agora, nem isso. Eu... eu só... — O restante do desabafo não passou da garganta. Ficou entalado naquele nó que me sufocava cada vez mais.

E isso pareceu despertar algo de muito ruim em Adônis, porque, para minha surpresa, ouvi um grunhido alto, seguido por várias fungadas baixas. Olhei para o lado, para descobrir que ele chorava. Permanecia na mesma posição — ombros tensionados, mãos unidas na frente do nariz —, exceto que, agora, sua atenção achava-se inteira voltada para mim. Os olhos de outono estavam mais claros naquela tarde. E me queimavam com tamanha intensidade que era até difícil sustentar o olhar.

— Chewie... — comecei, mas fui interrompida.

— Não! — exclamou. — Eu sei onde você quer chegar, Becca. E não vou aguentar ouvir isso de você.

Abri a boca para perguntar o quê, porém a fechei outra vez quando ele se empertigou e o corpo enrijeceu inteiro. Adônis usou o pulso para secar as bochechas, ao mesmo tempo em que avançava um passo em minha direção.

— Eu estou vendo os sinais.

— Que sinais? — deixei escapar, confusa com o rumo de nossa conversa.

— Os sinais de que você não é mais feliz comigo, merda! Eu não estou sendo o suficiente para você, e...

— O quê?! — Arregalei os olhos, sem conseguir acreditar no que tinha acabado de ouvir. E, aproveitando meu estado atônito, ele desatou a falar:

— Você está se esquivando de mim. — Suas palavras saíram atropeladas, embora continuassem muito baixas, de modo que precisei me esticar em sua direção. — Acha que eu não percebo isso? Está se fechando no seu mundo, sem me deixar entrar de jeito nenhum. E eu quero entrar. Eu preciso! Preciso saber o que está acontecendo, de que outro jeito posso te ajudar? — Chewie gesticulava para se fazer entender. — Eu não sei viver sem você, Becca. Pode parecer piegas, mas é verdade. Eu sei que nossa vida não é perfeita. Eu sei que tem várias coisas te incomodando. A mim também, acredite. Mas eu também sei o quanto foi doloroso passar aqueles quatro anos longe de você. E cada maldito dia que começa, eu agradeço pra cacete por ter você ao meu lado agora. Você está aqui. Aquele pesadelo ficou no passado. Porra, eu amo tanto você que dói, Rebecca. E não vou ficar de braços cruzados vendo você se afastar até que estejamos longes demais

para conseguir retomar as coisas. Eu não posso suportar essa ideia — seus braços tombaram ao lado do tronco e seu rosto foi tomado por frustração.

“Eu odeio saber que não estou conseguindo cumprir minha promessa de te fazer a mulher mais feliz do mundo inteiro, mas eu não vou desistir. Faço tudo o que estiver nas minhas mãos, e as que não tiverem, eu corro atrás. Não importa. Becca, você abriu meu coração, lembra? Ele estava trancado, mas você conseguiu. Ele é seu. Vai ser seu pra sempre. — Adônís avançou outro passo, com os olhos brilhando muito. — Sei que as coisas não estão fáceis. Minha rotina não é fácil. Sei que viajar o tempo todo é uma droga e você não merece isso, mas eu estou disposto a ir até o inferno se isso for devolver o sorriso ao seu rosto. Porque... caramba... — um riso amargo escapou dos seus lábios, seguido por um assovio baixo. — As coisas não parecem certas quando você está triste assim, meu amor. Não parecem. Eu já quis largar tudo por você e não hesito duas vezes se você quiser isso agora mesmo...

— Eu não quero — respondi categoricamente. Mas ele não ouviu, pois continuou falando:

—... sei que é de você que preciso para me sentir completo. É de você que preciso para sentir que a vida tem um sentido. Que viver nesse mundão louco tem um propósito. E esse propósito é você. É te fazer feliz. Que droga, Rebecca! — Adônís segurou a ponte do nariz, crispando os lábios com força enquanto as lágrimas deixavam rastros molhados em seu rosto. — Será que não vê como preciso de você? Eu nunca me senti tão vivo até te conhecer. Nunca me senti tão leve. As coisas nunca pareceram tão certas. E agora você quer... — Não consegui ouvir mais nenhuma palavra que saía atropelada de sua boca, por isso o calei.

Eu o calei enfiando minha língua em sua boca, porque sabia que nada mais no mundo seria tão eficaz para mostrar a ele o tamanho de sua loucura em pensar que, por um segundo sequer, eu cogitei uma vida sem ele.



Capítulo 11 - Rebecca

*Eu te amo, eu preciso de você, não posso viver sem você
É por isso que eu fico tão desesperado quando começamos a argumentar
Como você não vê que eu sou louco por você?
Como você não acredita em mim depois de tudo o que passamos?*

Mallu Magalhães — Love You

Seus braços fortes me esmagaram em um abraço desesperado e cheio de amor. Sem pensar direito nos meus atos, tomei um impulso e enrosquei as pernas em sua cintura. Suas mãos deslizaram pelas minhas coxas no mesmo segundo, parando no bumbum, onde me apertaram de uma maneira que beirava o dolorido.

Ainda de olhos fechados, senti quando ele começou a andar e aprofundei ainda mais o beijo. Nossas lágrimas se misturaram, deixando tudo úmido. Mas eu não conseguia parar de chorar, tampouco sabia apontar a razão para isso. Eu era uma confusão por dentro, mas de uma coisa tinha certeza — o amor que sentia por Chewie não cabia em mim. E, mesmo sem poder culpá-lo por ficar com medo de me perder, não podia conceber que ele tinha mesmo acreditado nisso. Era insano. Porque, caramba, era de nós dois que estávamos falando. Já havíamos passado por coisas bem mais complicadas. Por que eu desistiria dele logo agora?

Soltei um gemido de protesto ao sentir minhas costas colidirem contra a parede da sala. Adônis se ajeitou em minhas pernas, apertando sua rigidez em meu corpo. Arranquei sua touca e enterrei os dedos sem seus cabelos, segurando-os com força.

— Como? — perguntei, com os lábios ainda colados aos dele. — Como você pode achar que não me faz feliz?

Adônis encolheu os ombros, balançando a cabeça como quem diz “não sei”.

Abri um sorriso que era meio incrédulo e meio derretido, roçando meu nariz no dele.

— *De todas as coisas que andam mal na minha vida, você não podia estar mais longe de ser uma. Terminar nunca passou pela minha cabeça. E nem vai. Porque para um milhão de coisinhas que me fazem triste, basta você aparecer para salvar o meu dia. Eu te amo. Achei que nunca duvidaria disso depois de tudo o que passamos...* — Encostei a testa na sua. — *Não vai ser tão fácil assim se livrar de mim, seu Chewbacca estúpido — brinquei, rindo e chorando ao mesmo tempo. — Você vai ter que me aguentar. Até quando formos bem velhinhos e cheios de rugas. Nossa pele estiver fininha como papel e a gente não lembrar mais onde guardou a lata de café. Você entendeu?*

— *Até se eu estiver usando dentaduras?* — perguntou, ainda de olhos marejados, com um sorriso travesso pincelando os lábios.

— *Principalmente se estiver usando dentaduras. Ou você não sabe que esse é o meu fetiche ultrassecreto?*

— *Achei que seu fetiche ultrassecreto fossem criaturas peludas que resmungam.*

— *Esse não é nem um pouco secreto — expliquei, segurando o seu rosto e passeando os polegares por suas maçãs. — Nunca mais pense que não sou feliz com você. De verdade. Eu sou sua. Meu coração é seu. Achei que já tivesse provado que isso nunca vai mudar. Já passamos por coisas ruins antes e sobreviemos a elas. Não vai ser diferente agora.*

Assentindo sem parar, ele resmungou qualquer coisa ininteligível e voltou a me beijar. A princípio, um beijo calmo. Como se encontrasse, ali, todas as respostas para as suas dúvidas. Toda a confirmação de que as coisas estavam bem e eu não ia a lugar algum. Ele espalhou seu gosto de menta pela minha boca e me deixou sedenta por mais. Engoli um suspiro, deixando-o comandar o ritmo, pois Adônis sabia fazer música em tudo. Até mesmo na maneira como me tragava. Mas, então, a tranquilidade deu lugar a um desespero lascivo. Ele sugou minha língua e depois deixou mordidinhas deliciosas nos meus lábios, me inflamando.

Sua mão enorme foi parar no meu queixo, segurando-o com firmeza enquanto lambia meus lábios. Engoli um gemido, voltando a fechar os olhos. Ele escorregou os dedos para os meus cabelos, segurando-os com um pouquinho mais de força que o necessário. Fisguei o lábio inferior, com o coração agitado dentro do peito, e deixei escapar um gemido sôfrego quando ele puxou minha cabeça para o lado, a pele do pescoço esticada a espera de um toque. O menor que fosse.

Chewie roçou a ponta do nariz, começando no ossinho da clavícula e terminando atrás da orelha. Sua respiração quente acariciava a pele e a deixava formigando de vontade. Ele traçou círculos bem demorados perto da nuca, que deixaram todos os pelinhos em pé. Chewie inspirava meu perfume como um animal faz com sua presa. Engoli em seco, enquanto tentava encontrar uma posição em que nos encaixássemos. Assim ainda parecia pouco.

Seus dentes arranharam meu pescoço ao mesmo tempo em que seus dedos deslizaram entre nossos corpos, entrando pela minha saia e procurando o ponto que pulsava de desejo. Remexi o

quadril quando seu dedo puxou a calcinha para o lado e alcançou minha pele febril.

— Você me assustou pra cacete — sussurrou na minha orelha e estremei inteira com seus lábios resvalando a pele sensível enquanto falava. Foi um pouco difícil entender suas palavras. — Eu não aguentaria um dia sem você. Sem ver seu rosto lindo, que eu amo cada pedacinho. Sem te encontrar pela casa, toda concentrada, escrevendo... usando só uma camiseta minha. Sem te ver reagir ao meu corpo dessa maneira.

Chewie aumentou a pressão do seu dedo, com movimentos que me fizeram enxergar estrelas. Era como se uma corrente elétrica de alta tensão se espelhasse, deixando todos os músculos ultrassensíveis. Eu quase podia ouvir os estalos da corrente elétrica. Subi as mãos pelos seus braços tensionados, sentindo a rigidez de seus músculos.

— Eu conheço você inteirinha, minha donzela — sussurrou ainda mais baixinho. Sua voz não passava de um sopro, como a brisa que precede uma chuva mansa de verão. — Sei exatamente o que fazer com você — e, como que para provar o que dizia, ele me penetrou com um dedo, arrancando um suspiro alto de mim. — Viu só? — O senti sorrir. — Não existe música mais bonita que essa.

Tombei a cabeça para trás, apoiando-a na parede. Eu não estava mais conseguindo pensar. Queria responder. Falar qualquer coisa que o tirasse do sério da mesma maneira que ele fazia comigo com tamanha facilidade. Mas como falar se nem mesmo respirar eu conseguia? Cada pedacinho de mim implorava por suas mãos grandalhonas. Por seus beijos doces. Por ele.

— Olha para mim, donzela — soprou, imperativo, como sempre fazia quando eu fechava os olhos. Adônis gostava de medir cada uma das minhas reações. E gostava ainda mais de saber que eu permanecia atenta a tudo o que ele fazia comigo. — Preciso que você veja como me deixa.

Obedeci, subindo as pálpebras outra vez e afastando a cabeça para buscá-lo com o olhar. Ele tinha um sorriso safado no rosto e parecia satisfeito por me ter no controle.

— Me come — pedi, séria e, como resposta, ganhei um dos seus deliciosos gemidos roucos. Aquele, sim, era o som mais bonito do mundo.

Duas palavras foram o bastante para deixá-lo com aquela expressão animalesca no rosto. Sem pensar de novo, Adônis parou de me acariciar para me segurar pelas coxas, e então se afastou da parede. No mesmo instante, senti falta de ter seu corpo me aprisionando e alastrando seu calor para o meu. Sua presença me deixando fora de mim.

Ainda me segurando, ele andou alguns passos e ajoelhou desajeitadamente, deitando-me no tapete felpudo da sala. Ele tirou os óculos do meu rosto e os colocou no chão. Apertei ainda mais as pernas ao seu redor, aproveitando para desabotoar sua camisa e encontrar seu torso definido, pelo qual eu era louquinha. Arranhei sua barriga e lambi seu peito, gostando de cada ruído que ele soltava, cada vez que minha língua encontrava sua pele.

Apoiando-se nos cotovelos, esfregou o quadril em mim, causando uma explosão de arrepios que se espalharam até os dedos dos pés. Remexi-me embaixo dele, o que foi uma ótima ideia, porque seu desejo teso pressionou ainda mais a minha virilha. Continuei me remexendo, querendo que cada pedacinho de Adônis estivesse em mim.

Sua barba áspera raspou na pele sensível do pescoço, e me arrancou um som meio engasgado.

— Adoro... o... seu... cheiro — rosnou, daquela maneira que só ele sabia fazer, que me deixava inteira arrepiada e sensível, esperando pelo próximo toque. Pela próxima carícia. Pelo próximo segundo.

Eu era viciada naquele ardor pulsante que sua barba traçava na pele. Ainda mais quando combinado com a doçura de seus lábios quentes e nos movimentos úmidos de sua língua. Era uma combinação irresistível que deixava meu corpo inteiro fervilhante.

Apertei seu bumbum quando ele alcançou meu peito. A ponta de sua língua contornou a auréola do mamilo, bem devagarzinho e quase sem tocar na pele. Espremi os olhos, vibrando inteira a espera de mais.

— Você fica tão linda quando está com tesão — sussurrou e estremeci inteira sentindo suas palavras ricochetearem contra a pele.

— E você fica gostoso com essa cara de safado — respondi, porque era a mais pura verdade. Aquele olhar que ele me dirigia, de baixo, era de acabar com a sanidade de uma pessoa. — Dá vontade de... hummm... — minhas palavras deram lugar a uma sucessão de gemidos baixos quando ele mordiscou o biquinho do peito.

Suas mãos deslizavam pelas minhas curvas como se essa fosse a primeira vez que as tocassem — ansiosas, cheias de urgência. Ele me apertava na parte macia do lado de dentro da coxa, para depois raspar as unhas na minha barriga e terminar no meu bumbum, onde cravava os dedos sem nenhum dó.

Eu nem sabia mais para onde desviar minha atenção, porque era muita coisa acontecendo comigo. Por isso apenas fechei os olhos, deixando-o tomar posse do que já era dele. Porque, por Deus, Adônis sabia mesmo o que fazer comigo. Sabia onde tocar e como. Me aniquilava com seu anseio.

Ele continuou descendo os beijos e, quando seus lábios chegaram no umbigo, não havia um único pedacinho de mim que não estivesse tremelizando de tesão. Meu ventre pulsava, implorando por ele. Não dava para aguentar mais um segundo.

Usei meus braços para forçá-lo para o lado e Adônis cedeu. Consegui rolar para cima dele, sustentando o peso do corpo sobre os joelhos e o encarando de cima.

— O que fiz de tão bom para merecer você? — perguntou baixinho, como se pensasse em voz alta.

Inclinei o tronco, parando a milímetros de distância de seus lábios carnudos. Roci os meus nos dele, sentindo seus quadris subirem e descerem em uma dança lenta, mas muito gostosa.

— Eu me faço a mesma pergunta todos os dias — sussurrei, desabotoando seu jeans com certa pressa.

Chewie gemeu com sua voz grave e eu senti o corpo inteiro aquecer, como se tivesse um lança-chamas apontado para mim. Ele segurou meu rosto com as duas mãos e percorreu a pequena distância entre nossas bocas, em um beijo deliciosamente cálido. Me atrapei um pouco na tarefa

de deslizar o jeans tão apertado pelas suas pernas, ao mesmo tempo em que lutava para não interromper o beijo, mas consegui, com certo custo.

Meus olhos passearam pelo seu corpo, admirando-o. Eu também conhecia cada pedacinho dele, e mesmo assim nunca me cansava. Adorava seus braços fortes. Seus ombros largos. E, sobretudo, adorava as entradas deliciosas no final de sua barriga. Adorava tanto, que não resisti e deixei uma mordida em cada uma delas, só para ouvir seu rosnado cheio de tesão.

Adônis me queimou com a íris cor de outono. Sua expressão entregue provocou um arrepio intenso pela minha espinha. Sem pensar muito no que fazia, levei minha mão direita ao meio das pernas, aliviando minha ânsia lasciva.

Soltando um suspiro pesado, ele envolveu sua ereção com a mão direita. Subindo e descendo na mesma cadência com a qual eu me tocava. Gostei disso. Estar tão próxima do seu corpo e, por puro desafio, não me entregar. Não ainda. Queria ver quão longe conseguíamos chegar.

Adônis fisgou o lábio inferior e o ritmo de sua mão aumentou um pouco. Eu não conseguia tirar os olhos dos seus dedos subindo e descendo por sua extensão. Existe algo em ver outra pessoa se acariciando em sua frente que desperta o mais visceral dos desejos.

— Chewie... — gemi, espremendo os olhos.

— Olha para mim — pediu, como eu já imaginava. — Quero ver essa sua cara de safada.

— Não aguento mais. Preciso de você.

Esse foi o momento exato em que ele jogou seu controle no lixo. Ele foi tão rápido que só consegui compreender quando minhas costas chocaram contra o chão de uma maneira dolorosa. Chewie deslizou para dentro de mim com um movimento forte de quadril. Soltei um suspiro alto, cravando as unhas nas suas costas para tentar, de alguma maneira, me firmar naquele mar de sensações.

— Meu Deus... — rosnou, entrando e saindo com estocadas fortes que intercalavam as palavras. — Como... é... bom... sentir... você.

Sua mão subiu pelo meu pescoço e segurou meu rosto, forçando-me a olhar para ele. Eu adorava esses pequenos gestos de controle que ele tinha sobre mim. Adorava ver o prazer estampado em cada centímetro do seu rosto. Nos lábios grossos entreabertos, nos olhos em brasa, nas sobrancelhas unidas que formavam sulcos na testa.

O prazer se espalhava. Meus músculos davam espasmos deliciosos e, por impulso, eu me atracava ainda mais a Adônis. Nossas peles suadas, as respirações curtas e rápidas. Os sons dos nossos corpos colidindo, somado aos suspiros, gemidos e rosnados. Seu olhar intenso que nunca me abandonava.

Senti seu corpo tremendo de levinho e vi, nas mãos fechadas em punho, que estava se segurando o máximo que podia.

Putá. Merda.

Um detalhe pequeno, mas devastador. Meu corpo inteiro respondeu, incendiando. Nada me dava mais tesão do que ver aquele homem cego de prazer. Nada me dava mais tesão do que enxergar a devoção que ele tinha pelo meu corpo.

— Você vai primeiro, donzela — sua voz de trovão chegou aos meus tímpanos, com aquele tom mandão que me arrebatava inteira.

Seu polegar roçou meus lábios antes dele o empurrar para dentro da minha boca. Gemi, fora de mim mesma. Em uma dança deliciosamente enlouquecedora. Com a mão livre, ele alcançou o meio das minhas pernas, castigando o ponto mais sensível do meu corpo com seus dedos ágeis de músico.

Puta merda. Puta merda. Puta merda.

— Chewie, eu... quer... qu... hummm — resmunguei palavras ininteligíveis, que deram lugar a gemidos altos e, então, aos gritos.

Aos poucos, comecei a sentir os músculos do ventre se retesarem, ao passo em que meus olhos ficavam cada vez mais pesados. Eu era como um balão, inflando e inflando, até explodir. Fisguei o lábio inferior, esperando ansiosa por esse momento.

Uma onda intensa de prazer me afogou, deixando-me submersa. Eu não enxergava nada. Não ouvia nada. Não pensava em nada. Apenas sentia meu corpo em sua mais pura demonstração de júbilo. Meus dedos tremiam, minhas pernas formigavam, meus olhos lacrimejavam.

— Ahhh, Becca — gemeu, satisfeito e, mesmo de olhos fechados, eu sabia que ele sorria. — Você me tira do sério. Te ver assim me tira do sério.

E, sem me dar um tempo para retomar o fôlego, ele aumentou ainda mais o ritmo de suas investidas, até que o seu corpo inteiro convulsionou e ele pulsou dentro de mim.

Chewie despencou sobre o meu corpo, abraçando-me de lado e repousando a cabeça sobre a minha barriga. Ele encaixou uma perna sobre as minhas e gostei do peso dela em meu corpo. Seus cabelos negros estavam molhados de suor e sua respiração entrecortada. Deixei meus dedos passearem por eles, sem querer parar de tocá-lo nem por um segundo. O tapete começava a pinicar as minhas costas e me incomodar, mas eu me recusava a mover um músculo sequer para sair daquela posição.

— Isso foi... incrível — soprei, distraída.

— Você é incrível — exprimiu, e emudeceu em seguida. Foi só depois de pigarrear duas vezes que ele continuou: — Promete que não vai mais me assustar desse jeito? — Ele contornou o ossinho do meu quadril com a pontinha do dedo. — Estou ficando velho, Becca. Não sou mais o rapaz que você conheceu. Numa dessas vou acabar enfartando.

Minha gargalhada preencheu a sala, envolvendo-nos. Balancei a cabeça, sem conseguir acreditar no que tinha acabado de ouvir.

— Nossa, é verdade. — falei, cheia de ironia. — Até porque você é um idoso, né.

Ele riu, balançando a cabeça.

— Até que enfim você percebeu uma coisa que estava estampada na sua cara.

— Afff, ainda está cedo para você começar com essas crises de idade. E considerando que você fosse mesmo idoso: isso está longe de ser algo ruim. Você é como vinho, Chewie. Só melhora com o tempo.

— Nossa, ainda bem que você tem esse rostinho lindo, Becca. Porque se fosse depender das suas cantadas, estava ferrada — falou, rindo.

Ri junto, mais dele do que da piada em si. Eu adorava seu jeito bobo. Tinha me apaixonado por coisas como essa. Pela leveza que ele trazia a minha vida. E era disso que eu mais sentia falta em sua ausência. Como se percebendo a mudança repentina na atmosfera, Adônis deixou um beijinho na minha barriga antes de erguer o rosto para procurar o meu olhar.

— As coisas vão melhorar, minha donzela. — Ele se apoiou nos braços e rastejou até alcançar a minha boca, onde deixou um beijinho. — Eu prometo. Elas vão melhorar bastante. — Um sorriso lindo pincelou seus lábios, e então ele deu uma mordidinha de leve no meu queixo. — Agora, vem cá, não quero mais te ver tristinha assim. Vou te dar um banho bem demorado, e depois a gente pode ver algum filme de terror bem trash, que tal?

Acompanhei o seu sorriso, me perguntando como era possível continuar encontrando novos espacinhos no coração para amá-lo mais e mais.



Capítulo 12 - Rebecca

*Sou uma alma nova, eu vim para esse mundo estranho esperando
Que eu pudesse aprender um pouco sobre como dar e receber
Mas desde que cheguei aqui senti a alegria e o medo
Me encontrando fazendo todos os possíveis erros*

Yael Naim – New Soul

Waterford era a cidade mais antiga de toda a Irlanda. Foi fundada por vikings vindos na Noruega há mais de 1000 anos. Embora eu já soubesse sobre o quanto aquela cidade era maravilhosa e cheia de atrativos históricos, esqueci o mar de possibilidades bem diante dos meus olhos, em meio à bola de neve que os problemas da rotina se tornaram.

Não era necessário ficar trancafiada em casa. Tampouco enfiada em cafés, tentando extrair algo de novo em uma rotina para lá de velha. A matemática era simples e mesmo assim eu me recusava a encarar as coisas como elas eram — quando não se está satisfeito com algo, há apenas dois caminhos: o de tomar uma atitude em relação a isso e tentar mudar o que não vai bem, ou aceitar a vida do jeitinho que está.

Para mim, as leis de Newton não se aplicavam somente à física, mas à vida. Como, por exemplo, a lei da inércia, que fala sobre a tendência de um corpo em permanecer como está. Isso significa que, a não ser que seja aplicada uma força, um corpo em repouso permanecerá assim para sempre.

Como eu, na rua sem saída na qual me encontrava. Se não fizesse nada a respeito, precisaria arcar com as consequências.

Era preciso parar de reagir e começar a agir.

Aplicar uma força.

Sair da inércia.

Por essa razão, depois das coisas virarem de ponta cabeça, decidi encarar toda aquela bagunça e tentar dar um jeito nela. Como eu mesma havia dito para Adônis, nunca gostei dessa coisa de ser a coadjuvante. Esperar a vida acontecer, de braços cruzados, e precisar lidar com as consequências de não ter tomado atitudes. Não. Eu sempre lutei pelos meus anseios. Na vida, nada é impossível. Basta ter disposição para fazer acontecer. Nós precisamos, sim, sonhar. Mas também precisamos batalhar por nossos sonhos. Lutar pela mudança. Lutar pelos dias ensolarados. Ou ao menos, reagir à chuva. Seja procurando uma cobertura, ou apenas se deixando levar. Tirando proveito do pior. Afinal de contas, até mesmo ficar molhado tem lá suas vantagens.

De alguma maneira, eu me perdi. Deixei de me reconhecer e virei uma estranha. Justo quando julguei que estava tudo bem, deixei algo de muito importante escapar dos meus dedos e, quando me dei conta, já não dava mais para continuar assim. E embora gostasse de ter todas as coisas sob controle, como prazos e a rotina sempre bem planejada, percebi que, naquele momento, nada disso importava.

Minha prioridade era voltar a me reconhecer, tentar me reencontrar. Era igual a conhecer outra pessoa — devagar. Em pequenos passos de formiga. Como um punhado de peças de lego, unidas uma a uma, até formar uma escultura sólida.

Então, a cada nova manhã, eu acordava munida de energia e me permitia uma nova chance, um novo recomeço. Alguns dias eram fáceis, outros, nem tanto. Mas eu continuava tentando. Sentava em frente ao laptop e me forçava a escrever, mesmo uma única frase. Às vezes horas se acumulavam com a mesma facilidade das palavras digitadas com ferocidade. Mas também tinham dias em que não saía nem mesmo uma vírgula. E tudo bem. Nessa redescoberta de quem era a Rebecca, eu precisava respeitar meus limites. Respeitar meu corpo. E, sobretudo, a minha mente.

Em algumas tardes, eu ligava o rádio bem alto e dançava pela sala até ficar coberta por uma fina camada de suor e os cabelos grudados na testa. No meio da dança, às lágrimas vinham à tona, mas eu não me importava. Desligava os meus pensamentos e deixava meu corpo me lembrar do quanto eu era nova. Ainda tinha muito por vir. As coisas podiam ter ficado esquisitas, mas nada na vida é permanente. Tudo passa. Assim como a felicidade não é sólida, a tristeza também não. Era difícil me agarrar a isso, porque quando se está em um quarto escuro, é quase impossível focar em algo além da impossibilidade de enxergar.

Mas as coisas continuam ali, você enxergando ou não.

Em outros dias, eu vestia minhas roupas mais confortáveis, colocava um dos meus pares de all star e saía para explorar aquela cidade. A maioria dos pontos turísticos eu já conhecia, e mesmo assim voltei a visitar cada um. Sempre tinha algo para ser visto. Um novo detalhe, até então despercebido, esperando para ser descoberto, apreciado. Eu não tirava fotos. Nem mesmo uma. Em vez disso, fazia um exercício mental de registrar tudo com os olhos e, quando chegava em casa, tentava expressar as emoções e recriar o momento.

Quase sempre era por meio dos desenhos. Eu começava sem nenhuma pretensão, prometendo para mim mesma que não precisavam ficar bons. Eu nem mesmo precisava me preocupar em terminar. Só em começar. Mas o resto sempre vinha automaticamente. O primeiro traço puxava o segundo, o terceiro, e quando dava por mim, já tinha espalhando a tinta aquarela pelo papel, alheia a quanto tempo tinha passado.

Às vezes eu também escrevia. E se por um lado o livro com prazo apertadíssimo para editora não engrenava, esse outro projeto ia a mil. Meus dedos batiam nas teclas super-rápidos, era até difícil acompanhar. Eu me deixava levar. Não pensava muito, apenas escrevia até os punhos ficarem doloridos e depois fechava o laptop sem ler nada.

Aquela era a minha terapia. Aquela era a Rebecca surgindo aos poucos.

Andar pelos cômodos do nosso apartamento já não era mais tão doloroso. E Castiel já não visitava meus pensamentos todos os dias. Na verdade, as lembranças se tornavam cada vez mais reconfortantes. Quando eu menos esperava, olhava para um lugar específico da casa, como por exemplo o cantinho direito da sacada, onde ele costumava brincar com sua bolinha vermelha até acabar dormindo. Eu assentia para mim mesma, sorrindo com a memória, e não me permitia chorar. Porque tudo na vida precisa ter uma começo, meio e fim. Inclusive o chororô.

As visitas de Chewie ainda continuavam escassas, e eu ainda continuava presa a uma rotina um pouco frustrante. Mas, pela primeira vez, deixei de enxergar apenas a parte negativa da coisa toda, para focar no resto. Sempre há dois lados em uma moeda. Eu repetia isso o tempo todo, para não esquecer.

E, por isso, naquela tarde fria de dezembro, eu me achava encolhida em um casaco acolchoado, dando a última olhadela na construção imponente em minha frente. O lugar escolhido era a Reginald's Tower, uma torre feita em pedra que era nada menos que a construção mais antiga da Irlanda.

Aquele era um dos principais pontos turísticos da cidade. Já tinha servido como prisão e armazém militar no passado. Depois de passar as últimas horas percorrendo escadarias estreitas com o teto baixíssimo — e até mesmo batido a cabeça três vezes —, descobrindo um pouco mais sobre a cultura tão interessante, eu sentia uma sementinha de euforia germinando em mim.

Levei a mão direita aos lábios e fisquei a luva, puxando-a para fora da mão. O vento frio fez a pele arder, mas isso não me desmotivou. Estiquei o braço, tocando na pedra fria da torre, como se pudesse sentir a energia pulsante de toda a história sendo contada através do tempo. Inspirei o ar dos pulmões, descendo as pálpebras. E, de olhos fechados, imagens de um guerreiro viking apaixonado por uma lady passaram em minha mente, como se eu abrigasse um projetor dentro da cabeça.

Mordisquei o lábio inferior, abrindo os olhos e voltando a espiar a construção. Pela primeira vez em muito tempo, conseguia enxergar os primeiros feixes de luz precedentes a um dia ensolarado.

As coisas não estão perdidas.

Podem não ser fáceis, mas não estão perdidas.

Entortei os lábios para a direita, como se me despedisse da construção, e meu estômago roncou de fome. Eu tinha chegado pela manhã, logo quando a Reginald's Tower foi aberta a visita. Já era meio dia e eu não tinha comido nada.

Decidi comer em um restaurante a poucas quadras dali, no qual já almoçara com Adônis algumas vezes. Deslizei a alça da mochila do ombro, buscando o celular. Quando meus dedos o tocaram, minha atenção foi atraída para a calçada do outro lado da rua.

Me empertiguei no lugar, sem conseguir desviar os olhos do cachorro. Ele era branco e peludinho. Parecia uma bola de algodão. As orelhas dobradas para frente eram marrons e, bem na ponta, ficavam pretas, assim como seu nariz de triângulo. Mas nada disso me chamava atenção, e sim a patinha da frente, amputada, que parecia não fazer a menor falta, pois ele não parava quieto. Corria de um lado para o outro, latindo para todos que passavam.

Abri um sorriso largo, segurando as alças da mochila com força. E, em um impulso que nem ao menos entendi, atravessei a rua, indo ao seu encontro. Ele balançou o rabo, como fazia para todas as pessoas, e latiu para mim algumas vezes. Seu latido era ardido, de tão agudo. Ajoelhei, enterrando meus dedos nos pelos duros e opacos de sua cabeça.

— O que você está fazendo aqui sozinho? — perguntei, e ganhei outro latido como resposta. Bastaram poucas carícias para ele se jogar o chão, abrindo as pernas e me oferecendo a barriguinha cor de rosa.

Assim como na visita a Reginald's Tower, perdi a noção do tempo. Mas dessa vez foi diferente. Não só esqueci da fome, como também de onde estava. Esqueci de tudo. Tentei me convencer de que ele precisava de um pouquinho de atenção, enquanto passeava meus dedos pelo seu corpinho, mas no fundo sabia da verdade. Era eu quem precisava.

Deslizei os dedos pelo peito dele e então para a patinha amputada. Segurei o toquinho da pata e fiz um aperto de 'mãos' formal.

— Uma graça, não? — uma voz muito próxima de mim me pegou desprevenida.

Espalmei o peito, olhando por cima do ombro para encontrar uma senhora miúda e franzina. Ela torceu uma mão na outra, seus olhos claros me fitando com atenção. Acompanhei o olhar e percebi que ainda segurava a patinha do cachorro. Sorri para ela.

— Ele é encantador — admiti, enterrando os dedos em seus pelos.

— Tem uns três ou quatro dias que apareceu por essas bandas — disse a senhora, com uma expressão pensativa no rosto marcado pelo tempo. — Tenho alimentado ele e cuidado na medida do possível... — sua voz morreu no ar, como se uma ideia tivesse acabado de iluminar sua mente. — Você tem algum bichinho?

— Eu tinha... — respondi, sorrindo outra vez. — Era um gatinho. Ele morreu há pouco tempo.

— Ah, sim — ela murmurou, olhando para dentro do bar que estávamos paradas em frente. — Bom, preciso voltar para dentro. Vou deixar vocês se conhecendo melhor — e, ao terminar de dizer, me lançou uma piscadela.

Balancei a cabeça, divertida, e voltei minha atenção para o cachorro, que eu ainda acariciava. Ele me encarou com seus olhos negros, pareciam duas azeitonas brilhantes, e fui

atingida por uma pontada intensa. Um sentimento esmagador se expandiu pelo peito e, tomada por ele, decidi que precisava sair dali. O mais rápido possível.

— Foi um prazer conhecer você — falei, soltando sua patinha logo em seguida e levantando em um impulso.

Para a minha surpresa, a bolinha de pelos levantou junto comigo, abanando o rabinho como se fosse um espanador. Respirei fundo, sentindo um nó na garganta.

Ah, não.

Dei um sorrisinho sem-graça e acenei com a mão, me despedindo dele antes de girar nos calcanhares, em direção ao restaurante. Ele respondeu com um latido. Sem pensar direito, desatei a andar. Meu ritmo era rápido, quase correndo. Eu não ousava olhar para baixo e encontrar seus olhinhos de azeitona me implorando para ter compaixão, mas mesmo assim conseguia sentir sua presença. Ele me acompanhava fielmente.

Por favor, não faça isso.

Dobrei a esquina, apertando o passo um pouco mais. Seus latidos me deixaram com o dobro de culpa. Arrisquei uma última olhadela, e me arrependi no mesmo segundo. Ele parecia o gato de botas do Shrek, me encarando com aquela carinha de por-favor-me-dê-amor.

Quando vi a fachada do restaurante, um peso enorme foi arrancado dos meus ombros. Passei pela porta dupla vai-e-vem de madeira sem olhar para trás, quase sorrindo de alívio.

Meu Deus, eu sou um monstro.

Assolada por um sentimento de culpa esmagador, caminhei até a imensa janela de vidro. Um pouco escondida para que ele não me visse, espiei o lado de fora. Mas meu estômago gelou e o coração apertou quando encontrei apenas o vazio.

Ele foi embora.

Engoli em seco, arrependida, porque mesmo me negando a acreditar, soube naquele exato momento: ele havia roubado um pedacinho do meu coração.



Capítulo 13 - Rebecca

*Eu tô com uma vontade danada
De te entregar todos beijos que eu não te dei
E eu tô com uma saudade apertada
De ir dormir bem cansado
E de acordar do teu lado pra te dizer
Que eu te amo*

Rubel – Quando bate aquela saudade

Inclinei o corpo um pouco mais sobre a mesa, mordiscando o lábio inferior. Estreitei as pálpebras, concentrando-me em deslizar o pincel com a aquarela no pedacinho pequeno que correspondia aos meus olhos. Anos haviam passado, e meu tipo de desenho favorito continuava sendo sobre mim e Adônis. Acontecia naturalmente. Quando dava por mim, reconhecia nossas formas no papel, rabiscadas sempre em contextos, expressões e posições diferentes, e, sobretudo, contando histórias diferentes.

Quando a ponta do pincel tocou a superfície áspera do papel, meu celular começou a tocar, vibrando alto na madeira da escrivaninha. Sobressaltada, dei um pulo, borrando justo o lugar em que tive mais cuidado para não errar.

Merda.

Expirando o ar dos pulmões com um pouco de raiva, estiquei o braço e tomei o celular. Senti remorso ao descobrir quem era. Sem me demorar, atendi a chamada, levando o aparelho à orelha.

— É um bom momento? — a voz de trovão de Adônis veio do outro lado, roubando-me um sorriso. Balancei a cabeça, enrolando uma mecha de cabelo no dedo indicador.

— Sempre é um bom momento para você — respondi, recostando-me no encosto da cadeira e me espreguiçando. — A que devo a honra?

Do outro lado da linha, ouvi Adônis tragando seu cigarro sem nenhuma pressa.

— Estou morrendo de saudade — falou baixinho e, se eu não estava louca, percebi uma pontada de tristeza em sua voz.

— Eu também. Estou contando os segundos para você voltar. Fiz até um calendário para marcar o x nos dias que já passaram. E não estou nem brincando!

Ele riu baixinho, e quase pude ver sua expressão — de olhos meio fechados, balançando a cabeça como se eu continuasse o surpreendendo mesmo depois de todo aquele tempo. Ri junto, massageando o pescoço rígido e dolorido depois de tantas horas curvada sobre a escrivaninha.

Passei o indicador sobre a parte borrada da ilustração, lamentando por isso. Faltava tão pouco para terminar, mas agora eu precisaria recomeçar do zero.

— Como foi o seu dia? — perguntou, como vinha fazendo de maneira religiosa nos últimos tempos.

Para ser precisa, desde que contei para ele sobre minha tentativa de me reencontrar. De unir as pontas do presente e passado. De trazer a Rebecca de volta.

Adônis me levava a sério, e por isso se mantinha interessado. Mas, além disso, ele entendia como o processo de se reconhecer de novo podia ser difícil. Olhar para dentro e tentar entender as coisas. Não como foram um dia, mas como eram agora.

— Hmm, deixa eu pensar... — Bati com o pincel sobre os lábios. — Terminei uma leitura. Foi meio na marra, porque o livro era péssimo. Depois passei no mercado e comprei os ingredientes de uma receita que achei na internet. Ah, e acredite você ou não, fiz o meu próprio almoço hoje! — brinquei, embora, por dentro, me sentisse orgulhosa mesmo. — Agora estou trabalhando em um desenho.

— Espera! — Adônis arfou, com drama além do necessário. Ri dele. — Calma, não ouvi direito. Está me dizendo que você cozinhou? Você?! — ele colocou ênfase nas palavras, como se meu nome seguido da palavra cozinhar, fosse a coisa mais improvável no mundo inteiro. Resmunguei um sim, ainda rindo. — E ainda está inteira?

— Acho que sim. — Dei de ombros.

— Não explodiu nada? — Neguei. — Todos os dedos continuam nas mãos?

— Aham.

— E você conseguiu comer? Quer dizer, não vomitou nem nada? — seu tom era petulante. Ele não tinha jeito.

Mordi o lábio para não deixar a gargalhada escapar, mas não teve jeito. Tombei a cabeça para trás e ri de maneira espalhafatosa.

— Pra sua informação, nem estava tão ruim assim, tá? — falei. — Também não ficou maravilhoso, admito, mas já é um começo.

— Isso é o que você está dizendo, donzela — provocou, e, mesmo brincando, consegui notar em sua voz aquela pontada de tristeza outra vez.

— Como foi o seu dia? — perguntei, curiosa para descobrir o motivo.

— O meu dia? — ecoou ele e, quando concordei, Adônís soltou um suspiro desanimado.

Antevendo que o rumo da conversa não ia ser tão bom assim, empurrei a cadeira para trás e me levantei. Sem pensar muito, fui até a sacada, que me recebeu com uma rajada cortante de vento. Apertei os olhos, abraçando meu corpo para me proteger do frio.

— Foi por isso que liguei, na verdade — começou dizendo, com o tom preocupado. — Tivemos uma reunião hoje... — Adônís pigarreou. — Com a gravadora e o nosso empresário. Falamos sobre a pausa, que estamos querendo um tempo para descansar e tudo mais.

— Sério? — perguntei, sem conseguir esconder minha empolgação com a ideia.

— Vai acontecer — pude ouvir o sorriso em sua voz. — Mas antes precisamos resolver uma porrada de coisas. Dar entrevistas, enfim. Preparar o terreno. Você sabe.

Balancei a cabeça, inundada por aquela excitação gostosa de quando um leque de possibilidades é aberto diante dos olhos.

— Mas isso é ótimo, Chewie! Depois de um tempo vocês vão até sentir saudade dessas coisas.

— É ótimo... — ele resmungou, dividido. — Mas tem um preço.

Empertiguei-me no lugar, pronta para o baque.

Chewie permaneceu em silêncio, como se buscando coragem para dar a notícia. Debrucei-me sobre o parapeito, observando as casas na vizinhança. A maioria enfeitada com pisca-piscas, tecendo uma massa luminosa e muito bonita. Eu amava aquela época do ano. Amava aquela energia que emanava sentimentos bons, como amor e esperança. Estiquei o pescoço, olhando ao redor da sacada. Nosso apartamento era um dos poucos sem decoração. Estava esperando Adônís chegar para decorarmos juntos.

Oh!

Esfreguei o rosto, tomada por frustração. Antes dele contar, percebi o que era.

— Você não vem para o natal, né?

Outro suspiro.

— Becca, desculpa — apressou-se em dizer, e sua voz não passava de um sopro. — Eu tentei bater o pé, mas precisa ser uma coisa de cada vez. Sei que esse ano não está sendo fácil para você, e Deus sabe o quanto eu queria estar aí. Mas pensa pelo lado bom, é por uma boa causa...

— Tudo bem — respondi, quando o choque inicial se dissipou. Mas ele não pareceu ouvir, porque continuou disparando as palavras:

—... depois disso você vai até enjoar de mim. Vou te atormentar tanto que você vai torcer para eu voltar a trabalhar bem rápido, e...

Não consegui conter o riso.

Adônís não deve ter entendido nada, pois emudeceu no mesmo instante em que ouviu minha risada.

— Impossível.

— O quê? — indagou ele.

— Enjoar de você — expliquei. — É impossível, Chewie.

Ele soltou o ar dos pulmões e, mesmo pelo telefone, consegui sentir seu alívio. Ficamos em silêncio por um momento, apenas ouvindo nossas respirações. Fechei os olhos e fiz de conta que ele estava do meu lado, debruçado no peitoral, com o cigarro preso aos lábios. Espremi as pálpebras e, por um segundo, quase senti o cheiro de menta ao meu redor.

— Sinto muito — murmurou, baixinho, como se estivesse envergonhado.

Assenti, embora ele não pudesse ver, e voltei a abrir os olhos. O frio fazia minha pele arder e, além do mais, começava a me deixar inteira gelada. Um leve tremor se espalhava pelas minhas mãos e pés.

— Não sinta. De verdade. — respondi, girando nos calcanhares e voltando para o refúgio quentinho e aconchegante dentro de casa. — Não é culpa sua, é só o seu trabalho. Há uns meses teria sido insuportável, mas estou aprendendo a gostar da minha companhia outra vez. Estou bem — falei, e me surpreendi ao constatar que era verdade. Talvez não incrivelmente bem, tampouco saltitando de felicidade. Mas as coisas estavam se acertando. Era isso que importava, afinal. A viagem. — As coisas vão ficar bem. Eeee, além do mais, eu aprendi a cozinhar. Posso fazer minha própria ceia de Natal!

— Para com isso, agora estou me sentindo ainda mais culpado.

— Por quê?

Ele arquejou, de uma maneira superfalsa. Sorri, já me preparando para a besteira que viria a seguir.

— Porque você vai precisar comer a sua comida, Becca. No Natal. — Falou, todo cínico. — Sério, eu não desejo isso nem para o meu pior inimigo. Ninguém merece um castigo desse.

Sem conseguir evitar, gargalhei.

— Você está morrendo de ciúmes, isso sim.

— Ciúmes?

— É claro, Adônis. Estou aprendendo a cozinhar, que foi o motivo crucial para eu ter me apaixonado e casado com você. — Brinquei. — Sou autossuficiente agora. Você está morrendo de ciúmes.

— Aham. Morrendo. — Eu o conhecia bem o bastante para saber que tinha revirado os olhos. — Nem vou conseguir dormir essa noite.

— Eu sei que não — respondi, com um ar vitorioso.

—... de tanta pena.

Meu queixo caiu. Levei alguns segundos para me recuperar, tempo em que ele riu debochado da minha cara.

— Vai se ferrar, Chewie! — exclamei, rindo com ele. — Minha ceia vai ficar tão deliciosa, mas tão deliciosa, que você vai lamentar não estar aqui.

— Nossa, vou lamentar tanto — falou, exagerando na ironia de propósito. — Passar o Natal em um quarto de hotel não vai ser tão ruim assim, no fim das contas. Foi mais um livramento, sabe?

— Estou sofrendo bullying do meu marido. — Tentei manter o tom sério, mas falhei, deixando escapar algumas risadinhas entre as palavras. — Você tinha era que me mimar, sabia?

— Desculpa, Becca. Mas a verdade precisa ser dita. Não quero que você fique iludida com isso. Esse é o meu dever como marido: evitar que você se machuque e que passe vergonha.

— Trouxa.

— Posso ser trouxa, não nego. Maaaaas, pelo menos o que cozinho é comível. Não sei se você pode dizer o mesmo.

Em meio a risadas, atirei-me no sofá, com o celular ainda encaixado na orelha. Não trocamos uma palavra séria depois disso. Só brincadeiras e piadas internas que rendiam outras tantas risadas.

Era daquilo que eu precisava.

Não sofrer por antecedência porque eu passaria o natal sozinha, tampouco me preocupar com qualquer coisa além do agora. Mas sim viver uma coisinha de cada vez. Afinal de contas, qual o propósito em sofrer uma coisa duas vezes?

Por isso, não pensei em mais nada além das brincadeiras. Voltei a fechar os olhos e agir como se Adônis estivesse sentado ali comigo. Minhas pernas em seu colo e seus dedos acariciando meus tornozelos.

Durante o tempo em que conversamos besteira pelo telefone, funcionou.

Ri até a barriga doer e os olhos lacrimejarem. E, pela primeira vez em meses, não foi de tristeza que meus olhos transbordaram.



Sorri ao observar a ilustração pronta, sobre a escrivadinha. Logo depois de encerrar a chamada com Adônis, comecei uma nova, do zero, e me surpreendi com o resultado. Tinha ficado ainda melhor que a primeira.

Eu estava em primeiro plano, com o rosto voltado para frente, como se olhasse para fora do desenho. Adônis, parado logo atrás de mim, tinha um braço passado ao redor dos meus ombros, de maneira protetora. Ele olhava para o lado com uma expressão séria no rosto, quase carrancuda.

Cruzei os braços atrás da cabeça, regozijando-me daquela sensação boa de dever cumprido. Respirei fundo e senti o estômago protestar de fome. Eu tinha perdido a noção do tempo. Horas haviam passado. Sabia disso graças ao céu negro do lado de fora da janela. Mas também não me importava. Aquele tinha sido um dia bom. Apesar da notícia ruim, eu continuava bem. Continuava em paz. E era isso que importava.

Espreguice-me, com o bumbum quadrado depois de passar tantas horas focada no desenho. Passei o dedo indicador pelos contornos, orgulhosa. Então levantei, refletindo sobre as minhas opções para o jantar.

Pensei na torta que havia preparado mais cedo e me vangloriado para Chewie. Seria mais fácil requentá-la a precisar sair de casa naquela hora, quando a preguiça varria a ideia da minha cabeça. Mas a verdade é que eu não conseguia evitar a careta que pincelava meu rosto ao pensar

nela. Eu tinha muitos dons, mas cozinhar não era um deles. E, embora ela não tivesse ficado horrível, também estava longe de ser gostosa.

Ri sozinha com a constatação.

Ai de mim se Adônis soubesse disso.

E, no fim das contas, ele tinha toda razão sobre o natal — minha ceia seria um fiasco. Ainda rindo, abandonei o quartinho, fechando a porta atrás de mim. Segui para o quarto, onde troquei meus pijamas por roupas quentinhas para encarar o frio lá fora.

Eu bem poderia pedir a comida, mas ultimamente arrumava qualquer desculpa para me forçar a sair de casa. Sair da zona de conforto. Lidar com as coisas que me fizeram perder o controle e o ritmo da coisa toda. Podiam parecer gestos pequenos, no entanto faziam toda a diferença. Juntando um esforço aqui e outro ali, é que se enxerga a mudança. Eu tentava me convencer disso para não perder o foco. Abandonei o apartamento, distraída em qual seria a minha escolha. Havia muitas opções e, em se tratando de comida, eu costumava ser muito indecisa.

Talvez conversar pelo telefone com Adônis tenha contribuído para isso — eu estava certa que sim —, ou quem sabe isso fosse resultado de todo o esforço diário, mas o fato é que eu me sentia animada, cheia de vitalidade. Cada vez mais isso era perceptível. Se antes os dias eram angustiantes, agora não podiam estar mais distante disso. Eu voltava a enxergar o prazer nas pequenas coisas do cotidiano. Como ficar na cama um pouquinho mais pelas manhãs, tomar um banho bem quentinho em um dia congelante, ou — por que não? — sair na noite de uma quinta-feira para jantar fora.

Apertei o alarme do carro no modo automático e abri a porta, preparando-me para me lançar para dentro, quando meus olhos focaram na parede ao fim da vaga. Eu entrava e saía do carro no modo automático, com um milhão de pensamentos na cabeça, tal como naquele momento. Quase sempre meus olhos passavam pela velha bicicleta pendurada no suporte como se ela nem estivesse ali. Mas aquela noite, por alguma razão, eles fixaram nela como se fossem atraídos por um ímã.

Observei seus pneus murchos e uma grossa camada de poeira escondendo o verde-água com o qual era pintada. Mesmo com os visíveis sinais de abandono, ela continuava charmosa. A cestinha branca na frente contribuía muito para isso.

Meu coração perdeu uma batida. Minha antiga Caloi, que fora minha parceira de crime por tantos anos. Eu fiz questão de levá-la para a Irlanda comigo. E de que adiantou? Eu nem sabia apontar há quanto tempo permanecia ali, deixada de lado.

Eu usava a desculpa de que o carro era muito mais fácil. Não era mentira. Mas como era possível que eu nunca mais tivesse encontrado uma oportunidade adequada para dar uma volta com ela?

Aproximei-me, passando o dedo pela superfície lisa. Observei o rastro brilhante deixado para trás com certa melancolia. Ainda conseguia lembrar com clareza de como me sentia nos passeios. Amava a sensação de liberdade quase selvagem. Amava a brisa gélida contra o meu rosto, bagunçando os meus cabelos para todas as direções. Amava o quanto me sentia leve, como se planasse no ar.

Como pude deixar de lado uma coisa que costumava ser tão importante para mim?

Aos poucos, começava a entender que não tinha me perdido por uma única razão. Foram vários pequenos detalhes que apareceram pelo caminho. Várias pequenas decisões que culminaram nisso. Era assustador perceber que toda essa confusão foi culpa minha. Talvez não de maneira consciente, mas, definitivamente, culpa minha.

Porque, aos poucos, deixei de lado coisas importantes para mim. E, com isso, deixei também pedacinhos da minha alma. Por se tratarem de pedaços pequenos, não senti falta a princípio, mas sim quando todos se uniram, somando em um buraco imenso e difícil de ignorar.

Agora, era preciso fazer o caminho de volta, recolhendo cada caquinho que encontrasse. Talvez eu deixasse alguns deles passarem, mas não importava. Se eu os organizasse de outras maneiras, quem sabe não conseguisse encontrar espaço para que novas peças fossem encaixadas? Quem sabe não descobrisse outras facetas minhas, até então escondidas?



Capítulo 14 - Rebecca

Garota, coloque seu som para tocar

Me diga sua música favorita

Vá em frente, relaxe

Safira e jeans desbotado

Espero que alcance seus sonhos

Apenas vá em frente, relaxe

Você se encontrará em algum lugar, de alguma maneira

Corinne Bailey Rae — Put your records on

Empurrei a bicicleta, segurando o guidão com muita força. Depois de dar um trato nela e calibrar os pneus, minha Caloi estava pronta para um passeio.

Quando cheguei na esquina, meu coração palpitava frenético de ansiedade. Ajeitei a mochila nas costas e passei a perna direita por cima da bicicleta, ajeitando-me nela com certo estranhamento. Era engraçado pensar que a Rebecca do passado não desgrudava dela por nada. A Rebecca que mudou para Maringá ia para cima e para baixo pedalando. A Rebecca de agora não conseguia nem precisar quando tinha sido a última vez.

Ajeitei o cachecol, cobrindo o nariz e boca para me proteger do vento que precisaria enfrentar. Encaixei os fones de ouvido e, por fim, subi o capuz. Só restaram os olhos de fora. Sorri de expectativa e meus lábios raspavam na lã do cachecol.

Com um friozinho na barriga, encaixei o pé esquerdo no pedal e tomei impulso. No começo foi um pouco desajeitado e estranho. Dizem que uma vez que se aprende a andar de bicicleta, jamais se esquece. E é verdade. O problema está em perder o costume. Se fosse antes, eu tiraria de letra. Mas, agora, cada pedalada demandava um esforço tremendo. Eu duvidava conseguir chegar muito longe. Tinha ficado sedentária com o tempo, e assumia toda a culpa. O carro se tornou o meu parceiro de crime com o passar dos anos. Só que o carro não exigia esforço algum. Era só sentar e pronto.

Talvez eu deva voltar para a bicicleta.

Inclinei o tronco para frente, sentindo meu corpo todo esquentar, ao passo em que a respiração ficava cada vez mais superficial. O vento gelado fazia tudo arder por dentro, mas, mesmo juntando todos os pontos negativos, o conjunto era bom. A sensação prazerosa que eu costumava sentir na bicicleta, voltou. Permanecia intacta. De repente, eu parecia a Rebecca do passado. Começando a faculdade, sem nem imaginar o rumo que sua vida tomaria. Que mal podia sonhar que escolher uma cidade tão longe de casa para estudar mudaria para sempre o curso de sua vida.

Um filete de suor escorreu pela lateral do meu rosto. Estava cogitando voltar para casa e tentar um pouco mais no dia seguinte. Porém, alguma coisa me deteve de dar a meia volta. Talvez a música vibrando nos fones, ou quem sabe a paisagem ao meu redor. Meus olhos pediam por mais, e como eu poderia negar? O meu palpite, no entanto, era que eu não queria voltar porque aquele simples pedalar unia as pontas da Rebecca do passado e do presente. Eliminava aquele espaço enorme responsável por toda a bagunça dos últimos meses. Unia todas as minhas facetas em uma só.

Pode parecer bobo. Tratava-se apenas de um passeio em uma velha bicicleta, que juntou poeira nos últimos anos. Mas era muito mais que isso. Resgatar um antigo — e tão importante — hábito foi como resgatar um pouco mais de mim. Senti aquela energia pulsante, que me fazia querer dominar o mundo inteiro. Aquele foco que me acompanhava no passado, somado a vontade de ser alguma coisa. A vontade de mudar a minha história.

Então percebi que tinha fechado o ciclo.

Eu queria virar uma coisa, e virei.

Queria mudar o curso da minha história, e mudei.

O problema foi pensar que a vida estava ganha. Que era só isso. Realizar os sonhos e ficar estagnado, esperando sabe-se Deus o quê.

Não. Quando um objetivo é alcançado, o que devemos fazer é traçar mais um punhado deles. A dança deve continuar sempre, porque a música, ah, a música não para. Quer esteja você chacoalhando os quadris ao seu ritmo, ou sentado em uma cadeira perto das paredes, lamentando a dor nos tornozelos; ela continuará se espalhando. Com sua melodia inconstante e infinita. As coisas são como são.

A não ser que seja aplicada uma força, um corpo em repouso permanecerá assim para sempre.

Resolvi aplicar a força e seguir adiante. Eu sabia que não seria fácil, mas o que era, afinal? Tanto a volta de bicicleta, quando a minha paz interior. Nada disso era simples, mas as melhores coisas são as que demandam mais energia. As melhores recompensas vêm quando você dá o seu máximo. Até a última gota. E era isso que eu faria.

Dobrei o corpo ainda mais para frente, apertando o guidão como se ele fosse se soltar a qualquer instante. E então, mesmo sem o preparo físico para isso, pedalei com toda a velocidade que consegui alcançar. No começo foi trabalhoso e cansativo. Mas só até alcançar o declive.

Depois disso foi o máximo.

Deixei os pés descansarem nos pedais, enquanto deslizava com minha Caloi pelas ruas estreitas. O caminho feito pelas árvores dos dois lados tinha a cor dos olhos de Adônis — ocre esverdeado. As casas de cercas baixas passavam como borrões, os telhados em formato triangular enfeitados com luzinhas de natal.

Empertiguei-me na bicicleta, deixando o vento acariciar minha pele, com seu toque frio. O capuz da blusa caiu para trás e meus cabelos balançaram para todas as direções, resumindo bem a maneira como eu me sentia.

Solta.

Leve.

E, acima de tudo, viva.

Eu olhava para algum tempo atrás, e estremecia ao perceber o quanto tinha perdido a vontade. Perdido o prazer. Perdido as coisas que mais importavam.

Mas se existia uma parte boa nisso tudo era que, agora, me redescobrimo, eu podia experimentar outra vez todas as boas sensações, como se fossem novas.

Não consegui parar de sorrir. Embora meu sorriso estivesse escondido pelo cachecol, continuava lá. Pedalei o quanto consegui, observando as casas que passavam pelo caminho e imaginando, por um milésimo de segundo, como cada uma era por dentro.

Apenas quando perdi o fôlego por completo que me obriguei a parar. Desci da bicicleta e sentei sobre o meio-fio, tirando a mochila para alcançar a garrafa de água. Minhas costas estavam suadas apesar do frio, e minhas bochechas queimavam.

Enquanto esperava minha respiração normalizar, usei o celular como espelho para ajeitar o cabelo. Percebi, pelo reflexo, que eu estava um fiasco. Os óculos tortos no rosto, a pele rosada, gotículas de suor no buço. Usei as costas das mãos para secá-las, e foi quando meu celular acendeu com uma notificação.

Uma mensagem de Arthur.

ainda lembra que tem um amigo, bonequinha?

Com um sorriso no rosto, me apressei em discar seu número, em vez de responder à mensagem. Deslizei o cachecol para baixo, descobrindo a boca. O telefone chamou apenas duas vezes antes dele atender.

— Você também... pode me... ligar... sabia? — falei com dificuldade, descobrindo que ainda não tinha recuperado o fôlego por completo, como imaginava.

Meu coração bombeava tão rápido e forte que eu sentia a jugular pulsar. Caramba, eu estava muito fora de forma. Forma era uma palavra que nem existia no meu vocabulário, isso sim.

— Jesus, Becca, que é isso? — perguntou, surpreso. Então seu tom mudou para desconfiado. — Não me diga que você e o Adônis têm algum tipo de fantasia bizarra envolvendo ligar para alguém de fora, e...

— Não! — exclamei, um pouco rindo, um pouco chocada. Os anos passavam e eu continuava desacostumada com a perversão do meu melhor amigo. — De jeito nenhum. Acredite ou não, mas o mundo não é só sexo.

— É... — suspirou, decepcionado. — Não mesmo. Mas seria bem mais interessante, né?

— Aham. Muito. — brinquei, revirando os olhos. — Estava aqui pensando que sou sempre eu que vou visitar vocês. Você só veio uma vez. Uma! E já faz taaanto tempo. Estou morrendo de saudade.

— Bonequinha, você está muito mal-acostumada, tá? Eu não sou um escritor best-seller e nem casei com um astro do rock gostoso. Não que eu não quisesse, mas, enfim. Isso não vem ao caso.

— Você não precisa ser casado com um astro do rock gostoso para visitar sua melhor amiga.

— Se você soubesse quanto ganha um professor, ia descobrir que precisa, sim. — Explicou, rindo. — Nós, pobres mortais, não temos dinheiro para viagens à Europa com frequência. Eu bem queria, para falar a verdade. E olha que nem era tanto para matar a saudade. — Senti a provocação em suas palavras e fisguei o lábio inferior. — Mas fazer o quê? Não se pode ter tudo.

Soltei uma risada baixa, balançando a cabeça, sem acreditar no quanto Arthur era um cretino.

— Ah, obrigada. Estou aqui chorando igual um bebê por causa de você, e é isso que ganho em troca.

— Não, calma, eu me expressei mal.

— Não adianta tentar consertar, Arthur. — Falei, forjando uma voz de ofendida. — Já entendi tudo. Me trocou pela Nataly de vez.

— Ninguém mandou mudar pra longe — ele devolveu, no mesmo tom.

Nós ficamos em silêncio por um segundo antes de explodirmos em risadas.

Fui tomada por um quentinho gostoso e confortável. Fechei os olhos, assim como fizera com Adônis no dia anterior, e fiz de conta que meu melhor amigo estava sentado ao meu lado. Empacotado de blusas. Os cabelos, pintados em vários tons de azul e roxo, desordenados na cabeça e voando ao sabor do vento.

Soltei um suspiro, inundada pela saudade intensa. Ela sempre vinha quando eu pensava nele ou em minha família. Quando pensava no Brasil e nas coisas que amava. Dessa vez, porém, não veio acompanhada da melancolia usual, mas sim de outro sentimento. Um impossível de identificar.

— Como você está? — perguntou Arthur, bem mais sério, como se meu suspiro tivesse sido suficiente para ele ler meus pensamentos. Talvez tivesse mesmo.

— Melhorando — respondi, raspando a ponta do tênis no asfalto, e abracei meus próprios joelhos. — Tem dias bons e tem dias ruins.

— Já ouvi dizer que a recuperação nunca é em linha reta. É meio que uma montanha russa, cheia de loopings, de subidas e descidas. Mas, em geral, se caminha para algum lugar — explicou, com o mesmo tom moroso de sempre. Era como se ele estivesse sintonizado em outra frequência. Uma bem mais lenta e tranquila. Como vovó costumava dizer: devagar, quase parando.

— É, acho que sim. Já saí daquele buraco, pelo menos.

— Bonequinha... — sua voz morreu, como se Arthur estivesse escolhendo as palavras certas. — Mesmo com o Oceano Atlântico nos separando, você continua sendo tudo pra mim. Sabe disso, né?

— Uau, isso foi romântico! — brinquei.

— Tudo para mim no sentido fraternal, sua idiota.

— Ah, não. Sério? Achei que meu amigo gay estivesse a fim de mim. Eu estava até disposta a largar o Adônis pra ficar com você. Chega um momento na vida que a gente precisa testar coisas novas. Se é que me entende.

— Só para você saber: estou revirando meus olhos, Rebecca. E não é pouco.

Dei uma risada alta e fui acompanhada por ele. De olhos fechados, era como se estivéssemos lado a lado. Nossos joelhos tocando de levinho. Seu cheiro de incenso me envolvendo.

Que saudade.

— Ok, podemos deixar de falar besteira para ter uma conversa civilizada? — perguntou ele, fingindo estar bravo.

— Conversa civilizada? — repeti, em provocação. — Achei que essa palavra não existisse no nosso vocabulário.

Ele riu baixinho antes de responder:

— Pra você ver... estamos ficando velhos. No futuro vamos nos telefonar só para comentar como está o tempo, e falar que o mundo já não é o mesmo. Foi dada a largada, Becca. Agora não tem mais volta.

— Ok, vamos lá... — Apoiei a mão esquerda no chão e joguei o peso do corpo para o lado. — Como estão as coisas com o Enzo III?

Nós o chamávamos assim pelo motivo simples de ele ser o terceiro namorado consecutivo de Arthur chamado Enzo. Gostávamos de brincar que pelo menos ele não corria o risco de começar uma DR caso o chamasse pelo nome do ex.

Arthur me contou que os dois estavam praticamente morando juntos. Eles moravam muito longe um do outro e, para economizar tempo e dinheiro, começaram a dormir cada vez mais na casa um do outro. Agora quase não ficavam separados. Dava para ouvir na voz dele o quanto estava apaixonado. Fiquei feliz por ele. Lembrava bem do quanto ele já tinha sofrido no passado. Se alguém merecia ser feliz, com toda certeza do mundo era Arthur.

Depois disso, ele me contou sobre o trabalho. Sobre os alunos dele. As pilhas de provas para corrigir. E que, às vezes — e só às vezes —, ele adotava um ou outro método do Carrasco. Como não

permitir atrasos. Ou então, não tolerar celulares tocando. Mas não todos porque ele não era tão cuzão assim, segundo suas próprias palavras.

Um assunto puxou o outro. Nenhum tão importante, mas todos muito prazerosos. Falamos sobre séries, músicas, e as coisas que ainda queríamos realizar. Resgatamos lembranças do passado, rindo juntos das trapalhadas de quando éramos mais novos e meu coração apertou ainda mais com aquele sentimento impossível de identificar. Ele continuava lá. Expandindo-se cada vez mais.

Foi só depois de me despedir de Arthur, já na bicicleta, que entendi. Uma nova ideia, brotando de fininho. Eu queria voltar. Para o Brasil, para as pessoas que amava. Queria um recomeço. Queria aquela euforia de não saber muito bem o que esperar, porque o futuro está repleto de caminhos disponíveis. Como um enorme hotel cheio de portas, que só cabe a você escolher qual delas abrir e quando.

Absorta em meus pensamentos, pedalei sem ter um rumo. Tentei sincronizar as pedaladas com as batidas das músicas em meus fones de ouvido, e não morrer atropelada pelos carros cruzando o meu caminho eventualmente.

Despertei para realidade só quando vi a Reginald's Tower se projetando em minha frente. Olhei ao redor, lembrando-me do cachorrinho branco no mesmo instante.

Desci da bicicleta, empurrando-a ao lado do corpo, enquanto contornava a torre para chegar no lugar onde o conheci. Eu duvidava um pouco que continuasse ali, ainda mais porque já contavam alguns dias desde nosso encontro.

Por alguma razão, meu coração batia agitado no peito e as mãos suavam frio. Eu estava nervosa com esse reencontro. Não fazia o menor sentido. Engoli em seco, olhando para o outro lado da avenida, a ansiedade se espalhando cada vez mais rápido.

Ele não está aqui.

Umedeci os lábios, decepcionada. Continuei empurrando a bicicleta, olhando para todas as direções, a procura da bolinha de pelos que tinha me seguido com tamanha determinação.

Ele não estava em lugar algum. Meu coração apertava mais e mais a medida que o tempo passava. Circundei a área da torre pelo menos duas vezes, com o olhar afiado, enquanto tentava encontrá-lo, tão alegre quanto no dia em que nos conhecemos.

Cansada de andar, parei por um segundo, recostando-me na parede de uma lojinha de suvenires. Meus olhos recaíram sobre o bar do outro lado da rua e me lembrei da senhora com quem conversei. Ela me disse que estava cuidando dele, talvez soubesse de seu paradeiro. Com uma nova injeção de ânimos, corri para lá, um pouco atrapalhada graças a bicicleta.

Deixei a bicicleta do lado de fora, apoiada na parede. Um sininho na porta tocou quando passei. Eu estava tão ansiosa que não conseguia parar quieta. Girei nos calcanhares, avistando-a atrás do caixa. Acenei, empolgada, e percorri a distância até lá, ignorando as outras pessoas presentes. Seu rosto foi pura confusão quando a cumprimentei.

— No que posso ajudar? — perguntou, de olhos estreitos, e percebi que não se lembrava de mim.

— Eu passei aqui na frente um tempo atrás... tinha um cachorrinho. A senhora disse que estava cuidando dele, lembra? — perguntei, com as mãos inquietas de expectativa.

— Ah, puxa... — ela contorceu o rosto em uma careta chateada. — Puxa vida, eu estava mesmo, mas ele desapareceu há uns dois dias. Achamos que ia voltar logo, mas até agora nada.

Meu coração perdeu uma batida. Fisguei o lábio inferior, a cabeça à mil por hora.

— Ele já fez isso antes?

— Não. Por isso é tão estranho... — ela continuou tagarelando, mas deixei de ouvir. Só conseguia dar atenção para o aperto esmagador que senti no peito. Eu não conseguia entender por que ele tinha me fisgado com tamanha intensidade, só sabia que precisava encontrá-lo.

— P-posso deixar meu telefone com a senhora? — perguntei. Ela fez uma cara estranha e só então percebi que a interrompi. — Para o caso dele aparecer de novo?

Ela estreitou os olhos, desconfiada, por isso me adiantei em explicar:

— Eu me apaixonei por aquele cachorro. Devia ter levado ele para casa naquele dia... — soltei um suspiro pesado. — Cometi um erro uma vez... não quero cometer de novo.



Capítulo 15 - Rebecca

*Seja como for, eu vou
E vou correndo, não quero perder nada
Custe o que custar, eu dou
Não tenho medo de rato nem barata*

Banda do Mar – Seja como for

Se alguém me perguntasse de onde surgiu aquela ideia, eu não saberia apontar. Apenas veio. Ao longo da semana, olhei para os cômodos vazios do nosso apartamento, piscando com as luzinhas de natal vermelhas — porque essa era, de longe, a cor predileta de Adônis —, e considerei um desperdício ficar ali, quando o resto do mundo se preparava para passar um tempo com suas famílias.

Além do mais, não era como se eu estivesse presa.

Nunca se tratou disso.

Eu não conseguia nem entender a razão para não ter pensado nisso antes.

Quero dizer, viajar o tempo todo com Adônis e os meninos de fato tinha se tornado uma rotina aborrecida, e não mais divertida como fora um dia. Mas isso não significava que eu não podia viajar nunca. Eu não estava de castigo por ter me comportado mal, nem nada do tipo. Meu Deus, as coisas não eram oito ou oitenta. Vovó me ensinou isso há muitos anos, e agora eu errava nas mesmas coisas outra vez.

Por que é tão fácil esquecer as lições mais valiosas de nossa vida? Por que, de tempos em tempos, agimos como se fôssemos crianças descobrindo o mundo e não soubéssemos de nada?

Deve ser porque, no fundo, é isso mesmo — adultos não passam de crianças crescidas. Por fora, vestem uma máscara de responsabilidade, para dizer ao mundo sabemos exatamente o que estamos fazendo, mas, por dentro, a coisa não é bem assim. Por dentro somos um emaranhado de incertezas e medos. Somos carne e osso. Erramos o tempo todo. Acertamos também, é claro, mas isso não significa que os erros diminuam.

Percebi, por fim, o quanto estava sendo dramática. A vida não precisava ser preto no branco. E, muitas vezes, no casamento, é preciso ceder. Encontrar um meio termo confortável para os dois. O equilíbrio. Esse sempre foi o nosso lema. Foi como fizemos dar certo por seis anos. Como perdemos o fio da meada?

Não importava, de todo jeito. Não se tratava mais do que tinha sido, mas do que seria dali para frente. E quanto mais eu me reconhecia em mim mesma, mais aquela urgência de viver, de aproveitar, de experimentar me assolava. O medo continuava lá, mas era muito pequeno diante do resto. Afinal, era como eu costumava repetir para mim mesma — não faz sentido sofrer duas vezes.

Por isso eu me encontrava sentada naquele aeroporto há quase quatro horas, depois de um voo de oito, esperando a conexão para Sydney, a fim de encontrar Adônis. Se a montanha não viria até mim, eu iria até ela. Ou, no caso, se meu Chewbacca não viria até mim, eu apareceria lá de surpresa. Porque isso é o que as protagonistas fazem — elas tomam atitudes. E como eu não queria ser uma coadjuvante na minha própria vida... não a esperaria passar, lamentando as coisas que não aconteceram como deveriam. Afinal, nada nunca acontece como o esperado. Essa é a graça da vida, não?

Ele, é claro, não fazia a menor ideia. Peguei o nome do hotel com Domênico e o fiz jurar que não contaria ao Chewie de jeito nenhum.

— Cara, isso é muito legal! — falou, depois de nos despedirmos, quando eu estava prestes a desligar o telefone. — Adônis ficou todo emo quando soube do natal.

— Emo? — perguntei, rindo. Fazia muitos anos que não ouvia a expressão.

— É, você sabe. Resmungando pelos cantos, deprê e tudo mais. Enfim. Fico feliz que você esteja melhor. Esse não foi um ano fácil. — não foi uma pergunta. Ele sabia.

— Não foi. Mas nunca é tarde demais para colocar as coisas no lugar, né?

— Não — Ouvi um sorriso em sua voz. — Senti sua falta, Becca. É bom ter você de volta.

Mesmo depois de desligar o telefone, suas palavras continuaram reverberando pela cabeça. Eu soube o que ele quis dizer com me ter de volta. Não tinha nada a ver com a minha visita surpresa. Tinha a ver com quem eu era. E eu não era aquela mulher que passou o último ano perdida, parada na rua sem saída, se recusando a fazer alguma coisa para sair na inércia.

Não. Eu era aquela garota do passado, que nunca se deixou abalar pelos abusos da mãe. Nunca se deixou abalar durante os quatro anos longe do cara que a ensinou que o amor podia, sim, ser uma coisa boa.

Eu era aquela garota do passado que percorreu os sonhos da vida inteira e os alcançou, só para descobrir que não era nada disso. E então, criou novos sonhos. Novas metas. Recomeçou.

Nunca ficou parada.

Essa garota era a Rebecca. E eu não aceitaria ser nada menos que isso.



Se eu podia me basear na expressão de Adônis para deduzir como ele recebeu a surpresa, então podia afirmar com certeza que ficou feliz para caramba. Com os olhos de outono arregalados, ele permaneceu alguns segundos paralisado, os lábios abertos, como se tentando processar o fato de eu estar parada em sua frente. Mas seus pensamentos não estavam tão rápidos quanto deveriam, porque esse momento pareceu durar uma eternidade.

Os braços pendiam ao lado do corpo e ele ficou todo rígido e estranho. Não consegui me desfazer do sorriso. Pelo contrário, ele se alargou ainda mais. Uma simples visita minha ser responsável por todo aquele atordoamento causava um misto de sensações em mim. Mas a que mais prevalecia era, sem dúvida, a felicidade. Eu conseguia ver o tamanho do seu amor por meio desses pequenos sinais.

Senti também um pouco de culpa, por não ter considerado acompanhá-lo mais vezes. Sempre pensei mais no meu lado e o quanto tudo aquilo era desgastante, sem nunca considerar que ele poderia sentir a minha falta nas viagens. Engoli em seco, mas não me permiti seguir por esse caminho. Eu estava ali, afinal. Me peguei pensando em algo que Chewie me dissera, há muito tempo: Não vamos remoer o passado. O presente tem uma gama de possibilidades, então por que nos apegar ao que é imutável?

Dessa forma, balancei a cabeça, afastando todos os pensamentos negativos e me foquei apenas nas partes boas. Estávamos juntos. No Natal. Talvez não da maneira como teríamos almejado, mas como foi possível. E no fim era sobre isso que se tratava: amor, abnegação. Aproveitar as oportunidades, mesmo se destoassem do plano inicial.

Adônis passou as mãos na barba, pigarreando como se despertasse de um transe.

— Eu... você... C-como? — resmungou, baixinho, piscando os olhos sem parar. — Quando? — Ele coçou a nuca, soltando um suspiro prolongado. — Por que você não me... — sua voz morreu no ar quando seus olhos recaíram em Domênico, parado logo ao meu lado, como se tivesse acabado de reparar nele. Domênico tinha um sorrisinho satisfeito no rosto que dizia foi em quem ajudei e me orgulho disso. — Meu Deus, Becca — gemeu, percorrendo a distância entre nós e me envolvendo em um abraço super apertado. Ele quase quebrou minhas costelas.

Retribuí o gesto, abraçando-o com toda a saudade acumulada. Seu cheiro, uma mistura do perfume amadeirado com o aroma mentolado dos cigarros, chegou ao nariz, embalando-me. Aconcheguei-me ainda mais nele, só então me dando conta das lágrimas escapando dos meus olhos. Seus braços me apertaram ainda mais, antes dele procurar meu rosto, cobrindo minha boca com a sua.

Beijar Adônis, depois de algum tempo longe, era sempre recompensador. Era a parte boa em se ter saudade — intensificava a emoção de tê-lo por perto. Segurei seu rosto com as duas mãos,

intensificando o beijo. Nossas respirações ficaram mais pesadas, ao passo em que ele colocou o quadril no meu, como se não pudesse aceitar qualquer distância, por menor que fosse, entre nós.

— Qual é, arrumem um quarto! — Domênico brincou, batendo o ombro em Adônis ao passar por ele pela porta.

Chewie retribuiu com um tapa nas costas dele, então voltou sua atenção para mim outra vez. Um sorrisinho torto no rosto, como se enfim estivesse começando a entender tudo.

— Quer dizer que você e o meu melhor amigo tramaram contra mim?

— Contra, não — corriji, roçando meu nariz no dele. — Estávamos tramando, sim, mas a favor. Esse é o seu presente de natal — expliquei, abrindo um sorriso e esticando os braços para os lados.

Adônis soltou uma risada, segurando meu queixo para me dar outro beijo.

— Eu te amo — sussurrou contra os meus lábios. — Obrigado. Esse é o segundo melhor presente que você já me deu na vida.

Apesar de sentir o tom provocativo em sua voz, entrei no jogo.

— O segundo melhor? — perguntei — Como assim?

— Desculpa, donzela, mas o primeiro continua sendo o tabuleiro de xadrez de dinossauros. Nunca vai existir um presente melhor.

Balancei a cabeça, rindo dele, e me atirei em seus braços outra vez. Eu sentia como se estivéssemos no começo do namoro outra vez — não conseguia tirar as mãos dele.

Chewie passeou os dedos pela curva da minha mandíbula e depois contornou meus lábios com o polegar. Estremeci sob seu olhar intenso, mas não ousei sair dali.

— Domênico tem razão, vamos precisar de um quarto — resmungou, como se pensasse em voz alta. E então, consciente de minha atenção, abriu um sorrisinho torto.

— Vamos mesmo. Mas já cuidei disso — sorri com orgulho. — E foi até bom você tocar nesse assunto.

— Porque você está louca para ficar comigo? — perguntou, arqueando as sobrancelhas de maneira sugestiva.

— Bem que eu queria... mas na verdade só estou cansada mesmo. Preciso hibernar.

Ele arqueou as sobrancelhas, de maneira petulante.

— Vai me trocar por algumas horas de sono?

— Sempre — mostrei a língua, arrancando uma risada calorosa de Adônis.

Desvencilhando-se de mim, ele se abaixou para pegar a alça da mala em meus pés e seguimos juntos para o elevador, a caminho de um quarto só nosso. Foi só quando a porta metálica nos fechou lá dentro, que ele se curvou para alcançar minha orelha com os lábios.

— Se você achou, mesmo por um segundo... — começou falando, em um sussurro que me fez estremecer. — que vou te deixar hibernar quando tenho você inteirinha pra mim, saiba que nunca errou tão feio, Becca. Hmmm, não mesmo.



Capítulo 16 - Rebecca

*Eu sei faz tanto tempo
Passamos por muitos momentos
Saber que tenho você me faz
Me faz continuar*

Cachorro Grande — Você me faz continuar

Abri os olhos, confusa. Olhei para os lados, tentando reconhecer o lugar sem sucesso. Emaranhada entre os cobertores, sentei-me, massageando as têmporas. E, conforme a lucidez voltava, fui me lembrando dos acontecimentos recentes, com um sorriso enorme no rosto.

Busquei o celular embaixo do travesseiro e descobri que já passava das oito. Espreguicei-me e abandonei a cama, relutante. Adônis não estava no quarto, mas seu perfume permanecia lá, o único indicativo de que nenhuma das imagens em minha mente era um sonho. Ele estava mesmo ali. Comigo. Bom, não naquele momento, mas, enfim, nada disso importava.

Me dirigi ao banheiro e tomei um banho demorado, terminando de despertar por completo. Eu me sentia como se fosse um balão de gás hélio, flutuando sem parar. Estava tão leve, meus pés nem pareciam tocar o chão. Era por tudo. Eu tinha voltado a me sentir bem, sem esforço algum. Voltado a me animar com as menores coisas. Fiquei feliz com a decisão de voltar para o Brasil, e não via a hora de compartilhar com Adônis. E tinha também o fato de estarmos juntos. Caramba, eu tinha viajado até ali. Sem mais nem menos. Só porque o amava muito e porque podia. Isso era maravilhoso. A Rebecca de meses atrás jamais teria feito algo assim.

Ainda estava com a cabeça nas nuvens quando abandonei o banheiro, e dei um pulinho de susto ao me deparar com Chewie sentado na cama, de frente para mim. Coloquei as mãos sobre o peito, tentando acalmar os batimentos acelerados.

Ele riu, com uma expressão impagável no rosto.

— Não era para você ter acordado ainda.

— Mas já é quase hora da ceia... — minha voz morreu no ar e separei os lábios em surpresa. — Ahhhh, entendi tudo! Você me cansou, me colocou pra dormir, e ia passar o natal sozinho, né? — estreitei os olhos de maneira teatral, com o dedo em riste apontado para ele. — Tsc, tsc... venho até aqui para isso.

Ele revirou os olhos e levantou da cama.

— Como estava dizendo... — respondeu, ignorando minhas palavras. — Não era para você ter acordado ainda, porque eu queria fazer isso — explicou, me alcançando.

Sem que eu pudesse reagir, seus braços passaram embaixo dos meus joelhos e ele me levantou com facilidade. Chewie girou nos calcanhares, voltando para a cama e se atirando nela, comigo no colo.

Caí no colchão com ele em cima de mim, me esmagando. Minha risada repercutiu pelas paredes do quarto, enquanto bagunçava seus cabelos para me vingar. Chewie também ria, mas parecia ser de mim. O relógio parou de contar o tempo por um momento. Só havia nossas risadas e aquela leveza confortável e acolhedora, cada vez mais frequente.

Com a barriga doendo de rir e o peso do seu corpo deixando o meu formigando, soltei um suspiro quando as risadas enfim cessaram. A franja enorme do seu cabelo caiu por sobre os olhos e, de modo automático, passei os dedos nela, revelando os olhos ocre-esverdeados, da cor do outono, que haviam me acorrentado anos atrás e continuavam surtindo o mesmo efeito.

Adônis sorriu, o olhar passeando pelo meu rosto, por cada detalhe dele. Ele se demorou na boca, onde raspou os lábios com leveza. Mas não pude aprofundar o beijo, pois ele se afastou alguns centímetros e voltou a me encarar.

— Gosto tanto de te ver assim — sua voz era suave como veludo.

Fechei os olhos, como quando estávamos conversando pelo telefone e eu fingia que ele estava comigo. Agora era diferente, eu não precisava fingir, apenas perceber os sinais. Como o calor de sua pele aquecendo a minha. Sua respiração morna rebatendo em meu rosto. Seu perfume me envolvendo até não existir nada no mundo além de Adônis.

— Assim como? — perguntei, distraída.

— Assim — repetiu, dando de ombros. — Desse jeito.

— Hmmm, agora sim. Foi muito esclarecedor — provoquei, fazendo-o rir.

Adônis deixou uma mordidinha no meu queixo e depois um beijo no cantinho da minha boca. Estremeci. E, como ele não se atreveu a falar nada mais, tentei incentivá-lo:

— Assim, deitada embaixo de você? Assim, morta depois de uma viagem enorme? Assim, aqui?

— Não. — Ele estava de excelente humor. Dava para notar desde sua expressão, até a maneira suave de falar.

— Então como?

— Você não sabe mesmo? — perguntou, encarando-me com atenção. Neguei com a cabeça.

— Você está feliz, serena. Não sei explicar.

— Estou de volta? — arrisquei, pois era como me sentia.

Ele assentiu, umedecendo os lábios.

— Quando te vi parada no corredor foi... porra! Becca, eu... se tinha como, te amei ainda mais. Fiquei péssimo por passar o natal sozinho. Por te deixar sozinha. E agora você está aqui. Dá para acreditar? — ele abriu um sorriso bobo. Parecia uma criança que ganhou o presente certo. — Ver você mal por tanto tempo acabou comigo. Eu não sabia como te ajudar. É por isso que ver você melhorando me deixa feliz pra cacete. Sou louco por você, donzela.

Desviei o olhar, abrindo um sorriso genuíno. Não bastasse as palavras lindas, tinham também os sinais falando por ele. Como, por exemplo, os olhos, que continuavam me estudando com atenção. Ou então o coração batendo descompassado contra a minha pele. E tinha também a entonação da voz de trovão. Havia uma entrega latente, apaixonada. Eu não sabia se merecia tanto.

Então, embalada pelo quentinho no peito causado pelo momento, decidi ser uma boa hora para contar sobre a minha decisão. Tinha planejado falar em outra ocasião, mas estávamos tão próximos, tão à vontade, eu não via por que não.

— Semana passada voltei a andar com a minha Caloi — comentei. Ele arqueou as sobrancelhas, surpreso pelo rumo inesperado. — Foi no dia que você me ligou, na verdade. Peguei o carro para jantar fora e ela estava lá, empoeirada, com os pneus murchos.

Adônis continuou me encarando, esperando pelo restante. Agradei mentalmente, pois precisava desse tempo para reunir toda coragem necessária.

Que a força esteja comigo.

— Parece bobo, eu sei, mas foi importante pra mim. Não te contei antes porque queria fazer isso pessoalmente. Foi supercansativo, mas fiquei bem empolgada. Lembrei de Maringá e daquele tempo que parece ter sido em outra vida. — Ele sorriu e o acompanhei. — Nesse dia eu falei com Arthur pelo telefone, no meio do passeio. E então me ocorreu uma coisa.

— Estou com um pouco de medo de ouvir o resto — ele me interrompeu. — Preciso ter medo? — sua voz soou brincalhona, mas eu sabia que tinha um fundo de verdade.

— Acho que não — respondi, com sinceridade. Chewie assentiu, pedindo para eu continuar. Pigarreei, ficando nervosa de repente. — O sonho da sua vida era morar na Irlanda... lembro certinho do que você falava: para se reencontrar. Para superar o passado e aprender a se amar. Você precisava fazer isso por você.

Ele assentiu, sem desgrudar os olhos de mim. As sobrancelhas unidas formavam sulcos na testa. E a franja negra tinha voltado a cair sobre os olhos. Ele continuava deitado sobre mim, mas apoiado nos cotovelos, por isso o peso do seu corpo não incomodava. Pelo contrário, era delicioso.

— Eu não me arrependo de ter morado lá todos esses anos. Foi surreal. Tudo o que vivemos lá... o começo do nosso casamento, quando ainda estávamos matando a saudade acumulada por quatro anos... enfim. Eu não faria nada diferente. — Mordisquei o lábio inferior. — Mas já não está

mais tão maravilhoso assim. Nunca reclamei do seu trabalho, das suas viagens, porque não é essa a questão. Eu mesma também preciso viajar para os meus eventos. É só que... é ruim demais ficar sozinha — engoli em seco, passeando as mãos pelos seus ombros e descendo para os braços. — Sei que posso te acompanhar de vez em quando, não preciso ficar lá de castigo, mas ainda assim é muito tempo sozinha, Chewie. Entendo o quanto a Irlanda foi importante para você, não estou questionando isso.

“Mas, agora, quem precisa se reencontrar sou eu. Preciso estar rodeada das pessoas que amo, para que sua ausência não seja tão dolorosa. Preciso aproveitar meus avós enquanto eles ainda estão vivos, porque, caramba, eles não vão viver pra sempre, infelizmente não. — Uma lágrima escorreu pela minha bochecha. Espremi os lábios, tentando normalizar a respiração superficial. — Eu só preciso... preciso ter uma vida além de nós dois.”

— Uma vida... como assim? — sua voz saiu em um sopro.

Notei em suas feições o mesmo medo de quando ele pensou que fôssemos terminar. Fechei os olhos, segurando a ponte do nariz enquanto tentava me expressar do jeito certo.

— Tenho a sensação de que, lá em casa, só existo quando você está por perto. — Expliquei, permanecendo de olhos fechados. Era mais fácil sem os olhos de outono me fitando com intensidade. — Quando você viaja eu viro uma sombra. Tudo desaparece e só resta o vazio enorme de estar sozinha. E isso não está certo! Quero ser mais que isso. Preciso ter uma vida quando você não está por perto. Preciso andar de bicicleta, ver filmes de terror com o meu avô e beber umas cervejas com o Arthur e a Nataly. Você entende? — Engoli em seco. — Chewie, não quero que você pense que estou reclamando da nossa vida. Não é isso. Eu amo você, amo a gente. Mas eu preciso dessa mudança, porqu...

Não pude terminar de falar, pois Adônis me calou com um beijo. Mantive os olhos abertos por um segundo, surpresa com sua reação. Então, desci as pálpebras e cedi, correspondendo as carícias de sua língua, em uma dança gentil. Desde que tomei aquela decisão, fiquei nervosa remoendo como Adônis poderia encarar isso tudo. Ainda mais depois de ele pensar que estávamos prestes a nos divorciar. Eu não queria magoá-lo ainda mais. Só queria ajeitar tudo. Queria que, cada dia mais, caminhássemos em direção ao equilíbrio. A felicidade que tivemos a sorte de manter por tanto tempo.

— Isso foi... um sim? — questionei, quando ele afastou o rosto, com os olhos brilhando.

Adônis riu baixo, parecendo aliviado.

— Acho que você tirou esse último ano para testar o meu coração — sussurrou, como se tivesse perdido as forças.

— A parte boa é que ele é forte.

— Não por muito tempo — Adônis continuou a sussurrar. — Não sei se aguento outro susto desse.

Dessa vez, ri com ele. Nossas risadas pairaram ao nosso redor, deixando para trás um silêncio confortável.

— Eu andei pensando nisso também — admitiu ele, de repente.

— Em quê? — perguntei, dando uma mordidinha no seu lábio inferior.

— No que você falou. De voltarmos para o Brasil.

— P-pensou? — balbuciei.

— Não precisa ficar tão surpresa assim, vai. — Protestou, abrindo um sorriso torto em seguida. — Eu também sei pensar. Às vezes.

Revirei os olhos, rindo. Desferi um tapinha em seu braço, balançando a cabeça.

— Não é isso. — encolhi os ombros. — Sempre achei que a Irlanda fosse tudo o que você sempre quis. Fiquei com medo de como você ia receber isso.

Chewie passou os dedos pelos cabelos, afastando outra vez a franja dos olhos. O sorriso entortou ainda mais.

— Não, donzela. A Irlanda não é tudo para mim. Você é.

Pisquei os olhos algumas vezes, sem conseguir absorver suas palavras. Percebendo minha confusão, ele tentou explicar.

— A Irlanda é só um país. O valor está nas pessoas. E nada nesse mundo importa tanto quanto você.

Se tinha o objetivo de me ajudar a compreender, o tiro saiu pela culatra. Fiquei ainda mais perplexa.

— Antes... — comecei, mas Chewie interrompeu.

— Antes eu precisava. Você sabe disso. Não tinha como continuar daquele jeito, eu estava muito machucado por dentro. Mas isso já faz muito tempo. Tanta coisa mudou, Becca... Honestamente? Posso morar no meio de uma floresta se isso for te fazer feliz.

— Você odeia mosquitos, Chewie.

— É verdade — ele deu de ombros, como se isso não fosse nada demais, e então roçou as costas da mão em meu rosto, em uma carícia suave.

— E tem medo de esquilos. — insisti, tocando a ponta do seu nariz com o meu. — Principalmente os voadores.

Um sorriso torto pincelou seus lábios. Chewie deixou uma mordidinha no meu queixo antes de responder: — Coisa que eu negaria até a morte se você ousasse falar para alguém.

— Você acha mesmo que em todos esses anos eu não contei para ninguém? Mesmo, mesmo?

Adônis estreitou os olhos, de maneira ameaçadora.

— Estamos desviando do foco aqui. A questão é que eu encararia os mosquitos e até os esquilos voadores. Tudo isso por sua causa.

Quando dei por mim, um sorriso rasgava meus lábios. Lágrimas se acumularam nos olhos e fiz força para mantê-las lá.

— Tem certeza?

— Eu nem gosto tanto assim de neve. — Ele acenou com a mão no ar, fazendo pouco caso.

— É bonita, mas molha a gente e deixa um lamaçal horroroso. Acho que a neve é muito superestimada.

Enlacei seu pescoço, puxando-o para baixo. Deixei uma porção de beijinhos na sua boca, sentindo sua barba roçar no meu rosto.

— Te amo — falei, entre os beijos. — Te amo. — Mais alguns. — Amo muito.

Ele deu risada, aceitando o carinho de bom grado.

Quando dei por satisfeita e encerrei a explosão de beijos, Adônis soltou um suspiro satisfeito e perguntou, com a voz tranquila:

— Mais algum teste com meu pobre coração, ou podemos nos unir aos caras para fazer nossa incrível ceia de pizza?

Torci os lábios, em uma careta envergonhada.

— Na verdade, tem, sim, outra coisa que eu queria te contar.

Ele separou os lábios, fingindo surpresa.

— Nossa, eu estou começando a entender. Você quer mesmo me matar!

— Isso está fora de questão — falei. — Quero contar sobre o amigo que eu fiz na Irlanda...



Capítulo 17 - Adônis

*Mas quando você sabe o que me dizer
Como pode ser tão natural
Em um instante, mesmo distante
A cabeça volta ao normal*

Cachorro Grande — Você me faz continuar

Dava para ver nos olhos de Rebecca o quanto aquilo era importante para ela. Embora, por alguma razão, tentasse fazer parecer que não era nada demais, além de uma simples visita, eu via nos pequenos sinais.

O primeiro e mais óbvio era seu hábito irritante de morder a própria boca. Mas, além dele, havia também seus braços, que não paravam quietos. Ela passava as mãos nos cabelos, descascava o esmalte das unhas, enfiava as mãos nos bolsos e cruzava os braços. Tudo em poucos minutos, só para recomeçar do zero outra vez.

— Fica calma, donzela — pedi, rindo, e segurei seus dois pulsos com uma mão só. — Estou ficando ansioso só de ver você assim.

— Não estou ansiosa — respondeu, empinando o nariz com teimosia.

— Aham. Dá pra notar mesmo.

— Só estou... curiosa. É, curiosa. Ele sempre ficava aqui — resmungou, olhando ao redor, por trás dos óculos.

Soltei seus braços para imitá-la. Escondi as mãos nos bolsos, procurando um cachorro com as características descritas. Roliço, peludo, branco, sem uma patinha. Mas não tinha animal nenhum ali. Só turistas andando por todos os lados, tirando fotos, conversando animados enquanto apontavam para a torre de pedra.

Já contava uns bons minutos que estávamos ali. Andamos por toda a região, os olhos afiados em busca de seu novo amigo, mas ele não estava lá. Olhei para Rebecca com atenção e percebi outra coisa além do nervosismo — ela parecia prestes a chorar.

Estreitei os olhos, unindo as sobrancelhas. Curioso e um pouco perplexo, tentei refletir a respeito. A razão para aquele cachorro, que ela tinha visto pouquíssimas vezes, ser tão importante.

Então, inevitavelmente, pensei em mim mesmo e, pela primeira vez em semanas, em Castiel. Lembrei de quando o achei no bueiro. Eu não queria encontrar Castiel. Não procurei por ele. Foi um simples acaso. Ele apenas apareceu. Precisava de mim tanto quanto eu precisava dele. E tê-lo comigo foi essencial. Às vezes ele parecia ser o único no mundo a me entender.

Por muitos anos, ele foi o meu melhor amigo. Me amou de maneira incondicional, sem pedir nada em troca. Não tinha tempo ruim para nós dois. Ele apenas continuava lá, e tudo que exigia em troca era reciprocidade.

Castiel foi fundamental para que eu não enlouquecesse. Para que não me sentisse solitário. Para que não deixasse a tristeza me arrastar para as profundezas.

Isso se repetia agora, com o cachorro. Becca não procurou por ele. Mas, agora que o tinha encontrado, percebeu o quanto precisava de sua companhia. Coisas assim não acontecem por acaso.

Coloquei a mão em seu ombro direito. Ela deu um pulinho de susto, buscando meus olhos com os seus. Brilhavam com intensidade.

— Vamos descobrir se mais alguém viu ele. — Sorri para tranquilizá-la.

Ela devolveu o sorriso. E foi um daqueles responsáveis por roubar o ar dos pulmões. Como é linda. Seus lábios rosados pelo frio se abriram tanto que pareciam prestes a tocar as orelhas. Becca tinha mania de encaixar a pontinha da língua entre os dentes de cima e de baixo. Por sorrisos como esse eu poderia percorrer o mundo inteiro atrás do que ela quisesse. Eu era viciado neles.

Assentindo, ela esticou a mão, entrelaçando os dedos nos meus.

— Vamos. Ele não pode estar muito longe.

Entramos em, pelo menos, dez lugares. Todo mundo nas redondezas já tinha visto o cachorro. Ele está sempre por aqui, respondiam, quase como se fosse combinado. Mas ninguém sabia apontar o que tinha acontecido com ele, nem quando.

— Talvez ele tenha ido pra outras bandas — disse um dos seguranças da torre, dando de ombros.

— Será que ninguém adotou ele, não? — perguntou uma senhora miúda, dona de um bar nas redondezas — Vira e mexe eu via alguém fazendo carinho nele... não tinha um que não virasse a cabeça para dar uma espiada. Com certeza deve ter sido adotado.

A expressão de Rebecca só piorava, conforme constatávamos o óbvio — as pessoas estavam ocupadas demais cuidando de sua vida para reparar no cachorro abandonado que vivia por ali. E,

embora estivéssemos dando o nosso melhor para encontrá-lo, era difícil tendo em vista que ninguém fazia a menor ideia do que tinha acontecido.

Continuamos tentando, embora minhas esperanças já tivessem se esvaído há algum tempo. Depois de mais um punhado de respostas vagas, Rebecca balançou a cabeça, soltando um suspiro pesado.

— Deixa pra lá. — falou, abanando a mão no ar. — Não estamos indo pra lugar nenhum.

Tateei os bolsos a procura da carteira de cigarros e acendi um. Fui tomado pelo alívio característico da nicotina na corrente sanguínea. Fechei os olhos por um momento, segurando a ponte do nariz.

— Eu nunca tinha visto um cachorro na rua antes — comentei, de olhos ainda fechados, aproveitando aquela paz artificial e muito relaxante.

— Quê? — ela nem tentou esconder a confusão.

— Aqui em Waterford. Nunca tinha visto um cachorro na rua antes. Nem gato, nem nada.

— Ah, é? — indagou, parecendo mais interessada. — Na verdade, nem eu. Foi a primeira vez. Que estranho, né? — Rebecca parou de falar, como se tivesse acabado de lhe ocorrer a mesma coisa que eu me perguntava. — Você acha que é porque as pessoas são mais conscientes aqui, ou é outra coisa?

— Não sei. — Encolhi os ombros, abrindo os olhos. — Vamos perguntar.

Sua expressão era uma mistura de indecisão com ceticismo. Eu a conhecia bem o suficiente para saber que já tinha desistido.

— Vai adiantar alguma coisa? Nós passamos a última hora inteira perguntando.

— Mal não vai fazer.

E, assim, voltamos à torre. O segurança com quem tínhamos conversado permanecia lá e acenou assim que nos viu.

— Conseguiram descobrir alguma coisa? — perguntou. Parecia mais curioso do que solícito.

— Na verdade, não. — Passei as mãos na barba. — Mas andei pensando. Tem algum abrigo para animais abandonados aqui na cidade, ou algo assim?

Ele abriu os lábios e arqueou as sobrancelhas, como se tivesse acabado de lembrar de um detalhe que estava bem diante dos seus olhos o tempo todo. E então nos explicou que tinha, sim, um abrigo. Nos contou que eles recolhiam os poucos animais abandonados na rua, já que a maioria era levado direto para lá, pelas próprias famílias.

Que coisa triste.

Agradei, pedindo o endereço, e então ele fez uma expressão estranha.

— Mas se o cachorro que estão procurando foi levado para lá, acho que a essa altura já vai ser tarde.

— Como assim, tarde? — Rebecca perguntou, empertigando-se no lugar.

Crispei os lábios, temendo a resposta.

O segurança olhou de mim para ela três vezes, com um sorriso amarelado. Ele limpou a garganta antes de perguntar:

— Vocês não são daqui? — Negamos ao mesmo tempo. Ele assentiu, ficando mais sem graça a cada segundo. — A lei obriga que as organizações mantenham os animais abandonados vivos por até 5 dias.

Ele ficou nos olhando, com uma cara que dizia sinto muito.

Oh, merda.

Estralei os dedos das mãos, buscando Rebecca com o olhar. Ela piscou algumas vezes, sem parecer entender.

— Tá — falou, de repente. — E depois?

— Depois eles... hum... eles são sacrificados.

— Eles... o quê?! — indagou, aumentando o tom de voz. — Sacrificados?! — repetiu. — Está me dizendo que os animais são resgatados só para serem mortos depois?

— Donzela... — chamei, esticando a mão para pegar a dela, mas Rebecca se afastou, avançando um passo em direção ao segurança.

Ele ergueu as mãos no ar, entortando as sobrancelhas para baixo.

— Sinto muito, eu só...

— Não dá para acreditar numa coisa dessas, sabia? — ela rosnava, como se o homem em nossa frente matasse animais indefesos nas horas vagas. — Qual a diferença de um animal pra gente? Eles também são seres vivos, tá bom? Nós não somos melhores do que eles, droga.

— Amor! — exclamei, um pouco chocado ao ver seus olhos explodindo em lágrimas. Girei o tronco para encarar o segurança pela última vez. Ele parecia tão chocado quanto eu. — Obrigado, e... sinto muito. Esse cachorro é importante pra ela.

— S-sem problemas — respondeu. Sua cara era de quem nunca mais, em toda a vida, responderia pessoas na rua.

Ela apertou o passo em direção ao carro, abraçando o próprio corpo. Corri para alcançá-la.

— Me espera, por favor — pedi, a poucos centímetros dela. Rebecca me atendeu, girando o corpo para ficar de frente para mim. Aprisionei-a com meus braços, apoiando-me no carro e a forçando a recostar-se contra ele.

Faltava muito pouco para que a ponta do meu nariz tocasse na dela. Minha respiração fazia as lentes de seus óculos embaçarem. Rebecca fugiu do meu olhar, como estivesse envergonhada.

— O que foi isso que acabou de acontecer? — perguntei, afagando seu rosto com as costas da mão.

Ela deu de ombros, raspando a ponta do sapato no chão.

— Ei — chamei outra vez, segurando seu rosto com as duas mãos, para que ela me encarasse. — Alguma coisa aconteceu.

— É que... caramba, eu tive a chance de levar ele pra casa. — Ela desatou a falar. Cuspindo as palavras tão rápido que nem parecia ter tempo para respirar. — Eu tive, Chewie! E não quis. Quer dizer, até pensei a respeito. Ele mexeu comigo. Mas não eu tinha certeza... sei lá. Fiquei com medo. Achei que era muito cedo pra ter um bichinho novo, por causa... d-do... Castiel. — Ela mordeu o lábio inferior, dando uma risadinha irônica. — E agora ele está morto. Foi sacrificado. Sacrificado! Dá para acreditar nesse absurdo? — Rebecca bateu com as mãos nas pernas. — Meu

Deus, que coisa horrorosa. Podia ter sido diferente. O destino dele estava nas minhas mãos, mas eu não fiz nada a respeito.

Passei os polegares pelo seu rosto, tentando acalmá-la.

— Respira, donzela. Você está ficando roxa — brinquei. A sombra de um sorriso surgiu em seus lábios, arrancando um pedaço do peso dos meus ombros. — Ok, vamos por partes: não é culpa sua se o cachorro tiver mesmo morto. Pode ter acontecido um milhão de coisas. Alguém pode ter atropelado ele. Ou então ele foi abduzido por alienígenas que querem fazer testes nos animais terrestres. Também tem a opção dele ser um cachorro jedi que encontrou a luz — arregalei os olhos, como se dissesse que essa, com certeza era a alternativa certa.

Dessa vez ela deu uma risada mesmo. Sua expressão relaxou, enquanto desferia um tapa em meu peito.

— Espero que ele tenha sido assim — murmurou.

— Mas nós nem sabemos se ele está mesmo morto. Tudo o que sabemos é que ele tem 5 dias de vida no abrigo. Mas quem garante que ele não foi pego ontem?

— Eu sei que você está tentando ser otimista. Mas, Chewie...

— Shhhhhh — pressionei meu indicador sobre sua boca. — Não vamos surtar antes da hora. Depois, tudo bem. Agora, não. Estamos combinados? — Ela começou a abrir a boca para falar. — Não, não, não! Nem pense nisso, donzela. Você está proibida de falar. Não quero mais nem um a. Nem unzinho. Está de castigo até chegarmos no abrigo. Ok?

Rebecca me encarou com seus olhos de cor de pistache, um sorriso teimoso cismando em permanecer nos lábios. Ela uniu os dedos indicador e polegar e fingiu passar um zíper na própria boca, assentindo para mim.

— Muito bem — encorajei, com um sorriso no rosto.



Capítulo 18 - Adônis

*Eu encontrei uma mulher mais forte
Do que qualquer pessoa
Ela compartilha os meus sonhos
(...)*

*Seja a minha garota, serei seu homem
Eu vejo meu futuro em seus olhos*

Ed Sheeran — Perfect

Voltamos ao carro em um silêncio tenso. Joguei o endereço no GPS do celular, tamborilando os dedos no volante.

Por favor, esteja vivo.

Eu tentava ser otimista por causa dela, embora as chances estivessem contra nós. Tinha sido um ano complicado. Eu só queria arrumar todos os motivos possíveis para fazê-la feliz. Porque, no fim das contas, isso era o que mais me importava no mundo inteirinho. O resto ficava pequeno perto da minha necessidade de cuidar dela e garantir que as coisas dessem certo. Era só uma forma de retribuir. Se eu me sentia tão vivo agora, um pouco disso era graças a ela. Antes eu só me empurrava, cansado demais depois de apanhar tanto da vida. Mas agora era diferente.

Além do mais, vi de perto a luz se apagar dos seus olhos ao longo de tantos meses. Logo Rebecca, sempre tão cheia de energia. Quase era possível ouvir o estalar correndo em suas veias. E por essa razão foi tão assustador presenciá-la murchar como uma flor, diante dos meus olhos, sem conseguir fazer nada para arrancá-la daquela situação.

Eu me sentia grato pra cacete por ela estar voltando aos poucos. Mas a perspectiva de um novo baque me assustava. Meu coração batucava frenético no peito, porque apesar de estar disposto a fazer tudo por ela, isso não dependia de mim. Só me restava torcer para que o cachorro estivesse vivo. O que também não dependia muito dele.

Vamos lá, olhei para o céu de relance, preciso de uma ajudinha.

Pela visão periférica, observei Rebecca, tentando descobrir um pouco sobre o seu estado de espírito. Com o cotovelo apoiado na janela, ela sustentava o rosto na mão. Os óculos tinham escorregado para a pontinha do nariz sem ela perceber. Pareciam prestes a despencar do rosto. Sua expressão dura denunciava o quanto ela remoía tudo isso por dentro. Os olhos miravam para fora, mas eu sabia que não estavam atentos ao caminho. Estavam distantes, apagados.

Respirei fundo, apertando o volante como se isso fosse resolver todos os meus problemas. Então, pelo resto do percurso, repeti um mantra comigo mesmo, esperançoso de que isso fosse me ajudar.

Por favor, esteja vivo.

Só quero que você esteja vivo.

Nem me importo se você for o cachorro mais desobediente do mundo e comer todas as minhas coisas. Só esteja vivo.

O nervosismo subia em espirais. Eu tinha acabado de fumar e já queria parar o carro e acender mais um cigarro. Era impossível ignorar a tensão. Ela sufocava. Eu odiava estar naquela posição, de não saber como o dia acabaria. Podia ter um desfecho fantástico, como eu desejava com certo desespero. Nele, nós dois encontraríamos o cachorro logo ao entrar no abrigo. Ele viria correndo de encontro à Becca e saltaria em seu colo, de onde não sairia mais. Em meio a risadas de alívio e felicidade, acertaríamos os detalhes o levaríamos de volta para casa. Felizes, leves, animados.

Ou, poderia ter o outro desfecho. E isso me assustava. Nele, o sorriso seria substituído por lágrimas. Eu quase podia antever a expressão desolada dela, e então precisaria lidar com seus lábios ficando mais e mais machucados, sem que eu pudesse fazer nada para parar com aquele hábito terrível, que me tirava do sério.

Estacionei o carro em frente ao endereço indicado pelo segurança. Tratava-se de uma construção singela. Eu teria passado em frente mil vezes, sem nunca desconfiar que não era apenas uma casa, como aparentava.

Protegida por uma grade frágil, que circundava todo o terreno, a casa grandalhona e comprida, metade azul marinho e metade branca, tinha uma portinha de vidro no meio e duas janelinhas de cada lado. A fachada era simples — como todo o resto. O quintal amplo de grama morta conferia um ar melancólico para o lugar, que somava ao fato de não ter ninguém do lado de fora.

— Meu castigo já acabou? — Becca quebrou o silêncio.

Olhei para ela e me surpreendi ao me deparar com sua expressão travessa.

— Humm, tudo bem. Está liberada. — Ela abriu a boca para falar. Ergui o dedo em riste no ar, arqueando as sobrancelhas. — Mas, se for qualquer comentário sobre meu deus do céu, meu

cachorrinho morreu, você está ferrada. Eu juro.

Ela revirou os olhos, repousando a mão sobre a maçaneta, os lábios entreabertos.

— Que foi? — perguntei, rindo. — Que cara é essa?

— Nada. Só estou pensando que eu devia ter escolhido meu marido melhor. — provocou, saindo do carro em seguida.

— Ah, é? — perguntei, já do lado de fora, ao me deparar com seus olhos verdes me fitando ansiosos. Seu sorriso se alargou e a expressão debochada iluminou seu rosto, até então tenso e preocupado.

— Estou quase morrendo por causa desse cachorro e você está fazendo piada com o meu sofrimento.

Abri um sorriso e ela retribuiu. Contornei o carro e parei atrás dela, passando os braços ao redor do seu corpo e a abraçando por trás. Recostei o queixo em seu ombro direito.

— Vai dar tudo certo — falei, embora não tivesse tanta certeza assim. — Preparada?

Rebecca descansou os braços sobre os meus e soltou o peso do corpo, apoiando-se por completo em mim.

— Acho que sim... não sei.

— Vamos fazer como um band-aid, então, e puxar de uma só vez — dito isso, a empurrei para frente com o meu próprio corpo.

Desajeitadamente, percorremos a curta distância até o portão. O lugar era de um silêncio desconcertante, como se não tivesse uma única alma viva lá dentro. Engoli em seco, preparando-me para o pior. Embora estivesse tentando ser otimista, cada vez menos acreditava em um final feliz para aquela história.

Fiquei tão distraído pensando no que faria para manter o sorriso em seu rosto quando ela recebesse a notícia de que o cachorro fora sacrificado, nem percebi que permanecíamos plantados no lugar.

Pigarreei, desconcertado. Incerto sobre como agir, empurrei o portão, encontrando-o aberto. Rebecca e eu trocamos um olhar e, sem dizer palavra alguma, seguimos andando sem jeito pelo caminho de cascalho que atravessava a grama.

Aumentei a força nos braços, oferecendo o conforto que ela precisava. Eu só conseguia lamentar que a porcaria do cachorro tivesse cruzado o caminho dela e depois dado o azar de morrer.

Como se ele tivesse culpa...

Balancei a cabeça quando alcançamos a porta de entrada. Relutante, soltei Rebecca, parando ao seu lado. Bati com os nós dos dedos na porta de vidro e o barulho pareceu estrondoso naquele silêncio. Semelhante à quando se deixa algo cair na calada da noite. Parecia que o mundo inteiro tinha ouvido os toquinhos que eu desferi contra a superfície gelada.

Coei a nuca antes de tomar a mão dela, entrelaçando nossos dedos. Não demorou muito para sermos recebidos por uma mulher. Ela era baixa e corpulenta, os cabelos presos em um rabo estavam soltando em vários pontos, como se ela não tivesse tempo para arrumá-los outra vez.

Ela nos cumprimentou, encarando-nos com um olhar curioso. Por cima dos ombros dela, descobri que, apesar do silêncio exterior, o lado de dentro estava no ápice de suas atividades. As

peessoas andavam de um lado para o outro, cheias de afazeres.

Rebecca e eu nos apresentamos, e então expliquei o motivo que nos levara até lá. Que ela tinha encontrado um cachorro na rua antes do natal e se apaixonado por ele. E, como achávamos que ele podia estar ali, fomos buscá-lo.

— Ah, certo. Como ele é? — perguntou a mulher, dirigindo-se à Becca, enquanto fazia um sinal para entrarmos.

— Ele é branco, porte médio... — respondeu, e percebi seu nervosismo. Eu também estava nervoso, embora minha preocupação não fosse nem de longe com ele. Isso não fazia de mim o cara mais legal do mundo, eu sabia, mas não mudava o fato de que estava ali apenas pela minha mulher. Nada mais no mundo me importava naquele momento. — E não tem uma patinha. — explicou, a voz baixa e um pouco trêmula.

A mulher uniu as sobrancelhas, com uma expressão confusa, de quem tentava resgatar na memória sem nenhum sucesso.

— Bom, são muitos animais, como vocês verão — explicou, fechando a porta e tratando de marchar em nossa frente. — Mas me acompanhem, por favor. Assim vocês mesmos podem procurar. Meu nome é Maureen, a propósito.

O interior do abrigo estava, se era possível, ainda mais frio. Estremeci, escondendo a mão livre no bolso. Fiz uma varredura pelo lugar — as acomodações eram tão simples quando a fachada indicava. Salinhas mal iluminadas se espalhavam por todos os lados, com mesões metálicos e prateleiras lotadas de remédios. Engoli em seco, balançando a cabeça para afastar a imagem que aquele ambiente evocava. Desde a morte do Castiel, só pensar em um veterinário já me causava arrepios. Eu me lembrava de todo o turbilhão de emoções e, no mesmo instante, sentia um nó imenso na garganta, que me impedia de respirar.

Naquele dia, prometi para mim mesmo que nunca mais teria bichinho nenhum. O amor deles era surreal — eu costumava dizer que os humanos não mereciam os animais —, mas a dor da despedida era grande demais para suportar. Mesmo depois de tantos meses sem Castiel, meu coração se apertava até ficar do tamanho de um grão de mostarda. Eu sabia, certo como o ar entrando em meus pulmões, que essa dor jamais passaria por completo. Ela sempre viria nos momentos em que eu resgatasse as imagens dele na memória. E mesmo assim, ali estávamos nós. Tensos, nos corredores de um abrigo, sem saber se o amigo de Rebecca estaria lá ou não.

Passamos por uma sala com a porta fechada e os latidos que vieram lá de dentro fizeram Rebecca parar por um segundo e espalmar o coração. Eu não podia julgá-la, também tinha me assustado. Segurei seus ombros, crispando os lábios enquanto espiava Maureen pelo canto dos olhos. Ela nem mesmo aparentava ter ouvido os latidos. Em vez disso, nos explicava o procedimento necessário para adotar um bichinho. Pelo que parecia, ter um cachorro naquele país era muito mais burocrático — e caro — que ter um gato. Além da licença, tinha um punhado de laudos que precisaríamos providenciar.

Maureen nos levou para um imenso corredor, ladeado por grades que iam até o teto. Tossi, sem conseguir respirar com o cheiro forte.

— Podem ficar à vontade — falou, e abriu um sorriso gentil. — Não tenham pressa. Se precisarem de mim, estou na quinta sala a esquerda — Enquanto falava, ela apontou com a mão, mostrando.

— Obrigada — Becca respondeu e, para minha surpresa, sua voz tinha voltado ao normal.

Olhei para ela e a encontrei com o nariz empinado, quase com petulância, como se desafiasse o universo. Foi impossível não sorrir. Agarrei sua mão outra vez, entrelaçando nossos dedos. Ela me olhou, exasperada. Parecia ter esquecido de mim por um momento.

— Tudo bem por aí? — perguntei, só para garantir.

— Tudo. Vamos achar essa bolinha de pelos.

— Vamos — respondi, deixando um beijo no topo de sua cabeça.

Andamos devagar, passeando os olhos sem pressa pelas grades. O problema é que tinha mais de um bicho em cada uma. Às vezes, meus olhos batiam em um cachorro com uma das características descritas por ela, mas então eu prestava mais atenção e percebia que ele tinha todas as patas.

Avançamos pelo corredor de mãos dadas. Em certo ponto, meu nariz se acostumou com o cheiro e não foi tão difícil respirar. Rebecca não disse uma palavra, mas, em compensação, sua cabeça ia de um lado para o outro, os olhos ligeiros em tentar encontrar o cachorro. Esperançosos. Senti uma guinada no peito, começando a bolar estratégias para o caso de descobrirmos o pior. O corredor chegava ao fim e nada. Apertei sua mão com um pouquinho mais de força, só para lembrá-la de que estava ali.

— Talvez... — comecei, mas deixei minha voz morrer no ar quando ela me soltou e correu em direção a última grade.

Mas mal tive chance de ficar aliviado, pois ela logo girou nos calcanhares, se voltando para mim com uma expressão desolada.

— Pensei... achei... — ela deu de ombros, fazendo um gesto de deixa para lá com a mão. — Parecia ele de longe — sussurrou, sem esconder o quanto ficou magoada.

Também pudera, tínhamos chegado ao fim do corredor. Puxei ela para um abraço, enterrando o rosto em seus cabelos.

— Quer dar outra volta? — perguntei, e minha voz saiu estranhamente calma. — Talvez ele tenha passado batido.

Rebecca respirou fundo, enrijecendo sob meu abraço.

— Isso é uma tortura, Chewie. — choramingou. — Será que não existe um documento, algum registro? Eu preciso saber. Preciso.

— Fica calma, tá? — pedi, soltando-a. — Vai dar tudo certo. Só vamos... olhar melhor.

Ela ajeitou os óculos no rosto, fitando-me com ternura. Enxerguei gratidão por trás de seu olhar. Gratidão por eu continuar do seu lado. Mas será que ela não via? Essa era a única coisa no mundo que eu jamais deixaria de fazer.

— Sei que parece uma coisa boba, pequena, mas... É só que... — sua voz morreu no ar.

— As coisas pequenas são as que precisam de mais atenção, donzela. Porque elas são frágeis. Mas o valor não é estimado pelo tamanho. — Sorri, porque acreditava em cada uma

daquelas palavras. E queria que ela acreditasse também. — O valor é estimado pelo quanto nos fazem felizes. E se esse pulguento te faz tão feliz assim, nós vamos sair daqui com ele, ouviu?

Ela abriu um sorriso tímido e raspou a ponta do tênis no chão.

— Você sempre sabe as coisas certas para dizer.

— Isso é porque sou muito inteligente — brinquei e consegui arrancar uma risadinha dela.

Fizemos o percurso outras duas vezes, até concluirmos o óbvio — ele não estava ali. Sugeri que perguntássemos um pouco mais para Maureen e isso serviu como um novo fio de esperança para Becca.

Estamos fodidos.

Fodidos.

Não sei o que fazer.

Por dentro estava em pânico, mas por fora eu só deixei transparecer calma. Era o melhor que eu podia fazer por ela.

De mãos dadas, seguimos pelo corredor, em direção à sala de Maureen. Passamos pela porta de onde tinham saído os latidos antes e, pela segunda vez, eles recomeçaram. Pulei de susto quando a porta foi aberta em um rompante e um homem na casa dos cinquenta apareceu pela fresta, com uma expressão curiosa. Ele usava um jaleco branco e seu rosto com olheiras profundas parecia cansado.

Não tive tempo de entender o que estava acontecendo. Foi tudo muito rápido. Em um segundo, Rebecca apertava minha mão com força. No segundo seguinte, ela corria para dentro da sala, aos berros:

— AH, MEU DEUS, NÃO ACREDITO! NÃO PODE SER!

Fiquei paralisado no lugar, incapaz de fazer qualquer coisa além de observar os dois. O veterinário também parecia estar naquele estranho transe, porque não moveu um músculo.

Eu não precisava pensar muito para deduzir que aquele era o bendito cachorro, a alegria de Becca entregava os pontos. E, por incrível que pareça, a dele também. No entanto, bastaram meus olhos recaírem sobre ele que não restou nenhuma dúvida. Os pelos brancos, as orelhas escuras, a patinha amputada.

Ela o envolveu com os braços, esmagando-o contra o peito, enquanto seus olhos explodiam em lágrimas. O cachorro não parava de latir. Estava ensandecido, como se encontrar Rebecca fosse a melhor coisa no mundo inteiro.

Passei as mãos no rosto, ainda trêmulo. Eu achava que era impossível essa história ter um desfecho feliz. Já tinha entregado os pontos. E então, a vida me surpreendeu.

— É de vocês? — perguntou o veterinário, de repente, buscando-me para a realidade.

Olhei para ele, encontrando seus olhos escuros.

— Não... Pelo menos não ainda. Viemos buscá-lo. — Ao notar a dúvida em seu rosto, concluí: — Eles se conheceram na rua. Ela ficou um pouco em dúvida, nosso gato morreu esse ano. Mas acabou percebendo que era a coisa certa a fazer. — Sorri, balançando a cabeça para tentar organizar os pensamentos. — Ficamos com medo de que fosse tarde.

— Ele chegou há dois dias — explicou, cruzando os braços sobre o peito. — Amanheceu doente. Nem parece o mesmo cachorro... — A sombra de um sorriso pincelou seus lábios. — Ele ficou agitado de repente. Da primeira vez deixei passar, mas na segunda fiquei curioso. Foram vocês, não é?

— Foi ela — busquei Rebecca com o olhar, sentindo um quentinho de ternura subir pelo meu peito e atingir o rosto.

— Isso é bom — Ele parecia pensar em voz alta. — Ele não teria a menor chance por aqui... — sua voz morreu no ar, e ele crispou os lábios.

Recostei-me no batente da porta, sendo atraído outra vez para a pessoa que eu mais amava no mundo inteiro. Ela acariciava a barriguinha do cachorro, que parecia extasiado em tê-la ali.

Vai ficar tudo bem.



Epílogo - Adônis

*A felicidade vem nos microssegundos
A paz de verdade anda aí pelo mundo*

Mallu Magalhães — Vai e Vem

— Anda, dorminhoca — chacoalhei seu ombro, com um sorriso no rosto. — Você precisa acordar.

Rebecca não mexeu um músculo. Apenas continuou ressonando tranquilamente, embora já passasse do meio dia.

— Ei. Acorda. — pedi. Eu já tinha tentado de todas as maneiras possíveis: com beijos, com carícias em seus cabelos, com palavras carinhosas. Nem mesmo a chacoalhada surtiu efeito. Só me restavam as cocegas. — Nós já estamos prontos, Becca. Eu e o Han Solo.

Revirei os olhos, como sempre fazia quando era forçado a repetir o nome dele. Rebecca achou que seria uma ótima sacada colocar esse nome no cachorro, já que no filme ele e o Chewbacca eram inseparáveis. Me senti ultrajado por precisar compartilhar meu apelido com o pulguento. Além do mais, minha opção — Velociraptor — era bem melhor. Tentei argumentar tanto quanto foi possível, mas ela era teimosa. Não adiantou. Rebecca enfiou na cabeça que ele ia chamar Han Solo e o que mais eu poderia fazer além de aceitar?

Como se tivesse lido meus pensamentos, Han abanou o rabo e deu três pulos, excitado ao lado da cama. Dava para ver que ele não aguentaria mais um segundo dentro de casa. Precisava sair para queimar toda aquela energia acumulada. O cachorro era o próprio demônio. Ele até podia enganar com o seu tamanho e sua carinha de anjo, mas isso não mudava seu poder de destruição. Já fazia pouco mais de três meses desde o dia em que o achamos no abrigo, na Irlanda. E, desde então, Han destruiu pelo menos dez pares de sapatos, além de sete livros, três potinhos de ração e, para o nosso desespero, o braço do sofá.

E mesmo assim, eu não conseguia ficar bravo com ele. Até poderia, afinal, tinha muitos motivos. Mas era só ver o brilho no olhar de Rebecca que eu mudava de ideia na hora. Valia a pena. Às vezes eu saía para treinar e, quando voltava, suas risadas deliciosas me encontravam no corredor. Eu abria a porta de casa com um sorriso que ia de orelha a orelha, porque, caramba, era mil vezes melhor encontrá-la assim. Então, mesmo se o cachorro quisesse roer a casa inteira, eu não esquentaria. Não daria a mínima. Desde que Rebecca continuasse bem, ele poderia me roer se quisesse.

— Han — chamei, e ele latiu mais duas vezes. — Acorda sua mamãe, por favor. Ou então ela vai dormir até amanhã.

— Mmmm hummm — murmurou ela, de repente.

— O quê? — me inclinei para frente.

— É isso mesmo que vou fazer — repetiu, com mais clareza, porém seus olhos permaneceram fechados. — Dormir até amanhã.

— Não vai, não. Está um dia lindo lá fora e você prometeu que íamos correr juntos.

— Ahhhh, Chewie! — protestou, unindo as sobrancelhas. — Correr? Nesse calor?

— Quem quis voltar para o Brasil foi você, Becca — provoquei, e ela abriu um sorriso travesso. — Acorda, vai. Ou você vai precisar arcar com as consequências.

Minhas palavras pairaram pelo ar, seguidas de um silêncio momentâneo. Estava ponderando se ela tinha voltado a dormir, quando Rebecca perguntou:

— Que consequências?

— Não vou falar — respondi categoricamente.

— Então vou esperar pra ver.

Deixei escapar uma risadinha incrédula, aproveitando para me sentar na beirada da cama.

— Ah, é? — indaguei.

Ela murmurou um sim e, como resposta, enterrei meus dedos em suas costelas. Becca se contorceu inteira, soltando uma sucessão de gritinhos agudos. Mas, em vez de parar, eu passeava ainda mais rápido os dedos pela pele morna da sua barriga.

Rebecca abriu os olhos e enfim pude ver suas íris de pistache. Ela começava a ficar ofegante e seus olhos lacrimejavam, como se fosse pura tortura ter meus dedos em sua pele.

Ri junto dela, ao passo em que Han Solo latia com certo desespero ao lado da cama, sem saber que aquilo era uma brincadeira. Ele sempre ficava tenso em situações assim.

— Vem cá, Han. — Chamei, batendo com uma mão no colchão. — Me ajuda a acordar essa preguiçosa!

Ele obedeceu, pulando no colchão, onde fez a festa. Pulando de um lado para o outro, Han latiu como se sua missão na terra fosse nos deixar surdos. Bom, ele estava no caminho certo.

— Sai pra lá... seu... carrasco — Becca murmurou, com dificuldade, tentando se soltar de mim.

— Hum, hum.

Arqueei as sobrancelhas e, como resposta, intensifiquei ainda mais as cócegas. Suas pernas se juntaram ao meu redor, me enlaçando. Nem tive tempo de pensar, quando vi já estávamos rolando na cama. Becca parou em cima de mim, sentada na minha barriga. Um sorriso vitorioso rasgou seus lábios, enquanto ela me encarava de cima.

— Minha vez — falou, antes de avançar com as mãos para minha barriga.

Fingi que bocejava, enquanto segurava seus pulsos, sem deixar que ela me tocasse.

— Eiii! Não é justo!

— Claro que é. Não conhece as leis de Darwin? O mais forte vence.

E, antes que ela pudesse protestar, puxei seu punho para frente, forçando-a a inclinar o tronco. Deixei um selinho em seus lábios, encostando minha testa na dela. Han Solo soltou mais um punhado de latidos antes de se aninhar junto de nós, repousando sua cabeça no meu joelho. Foi então que o tempo congelou como estava.

Senti como se tivesse desprendido do meu corpo, experimentado uma sensação extracorpórea. De fora, pude observar e sentir todos os detalhes até então alheios. Como a brisa suave chacoalhando as cortinas e acariciando minha pele com suavidade. Ou então os feixes de luz que formavam desenhos geométricos nas paredes e delineavam o contorno de nossos corpos. Também havia o peso de Rebecca sobre a minha barriga. Não estava muito confortável, mas ao mesmo tempo eu não queria mexer um único músculo para mudar a posição. Seu perfume doce me envolvia e acalentava. Os pelos macios de Han aqueceram o meu joelho esquerdo e, no ápice daquele quentinho gostoso se expandindo pelo meu corpo, me perguntei se eu merecia tanto.

Então eu soube. Estava vivendo um daqueles momentos que ficam para sempre na memória. Um daqueles momentos em que a felicidade dá um tapinha no seu ombro e te mostra todas as coisas maravilhosas acontecendo bem diante dos seus olhos. Não são coisas grandiosas. Ah, não, muito pelo contrário. As coisas que mais importam são as pequenas. Aquelas que você deixa passar batido, mas sem as quais não suportaria um único dia.

A felicidade, afinal, mora nos lugares mais inusitados. Como ficar na cama com a sua família até mais tarde; planejar uma caminhada; ser surpreendido em um quarto de hotel para o melhor natal da sua vida; enxergar vivacidade outra vez nos olhos da pessoa que você mais ama no mundo inteiro. A felicidade mora nas dificuldades também. Nos desafios. E até mesmo quando tudo parece sair do eixo. Porque é quando você descobre quem é de verdade e quem não é. É quando você descobre quanta força abriga dentro de si. É quando descobre quão poderoso é o amor e quão importante são as pessoas em sua vida.

A verdade é que a felicidade está em toda parte. Basta que tenhamos inteligência o bastante para enxergar o que de fato importa.

As pequenas coisas.

Sempre elas.

Fim

Agradecimentos

As pessoas adoram aquilo que os outros fazem com paixão.

Ouvi essa frase no filme La La Land, no comecinho de 2017, e nada jamais fez tanto sentido para mim. Tomei essas palavras como verdade e, enquanto escrevia A Linguagem do Amor, não parei nem por um segundo de pensar nelas.

Eu sempre acreditei nisso. Quando decidi embarcar nessa profissão, prometi a mim mesma que, tudo que eu me propusesse a fazer, faria com amor. E esse livro não poderia ser diferente. Foram cinco longos meses de muitas emoções. Dias bons e ruins. Dias de risadas e lágrimas. Dias de incertezas. Mas, em todos eles, uma constante em comum — escrevi com muito amor, porque ansiava que a história da Rebecca e do Adônis tocasse vocês como fez comigo.

A recompensa de todo esse trabalho foi que isso aconteceu. Eles tocaram vocês.

A Linguagem do Amor figurou a lista de e-books mais vendidos do mês por nove meses consecutivos na Amazon. Ultrapassou o marco de 6 milhões de leituras e teve mais de 700 avaliações. No entanto, muito além disso, a quantidade de mensagens cheias de carinho que recebi foi coisa de outro mundo. Só de lembrar de todas as vezes em que me abordaram para agradecer pelo livro, meus olhos já enchem de lágrimas. Porque, caramba, se alguém precisa agradecer aqui sou eu! Nada faria o menor sentido sem o apoio de vocês. Vocês fazem parte da minha história e nunca vou cansar de dizer isso.

A minha forma de retribuir todo esse carinho foi mergulhando de cabeça outra vez com esse casal que tanto amo e é tão importante para mim. Doeí meu coração a eles em uma viagem um pouco mais curta, mas não menos intensa.

E claro, assim como em A Linguagem do Amor, nada disso seria possível sem o apoio de tantas outras pessoas. Um agradecimento especial à minha agente (ou mamaim literária), Alba Milena, pela inestimável ajuda, pela paciência e por me ensinar tanto. Charles Sereso, Ana Oro, Jéssica Miguel, Gilvana Rocha, Renata Sylndel, Nayane Vieira, e, principalmente, a você aí do outro lado da tela, que dispôs seu tempo para ler mais uma de minhas histórias. Eu jamais teria chegado aqui sem a ajuda de vocês, muito obrigada!

Espero que eles consigam tocar vocês de novo. Que esse reencontro seja maravilhoso e que vocês possam matar as saudades da Rebecca e do Adônis.

Grande beijo,

Lola Salgado.

Playlist

https://open.spotify.com/user/lolasalgado_/playlist/6oWfcPUkQ3U33Sb6rCVk5Q

Alok, Bruno Martini, Zeeba – Never let me go

Banda do Mar – Seja como for

Cachorro Grande – Você me faz continuar

Corinne Bailey Rae — Put your records on

Ed Sheeran – Perfect

Mallu Magalhães – Love You

Mallu Magalhães – Vai e vem

Zayn feat. Sia – Dusk till Dawn

Os paralamas do Sucesso – Aonde quer que eu vá

Rubel – Quando bate aquela saudade

The Beatles – And I love her

The Beatles – Any Time at all

The Beatles – Help!

The Flaming Lips – Do you realize??

The Lumineers – Stubborn Love

Yael Naim – New Soul

Young the giant – Cough Syrup

Sobre a Autora

Lola Salgado acredita fervorosamente que o sushi foi a melhor invenção da humanidade. Paranaense, ela gosta dos dias mais frescos, de café amargo e de histórias que mexem com seus sentimentos. Está em um relacionamento sério com os livros desde que se entende por gente e escreve porque alguém certa vez lhe disse que é assim que se faz magia.

Escorpiana nascida em novembro de 1993, Lola publicou seus primeiros livros na plataforma Wattpad, onde ganhou o prêmio internacional Wattys com uma de suas obras. Na Amazon, seus livros ultrapassam 10 milhões de leituras.

Você pode acompanhar o trabalho dela pelo [Facebook](#), [Instagram](#) ou [Twitter](#).



Não se esqueça de escrever uma avaliação, ela é muito importante!